



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Claudia de Souza Flores Borburema

**Biblioteca escolar – que espaço é este?**  
**Uma análise dos usos e funções da biblioteca escolar da**  
**Escola Municipal Monteiro Lobato, em Nova Iguaçu**

Duque de Caxias

2020

Claudia de Souza Flores Borburema

**Biblioteca escolar – que espaço é este? Uma análise dos usos e funções da biblioteca escolar da Escola Municipal Monteiro Lobato, em Nova Iguaçu**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção ao título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Escola e seus Sujeitos Sociais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Amélia Escotto do Amaral Ribeiro

Duque de Caxias

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

B726  
Tese

Borburema, Claudia de Souza Flores  
Biblioteca escolar - que espaço é este? Uma análise dos usos  
e funções da biblioteca escolar da Escola Municipal Monteiro  
Lobato, em Nova Iguaçu / Claudia de Souza Flores Borburema –  
2020.  
118 f.

Orientadora: Amélia Escotto do Amaral Ribeiro  
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada  
Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

1. Biblioteca escolar - Teses. 2. Incentivo à leitura - Teses. I.  
Ribeiro, Amélia Escolto do Amaral. II. Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III.  
Título.

CDU 027.8

Bibliotecária: Lucia Andrade CRB7 / 5272

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial  
desta dissertação, desde que citada a fonte.

-----  
Assinatura

-----  
Data

Claudia de Souza Flores Borburema

**Biblioteca escolar - que espaço é este?**  
**Uma análise dos usos e funções da biblioteca escolar da Escola Municipal**  
**Monteiro Lobato, em Nova Iguaçu**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Educação, Escola e seus Sujeitos Sociais.

Aprovada em 11 de março de 2020.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Amélia Escotto do Amaral Ribeiro (orientadora)  
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense– UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Crélia Penha Dias  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sonia Regina Mendes dos Santos  
Universidade Estácio de Sá

Duque de Caxias

2020

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, ao meu filho, ao meu esposo  
e aos meus familiares.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que sempre esteve ao meu lado. Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pela oportunidade concedida. A minha orientadora, professora Dra. Amélia Ribeiro, por me acompanhar nesta trajetória. Ao grupo de pesquisa GEALCS, pela parceria e companheirismo. Aos meus familiares, por me compreenderem e estarem sempre junto a mim nesta caminhada.

## RESUMO

BORBUREMA, C. S. F. **Biblioteca escolar - que espaço é este?** Uma análise dos usos e funções da biblioteca escolar da Escola Municipal Monteiro Lobato, em Nova Iguaçu. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) –Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

Este estudo trata dos usos e funções da biblioteca escolar na escola pública. A escolha desse tema encontra eco nas discussões sobre a importância da leitura e da formação do sujeito leitor. Tais discussões ampliam-se em um cenário onde, de um lado reconhece a importância da valorização da leitura e, de outro, mostra-se insatisfeito com a defasagem das aprendizagens da leitura no país. Os resultados da Avaliação Nacional de Alfabetização e do IDEB, por exemplo, apontam índices considerados insatisfatórios nesse campo. Embora os dados dessas aferições externas não retratem a realidade das escolas avaliadas, podem ser um indicativo, neste caso, sobre a promoção da leitura e formação do sujeito leitor. (CANDIDO 2004; LAJOLO, 1988; 1999; 2017; 2018, ZILBERMAN, 1988; 1999; 2017; 2018). Diante desse cenário, às escolas tem sido atribuída a responsabilidade de garantir tanto o gosto quanto a aprendizagem da leitura. É nesse contexto que a biblioteca escolar apresenta-se como um espaço privilegiado de socialização e de promoção da leitura. (KRUG, 2015, BATTLES, 2003; MEY, 2004; VALIO, 1999; ORIÁ, 2009). Assim, este estudo busca identificar de que modo a escola pública, especialmente na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, utiliza a biblioteca como estratégia para a promoção da formação do sujeito leitor. Dentre essas escolas, chamou a atenção a organização da biblioteca de uma escola da rede municipal de Nova Iguaçu-RJ. Consideram-se para orientar a reflexão: os processos de constituição das bibliotecas e das bibliotecas escolares no Brasil; as funções da biblioteca escolar; os modos de organização e funcionamento da biblioteca. Do ponto de vista metodológico, este estudo caracteriza-se pelo seu caráter qualitativo. A produção dos dados inspirou-se no paradigma indiciário (GISZBURG, 1989) que, dentre outras funções, auxilia no método interpretativo de sinais, pistas ou indícios fornecidos pelo objeto pesquisado. A apresentação dos dados estrutura-se a partir da descrição e análise de cenas percebidas quando da observação do espaço investigado. Dentre os resultados obtidos, chama a atenção, em se tratando das estratégias utilizadas pela escola alvo para promover um bom desempenho dos alunos no âmbito da leitura, que a mediação com boa qualidade, exercida por profissionais especializados na biblioteca, é de suma importância para a formação dos leitores, bem como para os usos e funções que ela fornece a todos os atores escolares. Em termos das funções desempenhadas pela biblioteca escolar, especialmente na escola pública, elas têm como eixo: a biblioteca como espaço de aprendizagem; a biblioteca como espaço de mediação; a biblioteca como espaço burocratizado; a biblioteca como espaço/lugar de passagem (leitura e empréstimo); a biblioteca como espaço punitivo; e a biblioteca como espaço de formação do leitor.

Palavras-chave: Biblioteca. Biblioteca escolar. Formação do leitor.

## ABSTRACT

BORBUREMA, C.S.F. **School Library – what space is this?** It's an analysis of the uses and the functions of the school library of the Municipal School Monteiro Lobato, in Nova Iguaçu. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

This work aims to explore the uses and functions of the school library in Brazilian public schools. The theme was decided based on discussions about the importance of reading and reader training. These discussions lie on scenario where it recognizes the importance of reading. In contrast, there is lack of reading comprehension capability over the students of the country. The results of National Standard Assessment and IDEB are unsatisfactory. Therefore, even these exams having some issues, considering the reality of public schools, are still indicatives of problems about reading promotion and reader training (CANDIDO 2004; LAJOLO, 1988; 1999; 2017; 2018, ZILBERMAN, 1988; 1999; 2017; 2018). Given this scenario, schools have been given the responsibility to ensure both taste and reading comprehension. In this context, the school library presents itself as a privileged space for socialization and reading promotion. (KRUG, 2015, BATTLES, 2003; MEY, 2004; VALIO, 1999; ORIÁ, 2009). Thus, this study aims to identify how public schools, especially in Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, use the school library as a strategy to promote the readers formation. Guiding the reflection, the processes of constitution of libraries and school libraries in Brazil were used; the functions of the school library; the ways in which the library is organized and functional. From the methodological point of view, this study is characterized by its qualitative perspective. Data production was inspired by the indiciary paradigm (GISZBURG, 1989). Among other functions, this paradigm assists in the interpretive method of clues or indications provided by the object studied. The presentation of the data is structured from the description and analysis of perceived scenes when observing the investigated space. The results show that the mediation and the works performed by the library professionals are the main tools to promote a good performance of reader training. In terms of the functions performed by the school library, especially in the public school, these are the axis: the library as a space for learning; the library as a space for mediation; the library as a bureaucratic space; the library as a space of passage (reading and borrowing); the library as a punitive space; and the library as a space for the reader's formation.

Keywords: Library. School library. Reader training.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Meses do ano de 2018 .....	57
Tabela 2	Meses do ano de 2019 .....	57
Tabela 3	Meses do ano de 2020 .....	57
Tabela 4	Frequência de leitura por tipo de material (papel ou formato digital).....	62
Tabela 5	Nível de escolaridade .....	68
Tabela 6	Matrículas da escola .....	85

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1	Concepções das bibliotecas .....	27
Quadro 2	Programa de incentivo à leitura no Brasil .....	42
Gráfico 1	Leitor x não leitor .....	61
Gráfico 2	Proficiência em Língua Portuguesa .....	84

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Avaliação Nacional de Alfabetização
COLE	Congresso de Leitura no Brasil
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ISBN	International Standard Book Number
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PPP	Projeto Político Pedagógico
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1	<b>REVISANDO A HISTÓRIA DAS BIBLIOTECAS</b> .....	16
1.1	<b>Como tudo começou</b> .....	17
1.2	<b>As bibliotecas na Antiguidade</b> .....	22
1.2.1	<u>Biblioteca de Nínive</u> .....	22
1.2.2	<u>Biblioteca de Pérgamo</u> .....	22
1.2.3	<u>Bibliotecas na Grécia</u> .....	23
1.2.4	<u>Bibliotecas Romanas</u> .....	23
1.2.5	<u>Biblioteca de Alexandria</u> .....	24
1.3	<b>As bibliotecas na Idade Média</b> .....	25
1.4	<b>As bibliotecas no Renascimento</b> .....	26
1.5	<b>As bibliotecas no Brasil</b> .....	28
1.5.1	<u>A Biblioteca Nacional</u> .....	30
1.6	<b>A biblioteca no Brasil</b> .....	33
1.7	<b>As políticas públicas realizadas para o incentivo à leitura no Brasil</b> .....	41
2	<b>METODOLOGIA</b> .....	54
3	<b>A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE LEITOR</b> .....	59
4	<b>O QUE OS DADOS REVELAM SOBRE A BIBLIOTECA DA ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO LOBATO</b> .....	71
4.1	<b>Cena I – contatos iniciais</b> .....	72
4.2	<b>Cena II – os atores escolares em cena: os mediadores</b> .....	75
4.2.1	<u>Cena II – os atores escolares: os estudantes</u> .....	83
4.2.2	<u>Cena II – os atores escolares em cena: os professores</u> .....	98
4.3	<b>Cena III – atores escolares fora de cena: equipe diretiva</b> .....	104
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	109
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113

## INTRODUÇÃO

A leitura tem se constituído para diferentes sociedades, ao longo da história, como um fator de distinção social. Essa distinção é marcada por múltiplos fatores, sobretudo os sociais e culturais. Do ponto de vista dos fatores sociais, tanto o acesso à leitura e ao escrito quanto à habilidade de ler, observa-se que se estabelece ora uma aproximação, ora um afastamento, entre a ideia de um saber que se constrói e se exerce individualmente e a ideia de espaço onde a leitura se torne possível. Em termos culturais, em estreita imbricação com os sociais, percebe-se que a leitura, o leitor e o que ambos representam passam a compor o imaginário de sociedades e sujeitos (MARTINS, 2002). Serve de exemplo aqui, considerando-se o contexto brasileiro, o fato de que ter livros em casa e expô-los à vista de todos ou em espaços reservados, chamados de biblioteca, era parte do esforço de ser reconhecido como um sujeito que fazia a diferença no seu meio social. Os saraus de leitura cumprem essa função de articuladores entre o livro/escrito, o leitor e a audiência.

Pode-se acrescentar ainda que a importância dada à leitura amplia-se ao mesmo tempo em que o acesso ao escrito se populariza. Daí resulta a necessidade de se criarem espaços específicos tanto para guarda e armazenamento dos materiais escritos quanto para a sua socialização (KRUG, 2015). A ideia de socialização abarca intrinsecamente o acesso e a valorização da aprendizagem da leitura.

Em se tratando da expansão do reconhecimento da importância do acesso e da necessidade da aprendizagem da leitura, a sociedade define como lugares privilegiados para o exercício dos direitos de acesso e aprendizagem a escola, a biblioteca e a biblioteca escolar.

Ao se pensar especificamente na questão da leitura, a literatura sobre o tema tem mostrado a importância do sujeito leitor, que pode ser compreendido como sendo aquele que busca o desafio da leitura diariamente e que possui direito à literatura (CÂNDIDO, 2004).

À escola se tributa a responsabilidade de promover a aprendizagem significativa no campo da leitura, garantir o acesso ao livro e ao escrito, e promover a constituição de um sujeito leitor. Para cumprir essa tarefa, vários esforços têm sido realizados nos diferentes âmbitos do sistema educacional. Em termos das políticas públicas, pode-se mencionar, entre outras, o Plano Nacional de Educação (PNE), que

usa as avaliações nacionais para aferir os conhecimentos de leitura, escrita e cálculo dos alunos das séries iniciais, como por exemplo, a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e a Prova Brasil, os quais refletem resultados no Índice de Educação Básica (IDEB). É importante assinalar aqui o que têm representado essas avaliações de larga escala para a proposição de políticas públicas em alfabetização. Independentemente das polêmicas que as envolvem, essas avaliações vêm revelando em seus resultados que os alunos, em especial os dos anos iniciais, não atingem patamares suficientes nas aprendizagens de leitura e de escrita (BRASIL/MEC, 2019). Esses resultados, considerados insatisfatórios trazem à reflexão questões importantes. Uma delas diz respeito à função da escola na promoção das aprendizagens de leitura enquanto um espaço privilegiado de contato e acesso aos livros e à cultura escrita. Cabe lembrar que para a maioria das crianças das camadas populares de sociedade, a escola se apresenta como um espaço privilegiado de formação do leitor (LAHIRE, 1997).

Ao retomar-se as questões do insucesso das aprendizagens da leitura, parece relevante refletir sobre como a escola se organiza pedagogicamente para dar conta da função indicada anteriormente. A reflexão que se considera relevante inclui o que representa a biblioteca escolar, enquanto espaço institucional legítimo em termos da promoção da leitura e formação de leitores.

A escola, então, visa a biblioteca escolar como “um recurso que pode contribuir para as ações educativas” (CAMPELLO et al, 2007, p. 228). Esse espaço, tido como fomentador da leitura por muitas instituições escolares, ganhou uma nova configuração a partir da revolução tecnológica. Atualmente, as crianças estão utilizando a internet, cada vez mais, para obterem informações sobre tudo, inclusive lerem e ouvirem histórias infantis, que muitas vezes são contadas usando os recursos de desenhos animados, oferecidos por sites, blogs e aplicativos para serem baixados, entre outros. A substituição do contato com o livro físico por muitos artefatos tecnológicos (tablets, celulares, computadores) afeta a dinâmica escolar (LAJOLO, 2018).

Torna-se relevante, portanto, investigar a função da biblioteca escolar em escolas públicas, de periferias urbanas. Tal relevância fica evidente diante da pouca produção acadêmica sobre o tema em relação à importância que se tem dado à biblioteca escolar, de acordo com o levantamento preliminar, realizado em diferentes edições, do Congresso de Leitura do Brasil (COLE). A partir dessa perspectiva, chama

a atenção que a produção acadêmica é insipiente a esse respeito, fato que fica evidente desde as primeiras edições daquele congresso, evento de referência sobre o assunto. Com base na análise, foram selecionadas as edições entre a 12<sup>a</sup>, por ter sido realizado o Iº Congresso de História da Leitura do Livro no Brasil, e a 20<sup>a</sup>, a última com publicações, até o momento desta pesquisa. Buscou-se, a partir de um estudo exploratório, mapear principais focos e enfoques dos estudos que têm a literatura infantil, a formação do sujeito leitor e a leitura como tema, nos anos iniciais.

Com o resultado dos dados analisados, observou-se que de todos os Grupos de Trabalhos (GT) realizados ao longo de todos os anos dessas edições, havia 110 com os temas referentes à leitura e literatura infantil, mas apenas 47 desses trabalhos abordavam de fato a literatura infantil ou a leitura nos anos iniciais. Através da análise dos dados, chega-se à conclusão preliminar de que a leitura e a literatura precisam ser trabalhadas na escola diariamente, para a formação do leitor. Mas os trabalhos apresentados no COLE revelam que o modo de pensar formação de leitores nos anos iniciais ainda carece de um espaço maior dentro das escolas e da formação do professor.

Em síntese, observa-se que há uma multiplicidade de questões referentes à leitura, dentre elas as funções e usos da biblioteca escolar, utilizados como recursos para auxiliar nesse processo da leitura. Porém, os dados analisados mostram que o índice de leitura ainda é abaixo do esperado pela meta nacional estabelecida, ou seja, atingir 6,0 até 2021 para escolas dos estados, municípios e federais. (BRASIL MEC, 2019). Essas metas foram instituídas em 2005 e são avaliadas a cada dois anos pelo IDEB. Na última avaliação desta modalidade, realizada em 2017, muitos municípios não conseguiram alcançar a meta, e a cidade de Nova Iguaçu, uma representante da Baixada Fluminense, por exemplo, registrou que a grande maioria das escolas municipais ficaram abaixo dessa meta estabelecida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Apenas uma escola conseguiu alcançar a meta nacional estabelecida de 6,0.

Contudo, mesmo havendo políticas públicas para promoção da leitura desde a década de noventa, como PROLER e Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), os dados coletados pelos instrumentos avaliativos (ANA e Prova Brasil) mostram que o índice da leitura não aumenta de forma considerável e poucas escolas públicas municipais conseguem alcançar a meta nacional estabelecida.

Faz-se necessário ressaltar que esses instrumentos avaliativos usam a proficiência em Português e Matemática para avaliar os alunos. Assim como no município acima já citado, Nova Iguaçu, a maioria dos municípios da Baixada Fluminense possuem notas inferiores nas provas de Língua Portuguesa em relação às adquiridas em Matemática, nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Dessa maneira, esta pesquisa se propõe investigar a importância da biblioteca; em uma escola do município de Nova Iguaçu. Para tanto, inicialmente é apresentada a história das bibliotecas como espaço de formação para o leitor desde a antiguidade, e como esse paradigma chegou até as escolas públicas por meio da biblioteca escolar. Logo, cabe ainda identificar como os livros, que possivelmente auxiliarão na formação dos alunos, chegam aos acervos das escolas e como eles são utilizados para esse processo formativo nas séries iniciais. Isto é, como a biblioteca vem atuando na formação desse leitor, pois, para além do deleite, não se pode esquecer de que a literatura é um dos caminhos que levam à criança a cultura letrada (LAJOLO; ZILBERMAN, 2017). É ela, sem dúvida, que impulsiona a criatividade que está inserida na realidade da criança.

Perante esse contexto, justifica-se a realização de um estudo, que possui como um dos seus focos principais analisar os diferentes modos de usos da biblioteca escolar e suas relações com a promoção da formação do sujeito leitor, em um momento que é importante dar visibilidade à leitura, pois ela está em defasagem em nosso país, fato comprovado pelos índices avaliativos citados. Pretende-se, ainda identificar de que modo a Escola Municipal Monteiro Lobato utiliza a biblioteca como estratégia para promoção da formação do sujeito leitor e, a partir do panorama exposto, identificar caminhos que possam promover e aumentar essa leitura, com a participação da biblioteca escolar. O capítulo um trata sobre a contextualização do universo do objeto pesquisado, partindo, dessa forma, das bibliotecas na Antiguidade até chegar às bibliotecas escolares. O capítulo dois fala sobre a metodologia utilizada para coletar os dados da pesquisa. O capítulo três busca discutir a biblioteca escolar como espaço de formação de leitor. O capítulo quatro, disposto em cenas, apresenta e analisa o que os dados revelam sobre a biblioteca da Escola Municipal Monteiro Lobato, e o capítulo cinco tem como objetivo expor algumas considerações finais obtidas através da pesquisa. Assim, há motivação sob ordem de duas naturezas para o estudo proposto: a pessoal e a acadêmica. A de ordem pessoal adveio do interesse da pesquisadora, que é professora da educação básica no município de Nova Iguaçu

há dez anos, e, portanto, possui o desejo de obter um conhecimento mais aprofundado sobre as bibliotecas, tendo em vista que trabalha com leitura na rede pública, nas séries iniciais e finais; e a de ordem acadêmica visa explicitar os usos e funções da biblioteca da escola pública com os estudos atuais sobre biblioteca escolar.

## 1 REVISITANDO A HISTÓRIA DAS BIBLIOTECAS

Desde a Antiguidade, a biblioteca configurou-se em um espaço de conhecimento para a sociedade. Contudo, a abertura para todas as pessoas não foi um processo simples e rápido. Este demandou tempo e esforços de muitos personagens da história, como por exemplo, reis, príncipes, nobres e religiosos, de forma que essa instituição possuísse a configuração atual. Dessa maneira, este capítulo tem como um dos seus objetivos principais entender sob quais princípios e ideias as bibliotecas foram implantadas e identificar, neste processo, indícios de marcas constitutivas das bibliotecas como espaço com finalidades específicas. Acredita-se que esses indícios possam servir de matriz organizadora para um entendimento mais abrangente sobre os papéis e finalidades desempenhados, hoje, pelas bibliotecas escolares no contexto das escolas públicas.

Para tanto, é importante observar que este processo evolutivo das bibliotecas influencia diretamente às públicas instituídas no Brasil desde o início do século XIX, no período colonial. Ao mapear as finalidades específicas das bibliotecas, buscam-se informações para melhor compreender como ocorreu o desenvolvimento não só das bibliotecas públicas e privadas no país, como também das bibliotecas escolares, especialmente em termos do uso destas como mecanismo no auxílio da formação dos leitores.

As bibliotecas, independentemente do tamanho, já eram consideradas como um espaço que possibilitava a busca por informações de assuntos diversos. Esse exercício de pesquisa realizado por parte das pessoas letradas naquela época, de certa forma, auxiliava na formação daqueles leitores. Sendo assim, essas instituições apresentaram para o mundo a evolução de uma das formas mais utilizadas para realizar a comunicação e conhecimento a partir da escrita, isto é, o papel e o livro.

Atualmente, é possível perceber que a tecnologia, a internet e conseqüentemente os meios midiáticos auxiliam na maneira de ler, de pesquisar e de interagir com as informações postas na sociedade. Entretanto, uma forma de veicular as informações não exclui a outra. Isso implica dizer, por exemplo, que a leitura realizada por meio de algum artefato cultural (notebook, tablet, celular, iPad) não substitui o livro, pois é como se a escrita utilizada neste possuísse uma durabilidade que atravessa os tempos. Nesse sentido, “[...] a escrita e a biblioteca contribuíram

para atender tanto ao desejo de registrar o conhecimento quanto à necessidade de preservar esse registro”. (SOUZA, 2005, p. 2). E, por outro lado, os livros usados por meio desses artefatos alcançam um número maior de leitores em um tempo menor. Eles podem ser baixados, compartilhados e difundidos.

Porém, o fato é que, mesmo com toda essa tecnologia presente, o livro físico ainda circula entre nós com muita facilidade, e sabe-se que antes não era assim. O livro era um objeto ao qual muitos não tinham acesso. Eles ficavam, em sua maioria, em bibliotecas que não possuíam a livre entrada de grande parte da sociedade.

Para que se possa entender como a biblioteca perdurou por séculos e ainda hoje se estabelece como meio de conhecimento transmitido através dos livros, apresenta-se, neste capítulo, um breve histórico sobre o surgimento da biblioteca. Busca-se identificar como e onde se instituiu historicamente; como ocorreu sua inserção, em diferentes sociedades, assinalando possíveis contribuições para o modelo de instituição que se tem atualmente, e como se tornou um ambiente de informação para as pessoas.

## 1.1 Como tudo começou

Este subcapítulo organiza-se em torno de dois aspectos: os sentidos etimológicos e históricos atribuídos à biblioteca. Em termos etimológicos, a palavra **biblioteca** tem sua origem no grego (*bibliothéke*). Há, pois, uma derivação de duas outras palavras: **biblion** (radical grego), que significa papel, rolo com escrita ou livro, e **theca**, que tem o significado de caixa, depósito. (MORIGI; SOUTO, 2006, p. 189) É importante assinalar, aqui, a relação que se pode estabelecer entre as palavras que remetem à escrita ou livro e a depósito. Uma associação, ainda que livre, permite entender biblioteca como depósito de livros ou como espaço de armazenamento de livros.

O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2011) fornece duas definições para o vocábulo biblioteca: 1. Coleção de livros/ 2. Local onde se guardam, ordenam e catalogam livros e outros impressos para consulta, leitura e empréstimo ao público (HOUAISS, 2011, p. 122). Observa-se, nesta definição, que a ideia de “lugar/espaço

de armazenamento” permanece. O que muda, todavia, é o que se refere àquilo que pode ser armazenado, e acrescenta-se a ideia do papel da biblioteca – consulta, leitura e empréstimo ao público. Infere-se a existência de um leitor interessado em acessar “os livros e impressos”.

Os significados dados pelos dicionários são válidos para que se conheça o objeto pesquisado, mas somente um olhar pautado em uma perspectiva histórica permitirá uma melhor compreensão de como essas ideias sobre a biblioteca foram tecidas, por diferentes sociedades e culturas.

Do ponto de vista histórico, observou-se a necessidade de a humanidade registrar e preservar seus conhecimentos. A existência de bibliotecas se materializou antes mesmo da dos livros e manuscritos, uma vez que a ideia era reunir esses conhecimentos em algum local. O advento dessa instituição não foi por causa dos materiais como argila, pergaminho ou livro. Segundo o autor, a motivação foi ocasionada pela revolução da escrita, haja vista que, à biblioteca, coube o papel de guardar esses conhecimentos que passaram a utilizar o registro. (MARTINS, 2002).

Todavia, é importante dizer que nem todas as pessoas naquele período eram letradas. A maioria que sabia ler estava no poder, nas religiões ou nas artes. Dessa forma, a história do livro e das bibliotecas está também ligada à condição dos grupos sociais existentes. Pessoas pertencentes à elite possuíam um contato maior com a leitura através dos livros em relação aos menos favorecidos. A própria disposição arquitetônica dos edifícios destinados às bibliotecas deixava claro que o acesso não era permitido a todos.

A biblioteca era então vista de forma diferente pelas pessoas que não pertenciam à mesma classe. Para os que tinham dinheiro, era local de adquirir cultura e conhecimento; para a população pobre e com maioria analfabeta, era apenas um local inacessível.

Souza (2005), afirma que é possível entender a biblioteca da seguinte forma:

[...] não como um fenômeno social e cultural ou como um instrumento da cultura, e sim como uma agência social das mais complexas e importantes do sistema de comunicação humana, sendo responsável pela preservação e transmissão da cultura. Por sua singular condição é ao mesmo tempo repositório e meio de difusão das experiências culturais desenvolvidas pelas três esferas ou sistemas da cultura, em constante interação e interdependência com os fatores que atuam no processo sócio-cultural, o que nem sempre se dá de forma satisfatória e equilibrada. (SOUZA, 2005, p.3)

Este espaço foi criado, em princípio para atender determinadas demandas das instituições sociais, como por exemplo, família, educação e religião. Posteriormente, consolidou-se como detentora e difusora das experiências culturais. Contudo, ainda persistia um desequilíbrio entre os frequentadores desse local, justamente ocasionado pela constituição da sociedade vigente. Atualmente, é perceptível a democratização da biblioteca.

Sendo assim, era necessário um local para guardar materiais importantes recolhidos ao longo dos anos. Esses materiais, como papiros, pergaminhos e até tábuas feitas de argila, considerados uma primeira revolução da escrita, perduraram por décadas em muitas bibliotecas.

Estudos históricos sobre a escrita hieroglífica e hierática no Egito (LURKER, 1974; CURL, 1994; BAKOS, 1998, 2004, 2005, 2007), bem como a introdução da planta papiro, mostram que os egípcios introduziram ao mundo clássico a forma primitiva do livro, o uso da tinta e o recurso de ilustrações como parte explicativa complementar do texto. Porém, é importante salientar que esse livro não possuía a configuração que tem hoje. Os primeiros exemplares, se assim é possível dizer, eram em forma de rolos. Os egípcios forneceram essa primeira contribuição no auxílio do registro para a humanidade, que posteriormente evoluiu para outros continentes, como por exemplo, o Asiático e o Europeu.

A expansão do comércio passou a ser o caminho mais importante e viável para a propagação desse meio de comunicação. Os filósofos e as pessoas ligadas às artes em geral também forneceram a sua contribuição para este advento do registro:

[...] Graças às obras filosóficas e teatrais, a leitura se expande e acelera-se a produção e comércio de livros na Grécia, com notícia de existência de bibliotecas públicas e privadas. Na Grécia do século VI até o final do século V AC, a função da leitura era contribuir de maneira fundamental para o funcionamento da democracia, e o livro, em seu formato primitivo de rolo de papiro ou pergaminho, tinha ainda a função de conservação do texto, o que não excluía as formas de leitura pública em voz alta feita pelo próprio autor. (SOUZA, 2005, p.3).

Com a utilização do registro, podem-se constatar duas afirmativas: a primeira é a importância da contribuição da leitura, desde a antiguidade, no âmbito político da sociedade; e a segunda é que uma forma de repassar a informação não exclui a outra. Ou seja, naquele contexto, a introdução da utilização dos escritos realizados nos rolos de papiros ou pergaminhos, juntamente ao advento da leitura individual, não eliminou

as leituras públicas. Contudo, as bibliotecas helenísticas (pertencentes ao período helenista, marcado pela expansão do império de Alexandre, o Grande) continuaram sendo cumulativas e reservadas a um público leitor erudito.

Dessa maneira, o registro e conseqüentemente o livro eram as formas de preservar o conhecimento, mas este era restrito para grande parte da população. Frequentar uma biblioteca ou ter uma biblioteca particular passou a ser, na época, um sinônimo de ostentação de cultura e conhecimento. E mesmo as públicas, curiosamente, não eram abertas ao público não pertencente à nobreza. Segundo Souza (2005), é preciso entender que,

[...] as bibliotecas públicas eram na realidade monumentos de celebração do poder imperial e abrigavam acervos previamente censurados por este mesmo poder. Livros e bibliotecas tinham seu lugar na abundância e nos comportamentos de uma vida opulenta (SOUZA, 2005, p. 4).

Essas informações evidenciam que o conhecimento não era para todos e a biblioteca era utilizada como um meio para cercear o acesso não só ao livro, mas a todas as informações fomentadoras de conhecimentos preservadas naquele espaço.

O século XIII revolucionou o livro e as bibliotecas com a chegada do papel. Em princípio, a produção era realizada com trapos de linho e cânhamo, depois houve a mudança de materiais até chegar à textura que conhecemos atualmente. Essas mudanças também tiveram reflexo na forma como os livros eram lidos e conseqüentemente no papel que a biblioteca exercia naquele período (SOUZA, 2005).

Uma nova modalidade de leitura silenciosa e muito ligada à religião foi iniciada. A leitura muda a forma de enxergar o livro e a biblioteca. Desde a antiguidade, a leitura é considerada um objeto de poder. Àqueles que possuíam este conhecimento, tinham uma “vantagem” em relação aos analfabetos. Por esse motivo, a grande massa dependia das leituras públicas também. Portanto, trata-se de um conhecimento que foi restrito por muitos anos. O livro permaneceu em várias décadas como objeto representativo de civilização, e a biblioteca um espaço com organização indicativo de riqueza. Souza (2005) e Martins (2002), em seus estudos, apresentam a biblioteca como um produto da história que passou por muitos processos evolutivos:

Do final do século XI até o século XIV tem-se uma nova era da história da leitura. A alfabetização se desenvolve, há muita leitura, e mais do que isso,

ler passa a ser um ato inteligente de compreensão da escrita e do significado do texto para enfim se entender a doutrina ou tese do autor. O livro torna-se a fonte através da qual se acessa o saber ou saberes (...). As bibliotecas, em consequência, também se transformam de depósitos destinados ao cúmulo à conservação patrimonial em organizações destinadas a promover a leitura, facilitando o acesso aos livros mediante a manutenção de catálogos (SOUZA, 2005, p. 5).

Portanto, é possível considerar que a biblioteca está em constante diálogo com as formas de leitura. A instituição acompanha a própria história da escrita através das diferentes formas de registro. Se anteriormente ela possuía um acesso restrito, atualmente está, de fato, a serviço da sociedade. É um espaço fomentador de informação, cultura e conhecimento. As mudanças na sociedade, de certa forma, também influenciam as bibliotecas. Podem-se identificar alguns marcos históricos que influenciaram em seu entendimento, como por exemplo, o papel e a revolução da tecnologia no século XXI.

O papel, como já mencionado anteriormente, através de toda a sua evolução histórica, surge com a necessidade de preservar o registro feito antes de forma oral. Já o advento tecnológico modificou a forma de observar a biblioteca. Têm-se, inclusive, bibliotecas virtuais, nas quais o leitor pode fazer suas buscas sem estar presente fisicamente nelas. Panorama muito diferente dos anos compreendidos entre os séculos XVI e XIX, nos quais muitos livros e bibliotecas continuavam inacessíveis. Segundo Souza (2005), na Antiguidade e na Idade Média as bibliotecas configuravam muitos mais como um lugar para esconder livros do que para preservá-los e difundi-los. Apenas os grandes sacerdotes, alguns integrantes da realeza e alguns nobres podiam frequentar e permanecer nestes ambientes.

A partir disso, para entender melhor a trajetória das bibliotecas, é necessário realizar uma pequena análise do processo evolutivo pelo qual passaram e quais bibliotecas tiveram maior relevância durante esse período. Cada uma delas, estabelecidas em diferentes épocas, contribuíram com a estrutura que se tem hoje das bibliotecas em boa parte do mundo. A tradição oral recebeu outro enfoque a partir das primeiras bibliotecas, pois aquela passou a ser preservada através dos registros que ficavam nas bibliotecas.

## 1.2 As bibliotecas na Antiguidade

O período da Antiguidade foi compreendido entre 4.000 a.C até a queda do Império Romano (476 d.C). As bibliotecas desse período histórico buscaram técnicas mais avançadas para o armazenamento documental das tabuletas produzidas em argila.

Segundo Battles (2003), as mais importantes Bibliotecas da Antiguidade são a de Nínive, a de Pérgamo, as gregas, as romanas e a mais famosa e importante do mundo antigo: a Biblioteca de Alexandria. Porém, nenhuma biblioteca da Antiguidade sobreviveu.

### 1.2.1 Biblioteca de Nínive

Pertencente ao Rei Assubanípal II e considerada a primeira biblioteca da história, seu acervo era documentado em blocos de argila cozida e escrita em caracteres cuneiformes. Muitos estudiosos afirmam que era composta por uma coleção de aproximadamente vinte e cinco mil plaquetas de argila.

Essas placas eram classificadas por assuntos e identificadas por marcas que determinavam sua localização dentro da coleção (BATTLES, 2003).

Essa biblioteca apresenta o início da organização dos documentos em plaquetas de argila, que posteriormente serão substituídos pelos livros e documentos em papel. É interessante analisar que nesta época as tabuletas já eram separadas por assuntos, através de catálogos, e demarcadas para que não ficassem misturadas e com localização aleatória dentro da coleção.

### 1.2.2 Biblioteca de Pérgamo

Esta biblioteca era localizada na Ásia Menor, hoje a Turquia, e foi uma das mais importantes para o mundo antigo. Fundada por Átalo I, rei da cidade de Pérgamo, o local objetivava competir com o de Alexandria. Santos (2012, p.177) afirma que “a biblioteca chegou a gozar de grande reputação e que contava com um acervo de duzentos mil volumes”. Segundo Battles, a biblioteca teve grande significação histórica e foi responsável por inventar o pergaminho, invenção essa que foi

impulsionada a partir do corte de abastecimento de papiro ao território, por parte dos egípcios.

Com a invenção do pergaminho, mais obras puderam ser guardadas, pois ocupavam menos espaços do que as plaquetas. A substituição dos papíros egípcios por este novo material também permitiu o aumento na disseminação do conhecimento na Europa e na Ásia, posto que os gregos e os romanos não precisavam mais esperar muito tempo para armazenarem as suas obras. Outra vantagem era o fato de poder se escrever no pergaminho em ambos os lados, assim como nos livros. Por isso, a quantidade de informações armazenadas era maior e o acesso a estas foi beneficiado por conta da nova forma de guardar os manuscritos.

### 1.2.3 Bibliotecas na Grécia

A primeira biblioteca na Grécia foi criada por Pisístrato, filho de Hipócrates, e tinha, como afirma Martins (2002), um caráter de biblioteca pública, que buscava possuir em um mesmo lugar as obras de autores mais famosos como por exemplo, Homero.

Muitos historiadores, porém, mantêm um grande mutismo em relação às bibliotecas gregas devido ao fato de que a maior parte das bibliotecas estariam nas mãos de particulares e, devido a isso, há pouco a ser relatado sob suas características ou outros aspectos. Além disso, grandes quantidades de volumes foram transferidos para a biblioteca de Alexandria (SANTOS, 2012, p. 178).

As bibliotecas gregas trouxeram a ideia da reunião das obras de autores importantes para a humanidade dentro de um mesmo espaço, para que a pesquisa sobre eles fosse facilitada.

### 1.2.4 Bibliotecas Romanas

Em Roma, as bibliotecas se constituíram sob as formas de particulares e públicas. Elas também eram conhecidas como *casas dos saberes*. Ambas tiveram início aproximadamente no século I a.C.

O acervo das bibliotecas particulares foi oriundo basicamente de saques de guerra. Cícero, advogado, político, escritor orador e filósofo da Roma Antiga, foi dono

de uma grande biblioteca particular apreciada por muitos. Com o fim do período republicano em Roma (27 a.C), existiam muitas bibliotecas privadas.

A biblioteca pública foi idealizada por Júlio Cesar, militar e político romano, mas concretizada por Asínio Pólio e o escritor Públio Terêncio Varrão. Depois dessa primeira biblioteca, muitas outras foram criadas em Roma.

É interessante ressaltar que essa biblioteca pública em Roma exercia, em muitas de suas funções, o papel de guardar documentos públicos importantes, e a administração deste espaço quase sempre estava ao encargo de sacerdotes, posto que, geralmente, essa biblioteca se localizava dentro de um templo ou um anexo a ele.

Todavia, foi a partir dessa biblioteca pública, um pouco parecida com os moldes atuais, que algumas possuíam o sistema de empréstimo desses documentos públicos para leitura em domicílio.

#### 1.2.5 Biblioteca de Alexandria

Localizada na cidade de Alexandria, ao norte do Egito, e conhecida por sua opulência, a Biblioteca de Alexandria constituiu-se, durante seis séculos, como centro cultural do mundo e, conseqüentemente, como a biblioteca mais importante desse período. As edificações foram erguidas no governo de Ptolomeu I e, anos depois, modificadas e aumentadas pelo filho dele, Ptolomeu II.

Durante sete séculos, entre os anos de 280 a.C a 416 d.C., a Biblioteca de Alexandria reuniu o maior acervo de cultura e ciência da Antiguidade. Ela não se contentou em ser apenas um enorme depósito de rolos de papiro, ditos livros, mas por igual tornou-se uma fonte de instigação para que os homens de ciência e de letras desbravassem o mundo do conhecimento e das emoções, deixando assim um notável legado para o desenvolvimento geral da humanidade (SOUZA, 2012, p.180).

Essa biblioteca conteve uma das maiores coleções de livros do mundo antigo e contribuiu, de maneira bastante significativa, para a disseminação da cultura e preservação de obras raras. Mesmo tendo sofrido muitos ataques durante os anos de sua existência e destruições, em parte, pelos incêndios, a biblioteca conseguiu conservar boa parte da sua coleção literária. Como afirma Mey (2004),

A Biblioteca de Alexandria, como nossas modernas bibliotecas, provavelmente sofreu mais de algumas e menos de outras – de todas essas causas, até mesmo por sua longa permanência na história: ao todo cerca de seis séculos. Deixou-nos uma herança indelével, um exemplo a ser seguido, de busca de conhecimento e tolerância. Certamente o homem moderno tem muito a aprender das lições de Alexandria. Por isso, o grande esforço da Unesco, juntamente com o governo egípcio, durante mais de uma década, para o reflorescimento daquele centro cultural e de pesquisa (MEY, 2004, p. 82).

Essa biblioteca expandiu para a humanidade o conceito de um local em que as pessoas poderiam adquirir conhecimentos e cultura sobre diferentes assuntos ao possibilitar pesquisas nas vastas coleções e obras raras.

### 1.3 As Bibliotecas na Idade Média

As bibliotecas na Idade Média revelam como tais instituições foram difundidas entre os diferentes espaços sociais. Atualmente, têm-se as bibliotecas públicas, Nacional, públicas temáticas, comunitárias, universitárias, escolares, especializadas, particulares, entre outras. Conhecer as bibliotecas daquele período é importante para que se entenda como este espaço não ficou centralizado e passou a ocupar outros locais. Como consequência, selecionou o público interessado para cada tipo de biblioteca, incluindo a administração do espaço.

Dessa forma, havia três tipos de bibliotecas neste período, segundo Martins (2002):

**As Monacais:** que ficavam dentro dos mosteiros e conventos, presentes no início do período medieval. Estas eram administradas por religiosos e tinham uma literatura com maior ênfase nas questões religiosas;

**As Particulares e Bizantinas:** as bibliotecas particulares eram mantidas por imperadores ou grandes nobres. Algumas chegavam a conter cerca de cem mil volumes; as bizantinas possuíam conteúdos da civilização helênica, considerado profano por muitos cristãos, contudo eram mantidas por monges;

**Bibliotecas Universitárias:** o crescente número de universidades e consequentemente de estudantes fomentaram a demanda de livros. Os alunos das universidades buscavam por escritos dos autores, e a solução encontrada foi abrir as portas da universidade para o estudo e pesquisa desses estudantes. “Em fins do

século XIII, as Universidades fundam suas próprias bibliotecas. A Universidade de Paris, chamada de *Sorbonne*, iniciou sua biblioteca com doação dos livros de Robert de Sorbon” (SANTOS, 2012, p. 185).

Com isso, é possível perceber que na Idade Média as bibliotecas deram início a uma espécie de separação dos tipos de bibliotecas e a que público se destinavam. Isso foi importante, porque os acervos puderam receber mais exemplares sobre os assuntos que estavam de acordo com cada biblioteca.

#### 1.4 As bibliotecas no Renascimento

O Renascimento, movimento de renovação artística e cultural iniciado na Itália e posteriormente difundido por toda a Europa, compreendido entre os séculos XIV e XVI, influenciou também a forma de expandir os conhecimentos adquiridos através da leitura, fato já observado desde a biblioteca de Pérgamo.

É neste período que o bibliotecário ganha destaque dentro do funcionamento dessa instituição. A biblioteca passa a atuar como disseminadora de informação, mas seu acesso continua ainda restrito a determinados grupos sociais.

Ter uma biblioteca era sinal de prestígio, e, por isso, reis e príncipes criavam nos palácios um espaço destinado “ao conhecimento”, como afirma Santos,

As bibliotecas dessa época contavam com o apoio de duques, mercadores e reis, tanto em recursos financeiros quanto humanos. Muitos tinham à sua disposição, nada menos que quarenta e cinco copistas, o que logicamente demonstrava a ligação real que se desenvolveu entre essa nova erudição e o exercício do poder (SANTOS, 2012, p. 186).

A igreja, representada pelos monges e papas, também fez parte desse movimento de fundação de muitas bibliotecas na Itália. Tanto que a ideia da fundação de uma das maiores bibliotecas do Renascimento foi do Papa Nicolau V, chamada Biblioteca Vaticana.

Sendo assim, foi com o Renascimento que se iniciou um tímido processo de se tentar democratizar as bibliotecas, fazendo com que alcançassem, de alguma forma, o público que não fazia parte da realeza nem dos nobres. O objetivo era retirar esse caráter de instituição fechada e particular, e passar para leiga e pública. (SANTOS, 2012).

Esse novo modo de conceber a biblioteca foi um importante marco para a história, pois foi a partir desse período que a instituição passou realmente a fazer parte da sociedade como um espaço de conhecimento acessível.

Quadro 1- Concepções das bibliotecas

<b>BIBLIOTECA</b>	<b>PERÍODO</b>	<b>CONTRIBUIÇÕES</b>
Biblioteca de Nínive	Século VII a.C	Documentos em plaquetas de argila; classificação e organização dos documentos por assuntos.
Biblioteca de Pérgamo	241 – 197 a.C	Uso do pergaminho, facilitação dos armazenamentos dos escritos.
Biblioteca da Grécia	560 – 527 a.C	Reunião das obras de grandes autores para a humanidade em um mesmo espaço; catálogo das informações.
Bibliotecas Romanas	Século I a. C	Biblioteca pública por ser guarda de documentos públicos; sistema de empréstimo.
Biblioteca de Alexandria	Século III a.C	Guarda de obras raras; ideia da biblioteca como local de conhecimento; organização por coleções.
Biblioteca na Idade Média (Moncais, Particulares, Universitárias)	Por volta do século XIII	Local para armazenar o acervo religioso; consulta de livros para pesquisas dentro das universidades.
Biblioteca no Renascimento	Entre os séculos XIV e XVI	Democratizar as bibliotecas.

Fonte: MARTINS, 2002.

Portanto, o que se apresentou sobre as contribuições dessas bibliotecas para a humanidade permite identificar que elas contribuíram especialmente com o armazenamento documental das tabuletas; com a disseminação do conhecimento; com a reunião de autores importantes em um mesmo espaço; com o sistema de empréstimo para leitura em domicílio; com a separação das bibliotecas por temáticas e com a democratização do espaço. Logo, todas essas bibliotecas apresentadas contribuíram de forma relevante para a construção do resultado que se tem atualmente no mundo em relação a essa instituição. Apesar das peculiaridades pertencentes a cada uma, de acordo com os costumes e tradições de cada local, a estrutura se mantém, e isso foi conquistado através das diferentes contribuições que cada época forneceu durante este processo, como é possível constatar no quadro abaixo:

### **1.5 As bibliotecas no Brasil**

Nesta parte, será abordado como foi o processo inicial do surgimento das bibliotecas no país, bem como o desenvolvimento dessas instituições em alguns Estados brasileiros, que tiveram relação política direta com a corte portuguesa. Ao analisar esse desenvolvimento, observa-se como tais espaços de conhecimento foram importantes, em um primeiro momento, para a obtenção de cultura e conhecimento daquela sociedade.

Alguns estudos sobre o início do período colonial no Brasil e as instalações das primeiras bibliotecas públicas mostram que ainda é pouco conhecida a existência de livros e bibliotecas aqui na primeira metade do século XVI. Os livros ficavam em posse dos padres e magistrados na época, e assim como em outros países, grande parte da população ficava alheia a estes espaços. O aparecimento dos livros, instituições de ensino e posteriormente as bibliotecas só ocorrerá por volta de 1549, com a instalação do Governo Geral, em Salvador. “A partir dessa data começou, de fato, o sistema educacional no Brasil, e com o estabelecimento dos conventos de diversas ordens religiosas, principalmente da Companhia de Jesus, é que serão formados os primeiros acervos no país” (SANTOS, p.51, 2010).

Composta por jesuítas, a Companhia de Jesus tinha como um dos seus objetivos principais a dedicação do trabalho missionário educacional. Com a

Companhia vieram muitos livros de Portugal, que auxiliavam a leitura dos jesuítas nesse processo de catequização. No Brasil, eles tiveram a incumbência de catequizar os índios, imigrantes africanos e imigrantes europeus. Para tanto, fundaram o Colégio dos Jesuítas da Bahia (1553 – 1759), considerada a primeira instituição de ensino superior do país. Além do curso elementar (que ensinava a ler, escrever, contar e conceitos básicos da religião católica), o colégio oferecia o curso secundário de Letras, Filosofia, Teologia e Ciências Sagradas.

Além desses colégios religiosos, os conventos e os mosteiros também foram instituições que mantiveram as primeiras bibliotecas no país. Segundo Martins (2002), como poucas pessoas livres possuíam livros, as bibliotecas particulares eram difíceis de serem contabilizadas entre os séculos XVI e XVII. Diante do que foi exposto nesta pesquisa, é sabido que o conhecimento adquirido através dos livros não era de fácil acesso, assim como na Europa. Somente a partir do século XVIII, a leitura e os livros passaram a fazer parte da vida acadêmica das pessoas letradas no Brasil.

Até a metade do século XVIII, as bibliotecas dos Conventos foram centros de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros. São Paulo teve até esse momento duas bibliotecas conventuais: a de São Bento e a de São Francisco. Em 1773, com a extinção da Companhia de Jesus, a expulsão dos Jesuítas do Brasil pelo Marquês de Pombal e o consequente confisco de seus bens, as Bibliotecas Jesuítas tiveram seus acervos amontoados em lugares impróprios durante anos, enquanto se procedia aos inventários dos bens e sua destinação final (SANTOS, p.53, 2010).

Logo, a afirmação deixa claro que sendo o país colônia de Portugal, a autonomia com relação à circulação dos livros, e conseqüentemente a relação do povo com a biblioteca, era restrita, posto que a grande maioria não era alfabetizada e não possuía recursos financeiros para frequentar os espaços públicos que mantinham as bibliotecas. A instrução nesse período, portanto, era direcionada à elite.

Com o início do século XIX e a chegada da Família real no Brasil (1808), a biblioteca ganha um novo capítulo na história do país e conseqüentemente na formação dos leitores. Com isso, o Rio de Janeiro passa a ter um papel muito importante, pois abrigará a maior biblioteca pública do Brasil, a Biblioteca Nacional, considerada posteriormente pela UNESCO como uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo e a maior da América Latina.

### 1.5.1 A Biblioteca Nacional

Nesta parte, será possível percorrer os principais pontos do percurso da Biblioteca Nacional e como a instalação dessa instituição no estado do Rio de Janeiro foi importante para o fomento da cultura, leitura e preservação da história do país.

Em 1808, desembarcam junto à comitiva portuguesa, na cidade fluminense, cerca de 60 mil peças, entre livros, manuscritos, mapas, estampas, moedas e medalhas. Em 1810, por meio de um decreto, “o acervo foi acomodado nas salas do Hospital da Ordem Terceira do Carmo, na Rua Direita, hoje Rua Primeiro de Março” ([www.bn.gov.br](http://www.bn.gov.br)). Neste mesmo ano, o decreto de 29 de outubro regulamenta que a Real Biblioteca, a qual posteriormente ganhará o nome de Biblioteca Nacional, seja aberta aos estudiosos. Essa abertura foi importante para o contato deles com as obras, mas não ajudou muito em relação ao acesso da maioria dos leitores, uma vez que apenas os estudiosos podiam acessá-la, mediante consentimento régio. Somente em 1814 houve a abertura ao público para consultas. Isso foi um fator importante para a formação dos leitores, que não precisavam mais do consentimento para realizarem as pesquisas.

Em 29 de agosto de 1825, através do Tratado de Paz e Amizade, celebrado entre Portugal e Brasil, a Biblioteca é adquirida por este país.

A Real Biblioteca ganha novo prédio, adquirido pelo Governo Imperial no ano de 1855. O espaço hoje abriga a Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ.

Em 1876, “a instituição passa a se chamar definitivamente Biblioteca Nacional, depois de ser denominada de Real Biblioteca, e Biblioteca Imperial e Pública” (BN, 2019).

Finalmente, em 1910, o novo prédio da Biblioteca Nacional é inaugurado, após cem anos de sua fundação e instalação na Rua da Direita, e, cinco anos após a inauguração, a instituição refletiu diretamente na formação dos estudantes do Estado. Dessa maneira,

É criado o primeiro Curso de Biblioteconomia, dentro da própria Biblioteca Nacional, para especializar os funcionários. O curso, cujas atividades foram iniciadas em 1915, foi o primeiro da América Latina e o terceiro no mundo. Seguiu o modelo da École de Chartres, na França, que era o melhor da época. Além do ensino teórico, havia a parte prática, que era feita na própria Biblioteca. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2019)

A implantação desse curso não só mudou a dinâmica da biblioteca, como também a rotina dos estudantes que frequentavam aquele local, já que a partir dos anos de 1900 ocorreu um aumento considerável em relação à visitação de leitores e conseqüentemente na consulta de livros.

É importante ressaltar que a estrutura da Biblioteca é a mesma desde a inauguração e as estantes de aço ajudam na sustentação do prédio. Existem vidros nas prateleiras dessas estantes que ajudam na conservação dos livros e no auxílio para encontrar os volumes.

No início, havia vitrais que deixavam a luz natural (solar) incidir no espaço para auxiliar na iluminação do prédio, pois iluminar o edifício todo, naquela época, era difícil. Posteriormente, com estudos, observou-se que a luz não beneficiava a conservação dos livros. Então, passaram a usar proteção nesses vitrais para impedir a incidência de luz natural direta nos livros. Isso demonstra a evolução das pesquisas sobre a conservação dos livros a partir dessa importante instituição.

Após várias mudanças de direção e projetos para aumento do acervo, a Biblioteca Nacional passa a constituir a Fundação Nacional Pró-Leitura, junto com o Instituto Nacional do Livro. Este instituto é responsável pela Política Nacional do Livro e pelas bibliotecas.

Em finais da década de 1970, outro grande movimento da Biblioteca, que mudou a política, beneficiando diretamente autores e editores, foi a implantação do sistema ISBN (International Standart Book Number), o qual identifica de forma numérica os livros, os autores, país e editora.

Depois de todas as políticas que visavam abrir mais a Biblioteca Nacional para o público em geral, em 2006 a instituição cria a Biblioteca Nacional Digital, “que integra todas as coleções digitalizadas, posicionando a FBN na vanguarda das bibliotecas da América Latina e igualando-as às maiores bibliotecas do mundo no processo de digitalização de acervos e acesso a obras e serviços via internet” ([www.bn.gov.br](http://www.bn.gov.br)). Com isso, a biblioteca consegue integrar-se mais aos leitores, que podem fazer suas pesquisas mesmo não sendo residentes do estado do Rio de Janeiro.

Portanto, o percurso histórico da Biblioteca Nacional está completamente relacionado à história política e acadêmica do país, e atualmente configura-se como um dos maiores acervos públicos da América Latina. Frequentada por grandes autores como Carlos Drummond de Andrade, a Biblioteca é representante de um

espaço notório de preservação do conhecimento para o país. Isso, de certa forma, influencia as demais bibliotecas, que dentre outras funções, buscam elaborar projetos que incentivem a formação do leitor, para que o conhecimento adquirido não fique restrito somente a este espaço.

Ao analisar-se a história das bibliotecas no Brasil, e principalmente da Biblioteca Nacional, é possível identificar que a sua constituição deu-se muito em função do que elas herdaram desde as bibliotecas da Antiguidade, passando pela influência das europeias.

Sob o aspecto do conhecimento transmitido, observa-se que as bibliotecas brasileiras herdaram a dinâmica do sistema de empréstimo, a função de armazenar livros, materiais e documentos importantes do país, e a concepção de acesso restrito a esse espaço, talvez pela forma com que a biblioteca foi constituída ao longo dos anos. Sob o aspecto estrutural, tem-se a arquitetura e edificações das bibliotecas públicas, que são vistas como verdadeiros centros culturais, como por exemplo, a Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, e, também, as bibliotecas instaladas nas universidades. Cabe ressaltar, ainda, a importância do entendimento por boa parte da sociedade de que a biblioteca é um local propício para o conhecimento adquirido a partir da leitura.

Infelizmente, assim como ocorreram incêndios nas primeiras bibliotecas, que devastaram muitos acervos, no Brasil também ocorreu este triste fato na primeira biblioteca pública do país, posteriormente reconhecida como a primeira biblioteca pública da América Latina, que é a Biblioteca Pública do Estado da Bahia. O incêndio veio através de um bombardeio no ano de 1912, quando ela funcionava no Palácio do Governo, e reduziu o acervo a 300 exemplares (AZEVEDO, 2012).

Apesar de todas as influências positivas recebidas por outras bibliotecas, é possível analisar que o país não herdou a política de investimento em recursos humanos para trabalhar nas bibliotecas, como é possível constatar nas europeias. “As bibliotecas públicas no Brasil passam por um momento tenso, com um notório problema no entendimento de sua missão, função e objetivo” (AZEVEDO, 2012, p. 4). Com isso, as bibliotecas não são avaliadas como missão dos estados para fornecer a leitura e conhecimento por parte dessas instituições.

Por outro lado, de forma positiva, o Brasil não herdou o sistema de empréstimo com tarifa, já adotado em muitas bibliotecas públicas europeias, como é possível constatar na seguinte passagem:

Na União Europeia, os usuários são obrigados a pagar pelo empréstimo das obras, em razão da Directiva 92/100/CEE<sup>1</sup> relativa ao aluguel, ao direito de comodato e a certos direitos conexos aos direitos de autor em matéria de propriedade intelectual. Em 16 de Janeiro de 2004, a Comissão Europeia decidiu pedir formalmente informações à Espanha, França, Itália, Irlanda, Luxemburgo e Portugal pela não aplicação integral da Directiva 91/100/CEE. [...] As discussões sobre a cobrança estão longe de terminar. (RIBEIRO, 2008).

Entende-se que muitas bibliotecas necessitam de recursos para continuarem “sobrevivendo” em meio as crises políticas e financeiras, principalmente no Brasil. Porém, é preciso avaliar que a cobrança pode afastar os usuários em um país que não possui os hábitos de leitura, como ocorre em muitos países da Europa: França, Finlândia, Alemanha, entre outros (RIBEIRO, 2008). As bibliotecas brasileiras ainda não exercem essa prática tarifária. Por isso, é tão importante investir não só nas bibliotecas como espaço público de conhecimento, mas também incentivar a criação e utilização de mais bibliotecas nas escolas.

## 1.6 A Biblioteca escolar no Brasil

Este item analisa o processo de implantação das bibliotecas escolares no Brasil, desde o período colonial, apontando como elas auxiliam a formação do leitor. Considera-se esta análise particularmente importante para uma compreensão mais abrangente sobre este espaço formativo, capaz de intervir na sociedade através da prática de leitura dos alunos, por meio deste espaço nas unidades escolares.

Inicialmente, em termos educacionais, a principal intenção no período colonial era catequizar os índios e instruir os colonos (VÁLIO, 1990). Com isso, os primeiros exemplares dos livros chegam ao país através dos jesuítas. Pouco tempo depois da sua chegada, os padres passaram a usar os acervos das bibliotecas dos conventos para auxiliar no processo de alfabetização dos índios e filhos de colonos. Esse acervo foi aumentando, mas continuavam em plena posse dos jesuítas. Com uma sociedade composta por maioria analfabeta, as bibliotecas não atraíam essa população, e, até metade do século XVIII, essa situação perdurou por muitos anos (VÁLIO, 1990).

Depois da expulsão da Companhia de Jesus do país, ocasionada pelo Marquês de Pombal, as bibliotecas e os livros sofreram as consequências. Foram relegados ao

---

<sup>1</sup>Vigente desde o Conselho das Comunidades Europeias de 19 de novembro de 1992.

esquecimento sendo, portanto, “usados para embrulhar mercadorias ou permanecerem em depósitos estragando-se”. (VÁLIO, 1990) Exemplares foram queimados, perdidos, e a biblioteca ficou esquecida por um bom tempo.

Após a vinda de D. João VI para o Brasil e muitos acontecimentos políticos, a educação volta a ganhar um destaque no cenário nacional. Com a lei de 15 de outubro de 1827, mandou-se criar escolas de primeiras letras em todas as vilas e locais mais populosos do país. Em um dos artigos da lei, é prevista a criação de escolas para meninas em algumas cidades. Dentre as diferentes questões abordadas nesta regulamentação, identificaram-se quais elementos poderiam constituir a estrutura dessas escolas propostas. Um desses elementos foi a criação do espaço para colocar os livros. Depois disso, “a discussão, no Brasil, sobre a necessidade de bibliotecas – no sentido etimológico de coleção de livros – apropriadas às escolas, inicia-se na segunda metade do século passado”. (VÁLIO, 1990, p. 17).

Cabe ressaltar que onze anos após a implantação da lei, destaca-se a fundação do Colégio Pedro II, que serviu de modelo para as demais instituições no Rio de Janeiro. Chama a atenção o fato de que no regulamento que normatiza a sua estrutura administrativa e pedagógica são inclusas questões relacionadas à biblioteca escolar, como é possível identificar no excerto extraído deste regulamento nº8 de 31 de janeiro de 1838:

[...]

Capítulo XXIV.

Da Bibliotheca, e das CollecçõesScientificas

Art. 146. Haverá no CollegiohumBibliotheca composta de livros escolhidos pelo Reitor, com aprovação do Ministro do Imperio.

Art. 147. O catálogo da Bibliotheca será feito em duplicata, ficando hum exemplar em mão do Reitor para ser annualmente verificado pelo Vice-Reitor; e outro será entregue ao Ministro do Imperio.

Art. 148. Hum Empregado debaixo da direcçãoimmediata do Vice – Reitor será incumbido pelo Reitor do cuidado da Biblioteheca.

Art. 149. Os livros da Bibliotheca poderão ser emprestados aos empregados, debaixo de sua responsabilidade; e os Alumnos por licença escripta do Vice-Reitor.

Art. 150. Nenhum livro poderá ser emprestado por mais de oito dias, a não ser renovado o pedido: quem tomar emprestado hum volume, fica responsável pela obra inteira.

Prosseguindo:

Art. 151. Haverá também hum gabinete de Physica, hum Laboratorio de Chimica e humacolleção elemental de productos dos tres Reinos vegetal, mineral, e animal.

Art. 152. Do serviço destes Gabinetes poderá ser encarregado o mesmo Bibliothecario ou outra qualquer pessoa.

Art.153. Tanto o Guarda dos Gabinetes, como o Bibliothecario, estarão sempre debaixo das ordens do Vice-Reitor.

Art. 154. O Ministro do Imperio organizará, sobre informação do Reitor, a pedido dos Professores, a lista dos objetos, que convier completar, adquirir, concertar ou substituir. (BRASIL, 2019)

Por este regulamento, é possível observar que o documento resume, em partes, muitas influências recebidas das bibliotecas europeias para serem aplicadas na biblioteca escolar, no que concerne à dinâmica da instituição, como por exemplo, catálogo do acervo, responsabilidade com os empréstimos das obras com dias contados, renovação de empréstimos, presença do bibliotecário, coleções por assuntos afins, entre outros.

A hierarquia se faz presente no âmbito dessa biblioteca, pois havia uma ordem para resoluções de eventuais problemas apresentados dentro deste espaço no Colégio Pedro II. Eles deveriam passar pelo ministro do império, reitor, vice-reitor, bibliotecário, guarda dos gabinetes e professores. Os livros escolhidos pelo reitor dependiam da aprovação do ministro. Este ambiente era tão importante na escola, desde essa época, que muitos livros só poderiam sair para empréstimo justamente com a ordem do consentimento deste ministro.

Junto a esse período, emergem aqui os livros que estavam direcionados para o público das crianças presentes nas escolas. Então, essa “literatura escolar” (VÁLIO, 1990) existente nas bibliotecas escolares foi, inicialmente, uma escrita mais dedicada à instrução de escolares. Posteriormente, com o surgimento dessas bibliotecas, surgiram traduções escritas para o público infantil, que, de acordo com a afirmação de Válio (1990), ajudaram a impulsionar a literatura infantil:

Como recusa às traduções vindas de Portugal, surgiu a ‘Biblioteca Escolar’ criada pelo Conselho de Instrução do Império e sob a direção do Barão de Paranapiacaba. Apesar de críticas de intelectuais, a ‘Biblioteca Escolar’, que se inicia com uma adaptação de “Os Lusíadas” e seguida de uma tradução da ‘Fabulas’ de La Fontaine, teve o mérito de procurar novos métodos de leitura, incorporando neles as características nacionais (VÁLIO, 1990, p. 17).

Essas obras citadas e principalmente outros títulos de fábulas foram importantes naquele momento de criação do acervo das bibliotecas escolares, pois estas histórias, além de divertirem as crianças, possuíam um caráter moralizante para auxiliar no processo de instrução das crianças. É importante dizer que naquela época não se tinha a noção de formar leitores na infância como atualmente, pois, como já foi

mencionado antes, a maioria da população era analfabeta, os livros eram caros e, portanto, de difícil acesso para os trabalhadores (VÁLIO, 1990). Então, os livros assumiram uma função de ensinar as mães letradas, e para as professoras brincarem e distraírem as crianças. Somente com o livro *Contos da Carochinha* (1894), escrito por Figueiredo Pimentel<sup>2</sup> e publicado pela Livraria Quaresma, ocorreu, no Brasil, a “inauguração” de uma obra considerada para deleite infantil, com a leitura literária. (DUARTE; SEGABINAZI, 2017). Sobre esse autor, é possível dizer que:

Seus livros ‘começaram a fazer um sucesso espantoso. Os que se importam em linguagem diferente da que se dava no país, vão ficando sob a poeira das estantes’, assevera Luís Edmundo. Ao mesmo tempo, os livros de Figueiredo Pimentel subvertiam inteiramente como leitura os cânones da época, sobre serem escritos em linguagem solta, livre, espontânea e bem brasileira para o tempo. Foram livros que atravessaram os anos (ARROYO, 2006, p. 251).

As produções de Figueiredo impulsionaram o acervo para o público infantil, pois o tipo de linguagem “bem brasileira” usada nas obras caiu no gosto popular. Dessa maneira, as obras traduzidas foram cedendo lugar para esse autor, que tanto contribuiu para os primórdios da literatura infantil produzida no país.

Após publicações de obras infantis como as escritas por Figueiredo, em finais do século XIX, as bibliotecas escolares iniciam o processo em que ganharam os moldes atuais. Essa mudança “começou a acontecer no país com a fundação das escolas normais. A primeira a ser criada foi a Biblioteca da Escola Normal Caetano de Campos, São Paulo, em junho de 1880 e, anos depois, em 16 de junho de 1894, inaugura-se a Biblioteca do Ginásio do Estado da Capital” (VÁLIO, 1990, p.18).

O conceito dessas bibliotecas criadas a partir das escolas normais, no final do século XIX, foi se modificando ao longo dos anos e, aos poucos, ganhando espaço nas discussões que versavam sobre educação, currículo, estratégias de aprendizagem, entre outros. Inicia-se, desse modo, a indicação da biblioteca como parte do processo da formação dos leitores, desde o início da aprendizagem “das letras”. Uma nova concepção desse espaço começa a ser delineada como ressalta SILVA (2011, p. 494):

É pertinente salientar que a biblioteca escolar ganha uma nova configuração no final do século XIX e no início do século XX. Todavia, são as bibliotecas escolares em colégios privados que se destacam, visando instruir métodos

---

<sup>2</sup> Alberto Figueiredo Pimentel tornou-se Figueiredo Pimentel, pseudônimo que utilizava para publicar as histórias infantis trazidas de Portugal. Nascido no Rio de Janeiro em 1869 e falecido em 1914, foi poeta romancista, cronista, jornalista, autor de literatura infantil e tradutor.

educativos com ênfase religiosa, uma vez que lá estudava a elite brasileira (grandes agricultores, empresários, comerciantes e intelectuais, entre outros).

Essa nova configuração foi muito importante para a consolidação das bibliotecas escolares. Todavia, ter a elite como público frequentador desse espaço permitiu que os reflexos fossem sentidos séculos depois, porque um espaço “destinado” à instrução dessa parcela restrita da sociedade, desde o século XVI no Brasil, fez com que a biblioteca fosse vista como local para poucos (DUARTE; SEGABINAZI, 2017).

Essa situação, que inicialmente parecia ser negativa para os menos favorecidos economicamente, acaba por iniciar outra ideia que, no futuro, irá beneficiá-los: “expandir bibliotecas escolares aos carentes, no caso escolas públicas” (DUARTE; SEGABINAZI, 2017, p. 9). Esse novo olhar para a expansão das bibliotecas escolares teve início a partir da atuação de Fernando Azevedo<sup>3</sup> e Anísio Teixeira<sup>4</sup>, de acordo com Duarte e Segabinazi (2017):

A partir de 1930/40 começam a aparecer mudanças na realidade brasileira visto que reformas na educação começam a surgir, realizadas por Fernando Azevedo e Anísio Teixeira que legitimaram a biblioteca no sistema de ensino. Mudanças que valorizavam o incentivo à leitura, ou seja, unir biblioteca e outras ferramentas de educação. Começa-se então a pensar na questão do acervo e da participação da comunidade escolar (DUARTE; SEGABINAZI, 2017, p. 10).

Com as reformas propostas por esses educadores, a biblioteca dá prosseguimento às discussões educacionais iniciadas em finais do século XIX, que buscavam inseri-la como parte integrante no processo de formação dos leitores. Tanto Fernando Azevedo quanto Anísio Teixeira participaram de um movimento reformador na educação brasileira, no qual passaram a valorizar e incentivar a leitura e o espaço garantido para esta, ou seja, a biblioteca.

---

<sup>3</sup> Educador, ensaísta e sociólogo, Fernando de Azevedo (1894-1974) ajudou a colocar a educação como prioridade na agenda nacional. Foi o principal introdutor das concepções do sociólogo Émile Durkheim no Brasil.

<sup>4</sup> Considerado o principal idealizador das grandes mudanças que marcaram a educação brasileira no século 20, Anísio Teixeira (1900-1971) foi pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis, que refletiam seu objetivo de oferecer educação gratuita para todos.

✓ **A biblioteca Mourisco e sua importante influência para as bibliotecas escolares.**

Inaugurada em agosto de 1934, a primeira biblioteca pública do país ligada à infância, em um formato que incentivava não só a leitura através dos livros, mas atividades culturais direcionadas às crianças, foi proposta e idealizada por Cecília Meireles, que ficou conhecida como Pavilhão Mourisco e passou a ser espaço de divertimento de muitas crianças naquela época. Localizada em Botafogo, Rio de Janeiro, havia na biblioteca nove seções que possuíam salão de leitura; setor de desenho; pintura e modelagem; brinquedos, jogos e às vezes sessões de cinema (PIMENTA, 2001). Diferentemente das outras bibliotecas, que eram espaços frequentados por adultos, a biblioteca Mourisco possuía uma proposta de aliar leitura, cultura e divertimento em um mesmo local.

Fundadora e diretora do espaço, Cecília Meireles foi professora, jornalista, escritora, pintora e uma das poetisas mais importantes do país. Muito envolvida na área educacional, como escritora escrevia textos que pensavam nos problemas da educação pelos quais o país estava passando. Através das pesquisas que realizava, demonstrava, a partir de muitos textos, a importância dos livros, da leitura e das bibliotecas para a escolarização e “discursava a favor da reformulação dos conteúdos dos livros infantis e juvenis para a adequação às crianças e adolescentes, e pela difusão de bibliotecas infantis e populares” (MARTINS, 2014, p. 230).

O projeto audacioso e inovador para a época, de uma biblioteca voltada completamente para a infância, pois até então não havia um espaço de leitura destinado às crianças, recebeu apoio do Anísio Teixeira, participante da Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, que enfatizou na sua gestão a criação de bibliotecas (PIMENTA, 2001).

O Pavilhão Mourisco, que segundo Anísio Teixeira seria um órgão de pesquisa, transformou-se em um centro de cultura infantil, cujas atividades nele realizadas acabava revelando algo muito maior do que uma simples biblioteca.

Cecília Meireles buscou ouvir na época as crianças, de forma a construir um espaço que atendesse realmente aos anseios infantis e não dos adultos, como eram muitas bibliotecas frequentadas por esse público. Segundo a autora, “as bibliotecas infantis correspondem a uma necessidade da época e têm vantagens não só por

permitirem à criança uma enorme variedade de leituras, mas também por instruírem os adultos acerca de suas preferências”. (MEIRELES, 1970, p. 117 apud DURO, 1979, p. 211). Com essa atitude, Cecília Meireles mostrou que a participação das crianças na composição de um acervo que possua livre acesso para elas é muito importante. Não basta ser um espaço pensado para crianças, é preciso atender, em todos os sentidos (acervo, espaço, atividades), as crianças. Isso fez com que nos primeiros três meses de existência a biblioteca contasse com cerca de 200 leitores e, três anos depois, esse público aumentasse para cerca de 1500 leitores inscritos (PIMENTA, 2001).

Assim,

Antes da inauguração da biblioteca infantil, no final do ano de 1931, Cecília Meireles iniciou um inquérito pedagógico junto às crianças de 24 escolas públicas do Distrito Federal. Este inquérito constituiu-se num levantamento preciso das preferências de leitura de crianças entre 11 e 14 anos. Era composto de doze perguntas e foi respondido por 993 meninas e 454 meninos do terceiro, quarto e quintos anos primários. Essa investigação permitiu a Cecília Meireles conhecer as prioridades literárias da futura clientela e foi um dos parâmetros que contribuiu para a seleção e constituição do acervo da biblioteca infantil (PIMENTA, 2000, p. 10).

Por meio das declarações realizadas por Cecília Meireles na época, a autora expôs que conhecer os gostos das crianças foi considerado importante para obter um resultado positivo, pois há relato de que as crianças gostavam de estar lá na biblioteca, haja vista que foi um local pensado e feito para as crianças.

A história da biblioteca criada por Cecília Meireles apresenta para o país outra forma de enxergar a biblioteca para as crianças, como observa Pimenta (2001):

A experiência do Mourisco, apesar de breve duração, representou a semente que mais tarde frutificou na criação das seções infantis das bibliotecas públicas e de bibliotecas infantis no Rio de Janeiro, São Paulo e outros municípios brasileiros. O pioneirismo desse empreendimento se resume ao fato dessa biblioteca possuir características antes nunca vistas no Brasil. Na época havia bibliotecas que jamais permitiram a entrada de crianças, outras que somente consentiam o acesso de menores acompanhados dos pais. A biblioteca do Mourisco foi além. Não somente estimulava a frequência de crianças como mantinha os livros ao alcance das mesmas, novidade sequer tentada nas bibliotecas frequentadas por adultos. Outras novidades foram: a inclusão de atividades artísticas e culturais; o empréstimo de livros escolhidos pelos próprios leitores; o fato de ser um espaço público, mantido por verba pública; estar vinculado às atividades escolares, pretendendo ser uma extensão da biblioteca escolar; além de servir de objeto de estudo para professores e pesquisadores da rede municipal e do Departamento de Educação. Certamente, estas foram iniciativas que ajudaram a compor o cenário educacional das próximas décadas (PIMENTA, 2000, p. 14).

Sendo assim, a biblioteca fundada por Cecília Meireles deixou um legado para as que foram criadas posteriormente no país. Esse pioneirismo do espaço Mourisco contribuiu para uma nova forma de dar visibilidade às bibliotecas escolares, que também passaram a adotar muitas práticas realizadas naquele espaço.

Por questões políticas, em 1937, a biblioteca foi fechada, e o acervo considerado inadequado para o público infantil. Com isso, o prédio foi utilizado para outros fins e o acervo doado para uma escola na zona sul.

Mesmo com o fechamento do espaço, as discussões avançaram e a metade do século XX foi de suma importância para este movimento evolutivo das bibliotecas, de acordo com Duarte e Segabinazi (2017, p.10):

A década de 1950 é o marco para a instalação das bibliotecas escolares no Brasil. Começa fortemente o discurso da importância da composição do acervo e da participação direta dos usuários discentes e dos pais na construção da biblioteca escolar por meio de ações pedagógicas. No que se refere à composição do acervo, acredita-se que a biblioteca escolar deve possuir exemplares diversos. Já no que tange à participação de alunos e pais, acredita-se que são elementos chave para que a biblioteca escolar se calcifique.

É importante dizer que mesmo com toda essa movimentação em torno da biblioteca escolar – consolidação do espaço e participação de alunos e pais –, não foi tarefa fácil dar continuidade à implementação desse projeto nas escolas brasileiras, por conta, especialmente, das mudanças governamentais e da falta de comprometimento em relação às bibliotecas (DUARTE; SEGABINAZI, 2017). Até o início dos anos de 1990, as políticas de incentivo a esse espaço na escola não avançaram de forma considerável.

Neste período, existiam as redes de bibliotecas que visavam ajudar no processo de democratização do letramento literário. Essas redes emergidas a partir do trabalho cooperativo interbibliotecário, na década de 1960 (LIMAS; CAMPELLO, 2017), prezavam também por um movimento de expansão e articulação entre as bibliotecas. Para entender como tais redes fizeram parte dessa democratização, Limas e Campello esclarecem que:

As redes surgiram como forma de rever a biblioteca escolar e seu papel, em um esforço de inseri-la no sistema de ensino. Este surgimento ocorreu a partir da segunda metade da década de 1990, impulsionado por contextos de transformação e movimentos mais amplos de reformas nos sistemas de ensino municipais, tendo como um dos pontos centrais a possibilidade de

serem alternativas para superar a infraestrutura precária das bibliotecas escolares (LIMAS; CAMPELLO, 2017, p. 29).

A ideia das redes era formar uma articulação entre as bibliotecas, onde pudessem ganhar maior visibilidade para as políticas públicas educacionais dentro da dinâmica do sistema de ensino. Em um país de dimensão continental como o Brasil, integrar as bibliotecas para o crescimento delas é fundamental. As redes surgem, então, como uma opção para a melhoria de infraestrutura das bibliotecas no sistema de ensino, seja ele público ou privado, como bem esclarece Limas e Campello:

O aparecimento das redes se deu alcançando melhorias gradativas sem que houvesse planos plenamente estabelecidos de estágios a serem alcançados. Os dados apontaram uma tendência de surgimento impulsionado por movimentos mais amplos de transformação nos sistemas de ensino. O próprio cenário da educação em âmbito nacional passava por transformações. Na década de 1990, o Brasil passou por um movimento de democratização do ensino e melhoria qualitativa na educação (LIMAS; CAMPELLO, 2017, p. 29).

Dessa forma, as redes apontaram para uma tendência de revitalização do espaço da biblioteca escolar nos sistemas de ensino. Assim, com o entusiasmo para a melhoria da educação, essas bibliotecas voltaram a ganhar espaço nas discussões, a partir da criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), em 1996, e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1997. Com esses dois documentos oficiais na estrutura educacional, o discurso da biblioteca escolar é pautado pela ideia de espaço de aprendizado e estímulo à leitura. Essa nova mentalidade impulsiona a criação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), em 1997, no governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso.

### **1.7 As políticas públicas realizadas de incentivo à leitura no Brasil**

Tanto a LDB quanto os PCNs marcaram o final da década de 1990 com alguns programas destinados ao uso do livro por parte das escolas. É fato ressaltar que muitas políticas públicas direcionadas à leitura, ao fomento dos acervos e à formação docente surgiram a partir da LDB e dos PCNs. Essas políticas públicas, representadas por meio dos programas abaixo, tiveram início em finais dos anos de 1980 e foram surgindo ao longo dos anos 90 com o projeto formativo, tanto dos profissionais de

educação quanto dos estudantes. Abaixo, segue um quadro-síntese com a trajetória dos programas relacionados ao livro, de forma geral, e ao letramento literário.

QUADRO 2: Programas de incentivo à leitura no Brasil

<b>PROGRAMA</b>	<b>ANO DE CRIAÇÃO/ ENCERRAMENTO</b>	<b>AÇÕES</b>
<b>Programa Nacional Sala de Leitura (PNSL).</b> Criado pela Fundação de Assistência aos Estudantes (FAE).	1984 – 1987/ 1996	Distribuição de livros de literatura para salas de leitura das escolas públicas, que não possuíam biblioteca.
<b>PROLER.</b> Criado pela Fundação Biblioteca Nacional.	1992/ Até os dias atuais	Possibilitar a população em geral o acesso ao livro e a vários materiais de leitura.
<b>Pró-Leitura.</b> Criado através da parceria entre o MEC e o governo Francês.	1992/ 1996	Atuar na formação de professores leitores, afim de torná-los facilitadores da entrada dos alunos no universo da leitura e escrita.
<b>Programa Nacional Biblioteca do Professor (PNBP).</b> Criado com o incentivo do MEC.	1994/ 1996	Distribuir livros teóricos para dar suporte à formação e capacitação de professores atuantes nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

<p><b>Programa Nacional Biblioteca da Escola</b> (PNBE). Criado pelo Ministério da Educação (MEC) e executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).</p>	<p>1997/ Até os dias atuais*</p> <p>*Neste momento, o programa encontra-se suspenso por alegação de falta de recursos por parte do governo federal (MEC, 2018).</p>	<p>Democratizar o acesso a obras de literatura para crianças e jovens da rede pública de ensino. Fornecer materiais de pesquisa para docentes e discentes atuantes nas escolas, e os livros para compor o acervo são os periódicos, livros de literatura, teóricos e metodológicos.</p>
<p><b>Programa Nacional do Livro Didático I (PNLD)</b>. Criado com o apoio do MEC e gerenciado pelo FNDE.</p> <p><b>PNLD II</b> Junção do PNLD com PNBE. Ganha nova nomenclatura: <b>Programa Nacional do Livro e do Material Didático</b></p>	<p>1985/ Até os dias atuais</p>	<p>Avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias com distribuição gratuita para toda rede pública de ensino (federal, estadual, municipal, comunitária, confessional ou filantrópica).</p>

Fonte: BRASIL, 2019.

De acordo com as informações disponíveis no portal do MEC nos anos de 2018 e 2019, cada programa descrito acima foi proposto para contribuir tanto com a democratização do livro literário, através do fomento para o acervo das bibliotecas, quanto para o próprio repensar da função da biblioteca no auxílio do processo educacional de cada estudante. Abaixo, seguem informações referentes a cada programa.

O **PNLS** apresenta que além dos livros distribuídos para as bibliotecas e salas de leitura (SL), os livros de literatura também deveriam ser distribuídos para professores e alunos. Nesse ponto, é válido esclarecer que uma sala de leitura possui um sentido mais dinâmico do que as bibliotecas escolares. A disposição do mobiliário deve ser diferente, podendo ter almofadas ou “puffs” dispostos neste espaço.

Aparelhos audiovisuais também são possíveis para compor o espaço, como Travassos (2018, p.103) nos esclarece:

Nesta proposta, a ideia era que as SLs se constituíssem como centros ativos de produção cultural, nos quais os livros estariam associados a recursos plurissensoriais: ao conjugar o livro a diferentes meios de comunicação, aplicando suas linguagens específicas à prática educativa, o intuito era o de ampliar as possibilidades dos alunos “de ver-julgar-agir, em interação com a comunidade que pertence.

É interessante observar que as salas de leitura propõem um diálogo mais dinâmico com o livro, dentro desse espaço. A figura do bibliotecário é substituída por professores ou profissionais da educação que estejam envolvidos com esse ambiente. Algumas vezes, há professores afastados de sua função de origem, em processo de aposentadoria ou em nível de contrato que auxiliam outros professores e estudantes nestas salas, que além de serem usadas como espaço destinado à leitura são utilizadas para a elaboração de projetos curriculares (TRAVASSOS, 2018).

O **PROLER** foi criado pela Biblioteca Nacional e é um programa que está vigente até os dias atuais. Busca fornecer a democratização do acesso ao livro e, com isso, “contribuir para a formação de leitores em espaços sociais, possibilitando à comunidade em geral e em diversos seguimentos da sociedade civil, o acesso aos livros e outros materiais de leitura” (TRAVASSOS, 2018, p.90). O MEC participa do programa fornecendo repasses de recursos, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Através desse programa, é possível perceber que muitos seguimentos da sociedade civil podem ser beneficiados com esse programa de acesso aos livros e materiais de leitura (TRAVASSOS, 2018).

O **Pró-Leitura**, além de incentivar a atuação na formação docente, procurou estimular a prática de leitura na escola. Ele buscava movimentar mais a sala de leitura na escola, os cantinhos de leitura e até as bibliotecas escolares. “Concomitante a este programa, criou-se o Programa Nacional Biblioteca do Professor, também com o objetivo de dar suporte para a formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental” (TRAVASSOS, 2018, p.91).

O **PNBP** atuava em duas frentes: aquisição e distribuição de acervos bibliográficos destinados justamente para a capacitação desse professor. Com a criação do Programa Nacional Biblioteca na Escola, o PNBP teve sua atividade extinta.

O **PNBE**, criado sob a Portaria número 584, do Ministério da Educação (MEC), e executado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) em parceria com a Secretaria de Educação Básica (SEB), tem, desde o seu início, o objetivo de democratizar o acesso a obras de literatura para crianças e jovens, com destino para os estudantes da rede pública brasileira de ensino. Pensando sempre estar em consonância com as temáticas atuais abordadas, o programa passou por reformulações, como analisa Travassos (2018, p.91):

No intuito de valorizar a diversidade humana, em 2012 o programa lançou um novo edital para a seleção de acervos que considerassem diferentes temáticas de acordo com as especificidades de populações que compõem a sociedade brasileira. Assim, foram compostas seleções que contemplaram os seguintes temas: Indígena, Quilombola, Campo, Educação de Jovens e Adultos, Direitos Humanos, Sustentabilidade, Socioambiental, Educação Especial, Relações Étnico-raciais e Juventude.

O fato de o programa reformular o edital para contemplar esses temas mostra que está preocupado com grande parte do público leitor a que esses títulos irão chegar, isto é, os alunos das escolas públicas (TRAVASSOS, 2018). É muito importante que a biblioteca seja valorizada como uma das promotoras da universalização do conhecimento, e estas temáticas fazem parte desse processo de conhecimento cultural plural.

Contudo, infelizmente, observa-se que essa distribuição dos livros precisa ser mais eficaz e democrática, posto que há escolas em que os livros do programa não chegaram. Com isso, não se pode desconsiderar que é a formação deste acervo nas bibliotecas escolares, por parte de programas como estes, que orientam muito das políticas públicas realizadas no país no campo educacional (TRAVASSOS, 2018). Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o foco principal do PNBE era realizar a democratização do contato com estas obras fornecidas para a escola, havia o problema quanto à articulação entre a distribuição dos materiais com o trabalho pedagógico. Com o passar dos anos e as dificuldades financeiras declaradas pelo governo federal em arcar com os custos deste programa, ele se encontra paralisado atualmente.

Dessa forma, o **PNLD** (Programa Nacional do Livro Didático) foi reformulado e abrangeu os dois programas PNBE e um novo escopo do PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático), que, com nova nomenclatura, está realizando o

fornecimento desses livros em apoio à prática educativa. O programa cuida da aquisição e distribuição de livros didáticos e literários; jogos educacionais; obras pedagógicas e destinadas à gestão escolar, entre outros. Em 2018, o **PNLD Literário** incluiu livros literários neste novo PNLD, com a aquisição de obras literárias para a Educação Infantil (0 a 5 anos e 11 meses); o Ensino Fundamental – anos iniciais (1º ao 5º ano) e o Ensino Médio. (MEC, 2018).

A partir da leitura de todos esses programas e dos dados que fornecem, é possível constatar que, de alguma forma, eles visaram a contribuir com o letramento literário dos professores, alunos, mediadores, bibliotecários e profissionais da área educacional envolvidos. Distribuir livros para as salas de leitura foi uma das primeiras iniciativas dos programas referentes à leitura, todavia, mais importante do que distribuir é fazer com que cheguem, de fato, nas salas de leitura da escola. Dessa forma, haverá a possibilidade de a população em geral, composta pela comunidade escolar, manter contato com os livros e materiais de leitura.

É muito importante que a formação dos professores seja contemplada, posto que, na escola, eles são os principais mediadores entre os materiais literários e os alunos. Por isso, o suporte teórico que é fornecido para a capacitação desses docentes atuantes nas séries iniciais precisa fornecer uma estrutura que auxilie estes que serão os primeiros formadores da leitura e conseqüentemente da escrita dos alunos.

A democratização das obras literárias para crianças e jovens da rede pública de ensino é uma das ferramentas que podem ser usadas para auxiliar a pesquisa desses estudantes, pois além de livros de literatura, há a intenção de compor o acervo com periódicos, materiais teóricos e metodológicos. Porém, é importante ressaltar que estas obras para compor os acervos das bibliotecas escolares precisam estar na escola, para que a biblioteca esteja sempre presente na formação de cada indivíduo. Logo, é a concepção de um espaço formador, entendida da seguinte forma pelo próprio governo brasileiro:

A biblioteca não é concebida aqui como mero depósito de livros, como muitas vezes tem-se apresentado, mas assume a dimensão de um dinâmico pólo difusor de informação e cultura, centro de educação continuada, núcleo de lazer e entretenimento, estimulando a criação e a fruição dos mais diversificados bens artístico-culturais; para isso, deve estar sintonizada com as tecnologias de informação e comunicação, suportes e linguagens, promovendo a interação máxima entre os livros e esse universo que seduz as atuais gerações (BRASIL, 2006, p.22).

A leitura do trecho do documento do Plano Nacional do Livro e Leitura também apresenta que há certa apreensão em fornecer acervos diversificados de boa qualidade, por seguimento de ensino. Com isso, existe a preocupação em revitalizar constantemente este acervo das bibliotecas escolares, dispondo, dessa maneira, do acesso ao livro como condição de letramento literário. De fato, o acesso ao livro é fundamental, pois a escola ainda é o lugar onde o contato com o livro, sobretudo os literários, se faz.

✓ **A importância da Lei nº 12.244/2010 para a consolidação das bibliotecas escolares na contemporaneidade.**

Este item é destinado a apresentar a Lei nº 12.244/2010 e analisar qual foi a contribuição dela em relação à inserção das bibliotecas escolares, que, dentre outros fatores, possui o papel de “colaborar para uma educação democrática integral, alcançada por meio de atividades que levem o educando à formação do senso de responsabilidade, cidadania e capacidade de autorrealização” (RIBEIRO et al, 2014, p. 15). Dessa forma, a biblioteca não pode estar afastada da escola, que tem como um dos seus deveres principais participar da formação intelectual das pessoas. Ao longo dos anos, percebeu-se que era importante ter um espaço mais voltado para a leitura dentro dessa instituição, como bem nos aponta Oriá:

A escola alfabetiza, ensina a ler e escrever; a biblioteca, ao ser dotada de um acervo de livros e outros materiais informativos, propicia o desenvolvimento da prática da leitura e interesse pela pesquisa. Ambas possuem um papel fundamental nesse processo de inserção do aluno na sociedade da informação em que estamos todos mergulhados (ORÍÁ, 2017, p.7).

A partir desse olhar mais direcionado para este ambiente formador dentro da escola, iniciou-se o processo de instauração das bibliotecas escolares.

Contudo, se a história das bibliotecas mostrou-se imprescindível dentro desse processo de escolarização para a prática de leitura e pesquisa, e inserção do aluno na sociedade de informação, por que seria necessário criar uma lei no Brasil que versa sobre a universalização das bibliotecas escolares em nosso país?

Ao analisar vários aspectos que envolvem as bibliotecas, como por exemplo, estrutura, espaço, profissionais envolvidos, entre outros, é possível observar que essa

discussão foi se avolumando a partir da década de 1990, o que já configurava uma luta antiga da classe bibliotecária:

Uma campanha empreendida em prol da biblioteca escolar, iniciada na década de 1990, pelo Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB-8), de São Paulo, foi posteriormente liderada pelo Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) com o lançamento, em 2008, do Projeto Mobilizador Biblioteca Escolar: construção de uma rede de informação para o ensino público (CFB, 2008), que buscava sensibilizar a sociedade e os dirigentes governamentais para a necessidade de se criar bibliotecas em todas as escolas brasileiras, de forma que pudessem contribuir para uma educação de qualidade (VIANA, 2014, p. 41).

Toda essa discussão resultou na promulgação da Lei nº 12.244/10, de 24 de maio de 2010, e para entender melhor essa questão das bibliotecas no Brasil, amparada por esta lei, observa-se o texto original sancionado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva e decretado pelo Congresso Nacional:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei.

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

E continua:

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nºs 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de maio de 2010; 189º da Independência e 122º da República.  
(BRASIL, 2010)

A lei é muito clara no que diz respeito a sua abrangência, isto é, nas escolas públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do país. Dentro do artigo segundo do parágrafo único, há menção à obrigatoriedade do acervo nas bibliotecas escolares e a sua relação direta com a quantidade de alunos matriculados na instituição, podendo ser ampliado, ou seja, a lei veio para ratificar o fomento das obras nestas

instituições, pois muitas secretarias de educação reclamavam do alcance dos programas citados anteriormente, em escolas afastadas dos grandes centros.

[...] no Brasil, país de dimensões continentais e diferentes realidades socioeconômicas, a melhor maneira de democratizar o livro à população e promover o desenvolvimento da leitura entre os brasileiros é através do fortalecimento e modernização do sistema de bibliotecas do país, sejam elas públicas, comunitárias ou escolares (ORIÁ, 2017, p. 11).

A lei buscou tornar obrigatória a proposta deste espaço de leitura tão importante nos estabelecimentos de ensino, a fim de amenizar as disparidades encontradas no quantitativo de bibliotecas nas escolas, em um país tão grande e detentor de diferentes regiões quanto o Brasil (ORIÁ, 2017). Todavia, Oriá alerta em seus estudos que a mesma lei que obriga a criação do espaço e fomento do acervo oferece lacunas interpretativas e não é clara quanto à penalidade de seu descumprimento:

Ela não determinou, por exemplo, qual ente federativo seria responsável pela implantação de bibliotecas nas escolas e com que recursos orçamentários. Fala-se apenas de 'sistemas de ensino', mas não se estabelece as obrigações, de forma pactuada, entre os municípios, os estados e a União na universalização das bibliotecas escolares (ORIÁ, 2017, p.13-14).

Dessa maneira, é possível perceber que as falhas oferecidas pela operacionalização da lei podem prejudicar a tentativa de universalização das bibliotecas escolares sob dois aspectos. O primeiro é saber que o fato das bibliotecas existirem por obrigatoriedade não garantirá, por exemplo, a utilização desse espaço como agente transformador na educação (ORIÁ, 2017, p. 14). O segundo é que, seguindo determinações das Leis nºs 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998, que falam sobre o papel do bibliotecário, as bibliotecas públicas ou escolares devem ter este profissional organizando o espaço, mas, como bem observa Lindoso (2013), os números de instituições públicas e privadas do ensino fundamental e médio que necessitariam de bibliotecários para funcionar é infinitamente maior do que os estudantes que saem formados pelas faculdades de Biblioteconomia no país.

Essas duas prerrogativas apresentadas acima mostram que apesar de a lei colocar a biblioteca em um local de destaque nas escolas, ela precisa ser revista e aplicada de forma mais eficaz, pois nove anos se passaram desde a data de vigor da lei e, ao buscar-se informações nos meios midiáticos, sabe-se que poucos avanços

ocorreram nesse processo de universalização das bibliotecas escolares, cujo prazo limite de ser cumprida é até 2020. Porém, de acordo com Oriá (2017),

[...] essa lei não será cumprida a tempo, embora reconheçamos que a escola tenha um papel fundamental no fomento do hábito de leitura do brasileiro. Isso só se efetivará quando os gestores públicos responsáveis pela política educacional perceberem a atenção que deve ser dedicada às bibliotecas escolares, seja na sua organização, seja na sua modernização com adequação e uso de novos suportes de informação ou na inserção destes ambientes na rotina dos estudantes e no cotidiano de toda a escola (ORÍÁ, 2017, p. 16).

Por isso, apesar de todos os entraves encontrados para que a lei realmente seja cumprida, acredita-se que ela é relevante neste cenário atual da formação do leitor no Brasil, pois uma regulamentação faz-se necessária para que contribua com a garantia de oferecer igualdade em espaços fomentadores de leitura para os alunos. As bibliotecas passam a ser uma importante aliada na prática de leitura dos brasileiros e um suporte de informação que beneficia não só os estudantes como também todos os profissionais envolvidos (ORÍÁ, 2017).

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil de 2015<sup>5</sup> revela que 44% da população é constituída por não leitores e que, de modo geral, o brasileiro lê apenas os livros que são recomendados e exigidos pela escola e/ou universidade. Alguns especialistas neste assunto, como Rosa e Odone (2006, p.183), já apontavam, antes da constatação desse resultado, que a falta de leitura em um indivíduo afeta até no desenvolvimento do país. Segundo as pesquisadoras, “o baixo índice de leitura da sua população talvez seja o obstáculo mais comprometedor para a superação das dificuldades e é uma consequência das condições socioeconômicas e educacionais da população do país”. De fato, para formar uma sociedade leitora, a escola e a biblioteca são, nessa perspectiva, os dois pilares que justamente sustentam a base desta sociedade (ORÍÁ, 2017).

Valorizar e fazer o uso da biblioteca dentro do campo educacional auxilia diretamente no resultado da formação, pois ela consegue se destacar como um ambiente que contribui na aprendizagem da leitura. Ela é, pois, uma colaboradora

---

<sup>5</sup>**Retratos da Leitura no Brasil**, de 2015, pesquisa realizada pela Câmara Brasileira do Livro (BL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e Associação Brasileira dos Editores de Livros (Abrelivros).

fundamental para a formação de bons leitores, como bem analisa Campelo e Silva (2000):

A biblioteca é vista, portanto, como um espaço de aprendizagem, uma continuidade da sala de aula, que propicia não só o desenvolvimento de habilidades ligadas ao uso eficaz da informação, mas também de atitudes referentes a aspectos de socialização e compartilhamento, e de padrões de gosto pessoal (CAMPELLO, SILVA, 2000, p. 62).

Sendo assim, a lei foi criada com a intenção de regulamentar a importância da presença da biblioteca, dentro da unidade escolar, para que este espaço de leitura pudesse auxiliar no desenvolvimento de determinadas habilidades ligadas ao uso das informações, como afirmam Campello e Silva. Porém, observou-se a necessidade de ampliar o próprio alcance das bibliotecas, que não estava sendo contemplado por meio da Lei nº 12.244/10. Então, em conformidade com a referida lei e no intuito de melhorar este processo de funcionamento das bibliotecas escolares, cria-se a Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (2ºPNE). De acordo com Silva e Cunha (2016), são incluídas metas dentro deste plano que mencionam as bibliotecas e o papel do bibliotecário de forma explícita e implícita. As metas 6 e 7 surgem como estratégias que mencionam a importância da biblioteca no processo de democratização do acesso aos diferentes acervos.

Assim, o PNE e as Leis nºs 12.244/10 e 13.005/2014, vieram, de certa forma, reforçar as políticas para a inserção das bibliotecas no sistema de ensino brasileiro, e, apesar de toda a importância das bibliotecas na promulgação dessas leis, é necessário que essa pauta do campo educacional seja acompanhada, debatida e cobrada pela sociedade, que se beneficiará diretamente com o incentivo para a formação de leitores no país. A partir disso, "(...) faz-se necessário refletir sobre uma identidade de projeto que construa uma nova configuração identitária para a biblioteca escolar" (SILVA, 2012, p. 54), tendo em vista que esta se configura como um dos elementos estratégicos para que se melhore o nível educacional (LIMAS; CAMPELLO, 2017).

O que se pode concluir nesta parte referente aos programas e à Lei nº 12.244/10, que vieram para auxiliar no processo de formação do leitor e na valorização das bibliotecas escolares, é que quando um programa não conseguiu alcançar o objetivo proposto, criou-se outro para que pudesse suprir a lacuna que um determinado programa deixou no incentivo à leitura. Porém, é preciso destacar que o

fato de as bibliotecas receberem os livros em seus acervos não garante a real utilização deles. É necessário que um meio mais eficaz seja colocado em prática, pois, como foi possível observar, nem mesmo as leis propostas para a utilização das bibliotecas escolares conseguiram atuar no auxílio à formação dos leitores de forma eficiente.

É o que Lahire chama a atenção na obra *Sucesso escolar nos meios populares – As razões do improvável* (1997), sobre o capital cultural, no qual:

Os pais compraram livros, dicionários, enciclopédias [que frequentemente, constituem investimentos financeiros muito altos] para seus filhos, mas sem que possam acompanhá-los em suas descobertas desses objetos culturais [...] o papel de intermediários que possibilitaria aos filhos apropriarem-se dos textos que são colocados à disposição deles, e, frequentemente, ficam decepcionados com o pouco uso que eles fazem desse capital (LAHIRE, 1997, 342).

Dessa maneira, os livros e materiais que compõem o acervo das bibliotecas, ou pelo menos deveriam compor, seriam como este capital cultural citado pelo autor. Há a compra, o fornecimento, mas a utilização fica comprometida por diversos fatores. Falta, portanto, não só acompanhar o uso desses materiais de perto, como também é preciso criar métodos para a conscientização do aproveitamento desse acervo. A importância das bibliotecas foi um legado perpassado por gerações desde a antiguidade e não foi diferente no Brasil, que recebeu diretamente influência das bibliotecas europeias (BATLLES, 2003). A biblioteca escolar deverá, então, ter uma função para realmente fazer sentido dentro da escola, ou ela passará a ser utilizada apenas como um local para guardar livros. É conceber a ideia da biblioteca como espaço vivo, que por si só tem uma finalidade em seu uso, e não somente um espaço físico.

A biblioteca escolar é, portanto, uma biblioteca com resquícios históricos herdados das bibliotecas na Antiguidade. Assim como na biblioteca de Nínive, na qual a organização dos documentos era em plaquetas de argila, a biblioteca escolar passou a organizar os livros, e não tabuletas, por assuntos, para que estes não ficassem guardados aleatoriamente em um mesmo espaço de localização. Da biblioteca Grega, a escolar herdou a reunião das obras dos autores por categorias. Atualmente, muitas bibliotecas escolares utilizam o sistema numérico, alfabético ou por cores para agrupar os autores e obras nas prateleiras. O sistema de empréstimo das obras para leitura em domicílio foi influência das bibliotecas Romanas. A biblioteca

de Alexandria forneceu a ideia da biblioteca escolar como um local de pesquisa para os diferentes assuntos. Com as bibliotecas da Idade Média, houve a separação das bibliotecas por tipos: a pública, a particular, a universitária, a escolar, a erudita, entre outras. Por fim, a democratização do espaço da biblioteca escolar, que pode ser frequentada por estudantes, professores e, em alguns casos, os responsáveis, foi uma influência direta das bibliotecas no período do Renascimento.

Sendo assim, é possível entender a importância de se investigar qual é a função e o uso da biblioteca na escola, atualmente? Busca-se, também, analisar quais ferramentas/recursos a escola tem para formar o sujeito leitor, posto que tanto as políticas públicas quanto as leis, atestadas pelas pesquisas, como a Retratos da Leitura no Brasil, encontram entraves para que esse índice de leitores cresça no país de forma considerável.

## 2 METODOLOGIA

Neste item, são apontados os encaminhamentos metodológicos usados no presente trabalho de pesquisa. Este estudo fez a opção de utilizar a proposta metodológica de cunho qualitativo, tendo como eixo organizador o paradigma indiciário (GISZBURG<sup>6</sup>, 1989), que dentre outras funções, auxilia no método interpretativo de sinais, pistas ou indícios fornecidos pelo objeto pesquisado. Assim,

Este método trabalha descobrindo nas fontes e nos documentos dados além daqueles que estes pretendiam revelar, informações que, para a sociedade que produziu o documento, pode ser tido apenas como um fato posto, mas quando analisada e desconstruída pelo historiador, pode revelar um sistema vigente na época de produção de tal conhecimento (COELHO, 2014, p. 1).

Dadas as características do objeto analisado por esta pesquisa, o paradigma indiciário mostra-se adequado por fornecer informações que visam produzir indícios para a construção do conhecimento, apresentando a especificidade de cada dado revelado.

Dessa maneira, como dito anteriormente, fez-se a opção pela pesquisa na abordagem qualitativa, pois nela o

[...] o pesquisador coloca interrogações que vão sendo discutidas durante o próprio curso da investigação. Ele formula e reformula hipóteses, tentando compreender as mediações e correlações entre os múltiplos objetos de reflexão e análise. Assim, as hipóteses deixam de ter um papel comprobatório para servir de balizas no confronto com a realidade estudada (SUASSUNA, 2008, p. 349).

Inicialmente, o estudo estava baseado no resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica 2017 (IDEB), em duas escolas localizadas na rede municipal de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Uma escola pequena, mas que havia atingido a média nacional, e uma escola considerada pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) como uma das escolas mais completas em termos de infraestrutura e profissionais atuantes, que apesar de ser aparatada, não conseguiu

---

<sup>6</sup>Carlo Ginzburg - historiador e antropólogo italiano que, através do ensaio intitulado “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” (1979), contribuiu para uma nova perspectiva metodológica, na qual se busca o rastreamento de sinais, indícios ou signos que remetam a algum evento, mas sem captá-lo em sua integridade.

um bom desempenho em leitura e interpretação do texto, ficando, dessa maneira, abaixo da média nacional de 6,0 estipulada para o ano da aferição. Porém, tendo em vista a questão do prazo para as observações, concluiu-se que o mais indicado era deter-se em apenas uma das escolas sugeridas.

Contudo, é sabido que essas avaliações externas não indicam em seus resultados as causas que fizeram uma determinada escola obter tal desempenho. Muitas vezes ocorrem fatores que não são identificados por essas avaliações, mas que são preponderantes para o resultado, como por exemplo, escolas em áreas de risco que sofrem com alagamentos constantes; escolas localizadas em áreas onde ocorrem constantes operações por causa da violência, entre outras causas. Visto isso, a presente pesquisa buscou analisar, dentro do ambiente escolar, em qual espaço a leitura poderia ser o foco principal, levando em consideração que o desempenho insatisfatório era em relação à leitura e à interpretação. Chegou-se à conclusão de que a biblioteca era esse espaço. Dessa forma, optou-se pela Escola Municipal Monteiro Lobato por possuir uma biblioteca considerada de referência pela SEMED, com bom espaço, enquanto a outra unidade escolar não possuía uma biblioteca tão espaçosa e com um acervo numeroso.

A partir da escolha do objeto, foi realizado um estudo para revisitar a história das bibliotecas e, dessa maneira, compreender o universo pesquisado.

Com 134 escolas divididas em URGs (Unidades Regionais de Governo), o município possui um Plano Municipal de Educação para o decênio 2015-2025, composto por 20 metas a serem alcançadas neste período. Dentre as vinte metas seguidas pelo município, as metas 6, 7, 12 e 16 discorrem sobre as bibliotecas, não de forma específica, mas como um espaço que as escolas devam valorizar. Com relação à meta 16, ela aborda não só as bibliotecas, mas também a formação docente para trabalhar com leitura.

Abaixo, seguem trechos das metas que versam sobre o espaço da biblioteca:

Meta 6 – 6.3

6.3) (...) ampliação e reestruturação das escolas públicas, por meio da instalação de quadras poliesportivas com coberturas, laboratórios, inclusive de informática, espaços para atividades culturais, **bibliotecas**, auditórios, cozinhas (...) e outros equipamentos. (BRASIL, 2015, p. 11).

6.4) fomentar a articulação da escola com diferentes espaços educativos, culturais, esportivos e com equipamentos públicos, como **bibliotecas**, visitação de teatros, museus, cinemas e planetários. (BRASIL, 2015, p. 11).

#### Meta 7

7.14) (...) implementação das condições necessárias para a universalização das **bibliotecas** nas instituições (BRASIL, 2015, p. 13).

#### Meta 12

12.14) proporcionar melhoria nos espaços de laboratórios, **biblioteca** e outros utilizados pelos alunos (BRASIL, 2015, p. 117).

#### Meta 16

16.6) fortalecer a formação dos professores e das professoras das escolas públicas de educação básica, por meio de implementação das ações do Plano Nacional do Livro e Leitura e da instituição de programa nacional de disponibilização de recursos para acesso a bens culturais pelo magistério público e profissionais da educação, para as bibliotecas de todas as Unidades Escolares, com o cumprimento efetivo da Lei 12.244/2010 (BRASIL, 2015, p. 21).

A partir desse universo das 134 escolas do município, optou-se por analisar a biblioteca Amazor Vieira Borges, na Escola Municipal Monteiro Lobato, para identificar os usos e funções desta biblioteca em relação à promoção da formação do sujeito leitor.

O presente trabalho cumpre a seguinte forma de organização:

- Processos de constituição das bibliotecas;
- Processos de constituição das bibliotecas escolares no Brasil;
- Funções da biblioteca escolar;
- Modos de organização e funcionamento da biblioteca Amazor Vieira Borges.

As categorias desta pesquisa serão apresentadas posteriormente, emergidas a partir das cenas observadas na Escola Municipal Monteiro Lobato.

Segue o cronograma desta pesquisa, para fins de observação das etapas avançadas deste estudo:

Tabela 1: Meses do ano de 2018

Atividade	Meses do ano (2018)											
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Levantamento inicial de Literatura	X	X	X	X	X	X						
Leitura e Montagem do Projeto de Pesquisa							X	X	X	X	X	
Revisão de Literatura												X

Fonte: A autora, 2019.

Tabela 2: Meses do ano de 2019

Atividade	Meses do ano (2019)											
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Revisão de Literatura	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Qualificação/ Levantamento de Dados										X	X	
Análise de Dados											X	X

Fonte: A autora, 2020.

Tabela 3: Meses do ano de 2020

Atividade	Meses do ano (2020)											
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Conclusões	X			-	-	-	-	-	-	-	-	-
Revisão Final		X										
Entrega da Dissertação			X									

Fonte: A autora, 2020.

A coleta desses dados foi realizada por meio da observação participante que, de acordo com Minayo, funciona

(...) como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador de uma situação social com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente (MINAYO, 2013, p. 70).

As observações foram realizadas dentro da biblioteca nos meses de novembro e dezembro de 2019, tanto no turno da manhã quanto no turno da tarde. Assim como Minayo (2013) bem observa, durante os dois meses que a pesquisadora fez parte daquele cotidiano escolar, docentes, alunos e a direção mantinham um diálogo e permitiam-lhe a total participação na vida social daquele ambiente.

Visto isso, as informações foram colhidas a partir de conversas com os professores mediadores do espaço, estudantes, professores e equipe diretiva. Assim, conforme o paradigma indiciário (GISZBURG, 1989), as questões emergidas por meio das observações e diálogos transformaram-se em dados para o objeto de análise pesquisado. Logo,

[...] conversas possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e resignificação de sentido – saberes- sobre as experiências dos partícipes. Sua escolha se baseia na horizontalização das relações de poder. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais, críticos e reflexivos diante da realidade (SAMPAIO et al, 2014, p.1301).

Para melhor identificação, os dados foram organizados a partir de cenas, compostas por professores e estudantes que atuam nessa biblioteca. As cenas foram descritas e logo após analisadas, de acordo com o estudo teórico realizado neste trabalho.

Sendo assim, a concepção deste estudo é a de que a observação realizada na biblioteca Amador Vieira Borges confirme ou refute hipóteses, surgidas a partir desse objeto pesquisado.

### 3 A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE LEITOR

Ao falar da biblioteca escolar, é necessário saber que, assim como a literatura infantil, ela é constituída sob demandas. Ariès (2006) afirma que a ideia de infância e conseqüentemente de criança era a de que esta fase não tinha importância, e somente com o passar dos anos essa concepção foi se modificando. Logo, a história mostra que a invenção da infância é muito posterior à criação das bibliotecas. Dessa forma, a escola também sofreu influências desde a sua formação. Com a mudança de entendimento da infância, a escola e as leituras, que estavam destinadas a serem realizadas nessa instituição, sofreram uma interferência, como bem observam Lajolo e Zilberman (1999):

A inclinação a editar obras destinadas ao ensino, visando atender demandas inesperadas, parece ter se incorporado à história do livro didático e circulação no país, com conseqüências visíveis no modo como se desenvolvem as práticas de leitura nos arredores da escola (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, 128).

Essas demandas impulsionaram nas escolas normais, fundadas em finais do século XIX, a criação das bibliotecas nas escolas. Válio (1990) afirma que essa criação se assemelha com características estruturais próximas a da maioria das bibliotecas escolares que o Brasil possui atualmente, em muitos municípios: uma pessoa da escola tomando conta do espaço, livros de literatura nas estantes, e poucas mesas e cadeiras para os estudantes. É válido ressaltar que o Colégio Pedro II, fundado em 1838, tinha biblioteca, que servia também para atender a instrução pedagógica. Estruturalmente, poderia se assemelhar às bibliotecas atuais que se tem hoje no país, mas a organização era completamente diferente. O empréstimo era vedado aos estudantes, existia uma hierarquia para fazer a aquisição do acervo, o qual passava pela avaliação do ministro do Império, e os professores não possuíam livre acesso ao local.

Após a biblioteca do Colégio Pedro II, houve, no Brasil, iniciativas importantes com relação às bibliotecas infantis nas escolas. Sobre este assunto, Mortatti (2000) informa que:

Em 1925, o professor e diretor da Escola Normal de São Paulo, Carlos Alberto Gomes Cardim (1875- 1938), criou a Biblioteca Infantil Modelo anexa ao curso primário dessa instituição. Para ele, a biblioteca era um instrumento auxiliar para o professor do curso primário, e a leitura era indispensável para

a formação do cidadão da República e para reverter o analfabetismo (MORTATTI, 2000, p. 32).

Dessa forma, percebe-se que a biblioteca escolar começa a ganhar um destaque, mas ainda está relacionada a uma demanda, isto é, um instrumento para auxiliar a professora e talvez um mecanismo usado para buscar reverter o analfabetismo, que era muito alto neste período.

Contudo, se houve mudança nas demandas da leitura direcionada à infância, o problema da qualidade e do abastecimento dessas leituras na esfera educacional permaneceu por muitos anos, como observa Lajolo e Zilberman (1999, p.155 apud VERÍSSIMO, 1977):

A nossa literatura escolar está muito atrasada, não só não temos bons compêndios, como carecemos de livros para leitura das crianças e dos rapazes. Não sei se o nosso desamor à leitura não provém de que não nos habituamos a ler desde a infância, e não nos habituamos porque não há em nossa língua livros próprios para essa idade.

A situação acima analisada por Veríssimo (apud Lajolo e Zilberman) fez com que outros autores pudessem realmente refletir que tipo de literatura as escolas brasileiras e conseqüentemente as bibliotecas escolares estavam recebendo. Percebeu-se que “a precariedade, o improvisado, a arbitrariedade e a monotonia de uma escola, na mão de professores despreparados e desassistidos, não eram molde a construir leitores” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, 162). Essa ideia perdurou até os anos 30 do século XX, quando então Cecília Meireles, junto com Anísio Teixeira, pensou em organizar a biblioteca pública direcionada para as crianças como um espaço de formação literária e cultural. Como já salientado nesta pesquisa, o Pavilhão Mourisco, com direção da Cecília Meireles, teve sua importância para a ressignificação das bibliotecas voltadas ao público infantil, o que de certa forma reverberou na organização das bibliotecas escolares posteriormente.

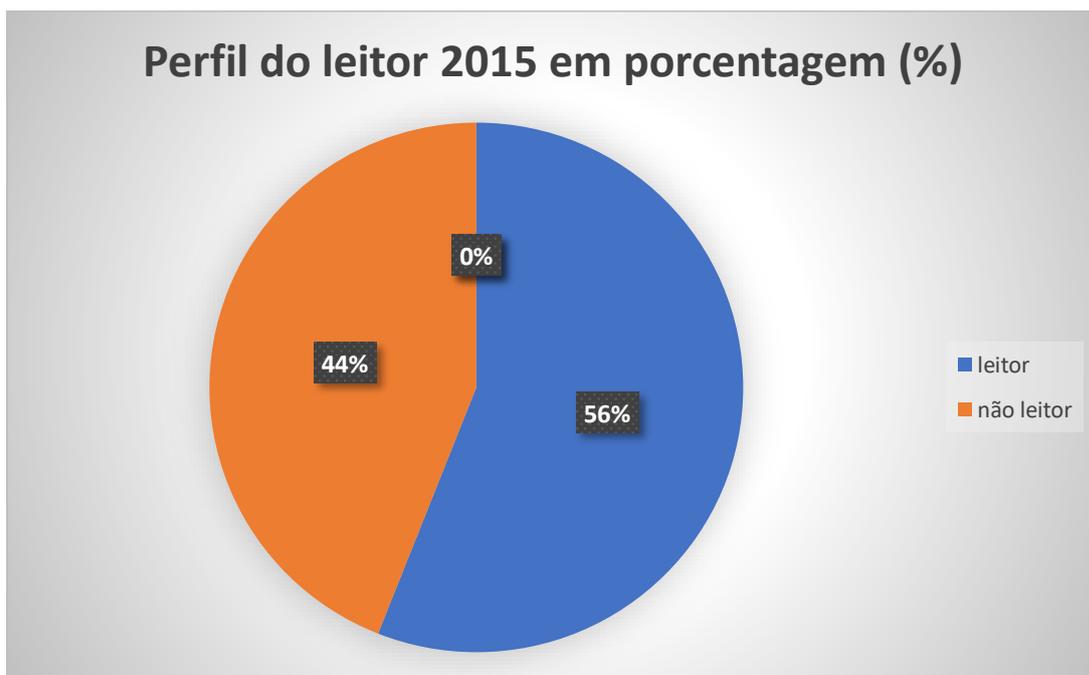
Na Antiguidade, os livros era um dos meios pelo qual as pessoas adquiriam a cultura letrada e melhoravam a aprendizagem do código linguístico. Contudo, ao longo dos anos, a visão sobre a representatividade que os livros tinham como elementos fomentadores dessa aprendizagem foi se modificando. Pesquisas como Retratos do Brasil, por exemplo, mostram que os jovens estão lendo, mas nem sempre essas leituras são legitimadas pelos profissionais da educação. Para entender esse novo processo de leitura pelo qual os jovens estão passando, é preciso identificar, de forma

panorâmica, como está a leitura no país. Assim, busca-se a compreensão de que a pesquisa não representa toda a situação dos níveis de leitura do Brasil até a última pesquisa realizada, mas os resultados apresentam alguns pontos que podem ser importantes para ressignificar a atuação da biblioteca escolar, como mecanismo para incentivar a formação do leitor. Ao todo, a pesquisa Retratos do Brasil fez entrevistas com 5.012 pessoas em abrangência geográfica nacional, com faixa etária entre 5 anos de idade até 70 ou mais. A pesquisa faz a definição de leitor e não leitor, sendo:

Leitor: é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses.

Não leitor: é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

Gráfico 1: Leitor x não leitor



Fonte: BRASIL, 2020.

A pesquisa aborda nesta parte apenas leitores de livros. Mais adiante, ela faz um gráfico colocando informações sobre a frequência de leitura por tipo de material, independente do suporte.

As categorias desta parte da pesquisa são:

Tabela 4: Frequência de leitura por tipo de material (papel ou formato digital)

<b>Papel ou formato digital</b>	<b>Lê pelo menos uma vez na semana (%)</b>	<b>Não lê (%)</b>
Lê jornais	17	46
Lê revistas	7	46
Lê livros em geral, de outros tipos	10	49
Lê livros de Literatura por vontade própria, como contos, romances ou poesias	9	54
Lê livros didáticos indicados pela escola	12	55
Lê textos escolares	18	56
Lê gibis ou histórias em quadrinho	9	56
Lê textos de trabalho	14	59
Lê livros de Literatura indicados pela escola, como contos, romances ou poesias	5	65
Lê livros de trabalho técnicos, para formação profissional	7	66
Ouve audiolivro	2	88
Lê livros em braile	1	94

Fonte: BRASIL, 2020.

Os dados representados acima são referentes à frequência com que os leitores leem. No documento há:

- ✓ todos os dias ou quase todos os dias;
- ✓ pelo menos uma vez por semana;
- ✓ pelo menos uma vez por mês;
- ✓ menos de uma vez por mês;
- ✓ não lê.

A presente pesquisa buscou privilegiar as categorias destacando os dois extremos, a fim de obter um panorama dos indivíduos que fazem leituras diárias e os que não fazem leitura em dia nenhum.

O segundo gráfico já aborda leitores de várias categorias e não somente aqueles que leem apenas livros, mas em outras modalidades textuais também. Essa

informação é importante, pois saber a frequência com que os brasileiros leem e o que mais leem pode auxiliar a biblioteca escolar na questão da diversidade do acervo, pois, apesar de ter adultos inclusos na pesquisa Retratos da Leitura, a importância com a formação de leitores inicia a partir da infância.

Ainda é possível perceber que os textos escolares possuem o maior quantitativo de leitura realizada pelas pessoas, ou seja, são leituras provavelmente indicadas por professores de acordo com as disciplinas. Esse quantitativo é seguido por pessoas que leem jornais, mesmo que seja em formato impresso ou digital. É a forma que as pessoas mais utilizam para se manterem informadas. Todavia, é uma leitura que requer um recurso financeiro, tanto em papel quanto no formato eletrônico. Naquele é necessária uma assinatura, comprar em lojas de conveniência ou banca de jornal; neste, é preciso acessar um ambiente *online*, que possui um custo, para realizar a leitura do jornal em meio eletrônico.

A leitura de livros de literatura tanto por vontade própria quanto por indicação da escola aparece em uma porcentagem menor. Esse resultado mostra a atenção que os profissionais da educação deverão ter para incentivar mais a leitura diversa na escola. É necessário que haja um diálogo para que todos os envolvidos no processo educacional dos estudantes proponham atividades que auxiliarão na formação desses leitores presentes na escola. A multiplicidade de textos deverá estar presente nessa formação.

Teresa Colomer (2007) analisa que diferentes textos podem auxiliar na questão da formação. A tabela acima apresenta gibis ou histórias em quadrinho como opções de leitura. Essa modalidade de texto, segundo a autora, é interessante de ser trabalhada, pois permite iniciar com textos mais simples e avançar para os mais complexos. Dificilmente alguém faz o caminho inverso: começar pelas leituras consideradas mais complexas e avançar para aquelas de fácil compreensão. O gosto pela leitura aumenta conforme a prática diária, e a pesquisa mostra que o número de pessoas que não leem com frequência alguma é alto. É preciso atuar para modificar este quadro e a biblioteca escolar é uma importante aliada nesse processo formativo da leitura. A autora observa que:

Outro recurso para facilitar a leitura é a utilização da inter-relações entre texto e imagem geradas pelas histórias em quadrinho. Por exemplo, o uso de balões para diálogos permite saber-se quem fala sem ter de explicá-lo, aumentando o texto.

Em outros casos, ao contrário, a imagem proporciona o andaime para chegar a histórias mais complexas. Permite, por exemplo, desdobrar o fio do enredo para incluir uma história dentro da outra. Neste caso, o texto conta a narração principal, enquanto na imagem podem estar se desenvolvendo silenciosamente outras narrações paralelas [...].

A imagem também colabora com a tendência atual de incluir alusões culturais e literárias, apesar da pouca experiência cultural dos leitores iniciantes [...] (COLOMER, 2017, p. 95- 95).

Dessa maneira, um texto considerado simples, como os gibis, por exemplo, fornece muitos recursos pelos quais a criança pode compreender outras modalidades de histórias ao longo da sua trajetória literária. Com isso, a biblioteca escolar deverá ser referência em uma escola, pois uma das suas atribuições é estar integrada às ações pedagógicas e propiciar um acervo que possua materiais diversificados de ensino, leitura e pesquisa. Logo, entre outras atribuições, a biblioteca escolar deve buscar despertar o interesse do aluno para a leitura, através das diferentes atividades propostas; incentivar o leitor a utilizar outros espaços de leitura; estimular a socialização; promover atividades alfabetizadoras e estimular o letramento literário. Ela “precisa ser considerada um organismo vivo dentro da escola, que colabore de forma significativa para estimular a leitura e as artes, bem como contribuir para o aprendizado dos alunos e para a formação intelectual de futuros cidadãos” (OLIVEIRA; ZEN, 2007, p. 2).

#### ✓ **A ideia de educação literária nas bibliotecas escolares**

Esta pesquisa apresenta uma análise sobre a ideia de que as leituras e consequentemente a leitura literária, mais precisamente a infantil, nasce sob demanda, ora de nível moralizante, ora de nível instrucional, com o objetivo de atender uma instrução pedagógica (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999). Contudo, outros estudos mostram que a biblioteca, que abriga as diferentes leituras desde a antiguidade, precisa ser um espaço não só de formação para o leitor, mas também ser um espaço de mediação e construção de um repertório coletivo para os leitores que nela possam habitar. Visto isso, uma mudança de postura era necessária para que a biblioteca saísse da posição de guarda de livros para contribuir, de fato, com a formação desse leitor. Cosson (2009) faz esse alerta:

No ensino fundamental, a literatura tem um sentido tão extenso que engloba qualquer texto escrito que apresente parentesco com ficção ou poesia. O limite, na verdade, não é dado por esse parentesco, mas sim pela temática e pela linguagem: ambas devem ser compatíveis com o interesse da criança, do professor e da escola (COSSON, 2009, p. 19).

O autor, a partir da afirmação acima, demonstra a importância da leitura, mas que esta seja compatível com a proposta dos envolvidos. Neste caso, se escola realmente tem o propósito de formar leitores, ela deve ter institucionalizada essa proposta no PPP (Projeto Político Pedagógico) da instituição, uma vez que a biblioteca é um espaço privilegiado de acesso à leitura por estes estudantes. Toda a escola deve auxiliar nessa formação, independente do papel que esteja exercendo dentro da unidade escolar. A formação desse leitor não pode ficar somente sob responsabilidade dos professores que lecionam Português ou Literatura na escola. Desde a primeira etapa na educação infantil até as séries finais do Ensino Médio, é necessário o diálogo entre os envolvidos para que a leitura de fato contribua com a formação desses estudantes, conforme Colomer (2007) bem observa:

O tipo de conhecimentos, leituras ou intensidade previstos pela escola podem ser distintos, mas qualquer docente deve ter presente que desde a etapa infantil até o final do secundário todos jogam na mesma equipe e que os objetivos perseguidos, inclusive os métodos, apresentam – ou deveriam apresentar – uma grande unidade de ação (COLOMER, 2007, p. 63).

Mesmo com o diálogo entre as áreas em busca dessa formação e com o avanço da tecnologia, há sempre o questionamento por parte das pessoas que estão envolvidas na área educacional sobre o que estes jovens estão lendo. Nesse contexto, é possível afirmar que se a biblioteca integrada ao PPP da escola possui acervo atualizado, ela encoraja a criança ou adolescente a duvidar, contestar e a refletir.

O papel dos mediadores é muito importante nesse processo da educação literária nas bibliotecas escolares, pois, entre outras funções, o mediador fornece suporte para auxiliar os aprendizes. A mediação de leitura literária constitui em um trabalho de criar laços, posto que formar leitores é um processo constante e diário. O ser humano não nasce já gostando de ler. A esse respeito, Colomer (2007) diz que:

a conclusão é que se pensamos que meninas e meninos devem progredir neste aspecto [da leitura], devemos dedicar tempo e programar atividades que favoreçam o interesse pessoal e estabeleçam essa conexão, fazendo com que se sintam pertencentes ao universo dos livros (COLOMER, 2007, p. 64).

Sendo assim, ao se pensar em uma educação literária, deve-se considerar formas que privilegiem esse contato diário e que sejam interessantes para os estudantes, pois a escola deve abordar livros e autores que façam parte do universo dos alunos (COLOMER, 2007). Apresentar obras que estão completamente fora deste mundo, definitivamente pode ter um resultado ruim. É preciso que a relação entre o livro e o leitor seja posta da maneira mais simples. O livro apresentado deverá ser um convite para descobrir um mundo novo a ser desbravado. Colomer afirma que:

[...] a ideia educativa de que a formação leitora deve se dirigir desde o começo ao diálogo entre o indivíduo e a cultura, ao uso da literatura para comparar-se a si mesmo com esse horizonte de vozes, e não para saber analisar a construção do artifício como um objeto em si mesmo [...]. A literatura oferece então a ocasião de exercitar-se nessa experiência e aumenta a capacidade de entender o mundo. Tal recompensa é o que justifica o esforço de ler (COLOMER, 2007, p. 62).

A este fato, observa-se que a literatura é o caminho para alcançar novos horizontes por meio da leitura e não encerrar em si mesma. A literatura tem o dever de ultrapassar o lugar funcional que muitas vezes a escola coloca, pois, segundo Cândido (2004, p. 180), “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Isso implica em dizer que todos devem ter direito à literatura, e este contato com ela deve ser fonte de conhecimentos e aquisição de cultura, uma vez que não se pode esquecer que parte das crianças brasileiras só terá contato com livros de literatura através da escola.

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 2004, 175).

Logo, as práticas literárias na escola deverão sempre garantir o acesso ao livro, a qualificação da mediação de literatura e a constituição de espaços literários adequados – neste caso, as bibliotecas escolares –, para que a literatura seja um meio

de instrução que faça os leitores compreenderem, por meio de diferentes estilos literários e modalidades textuais, os valores presentes na sociedade.

A biblioteca, apesar de ser um espaço privilegiado de acesso à leitura, não é o único espaço que contribui para essa formação. Porém, como ela pode se tornar um espaço mais integrador e acessível? A resposta não é única e depende de vários fatores para ser respondida. Em termos estruturais, é necessário que este espaço seja agradável, organizado, com mobília adequada e que o estudante se sinta confortável; já em termos práticos da promoção da leitura, é necessário um acervo atualizado, mediadores comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem, a partir do incentivo à leitura e um projeto integrador entre biblioteca e escola. Sim, integrador, pois muitas vezes a biblioteca escolar parece um espaço à parte da escola. Por isso, Fragoso (2005, p.1) já pontuava que “a biblioteca escolar pode ter funções fundamentais a desempenhar e que podem ser agrupadas em duas categorias: a educativa e a cultural”. A educativa com o papel de incentivar o aluno a buscar conhecimento através da leitura, e cultural por permitir ao aluno ampliar sua visão de mundo por meio das leituras.

Na prática, esse incentivo deverá privilegiar sempre a leitura do texto, de forma compartilhada ou individual; disponibilizar os livros que os alunos mais pegam na biblioteca e a sinopse dos mesmos; organizar reunião entre mediadores e professores para que a defesa da leitura do texto seja realizada de diferentes maneiras; fornecer um espaço à leitura literária para que os textos não sirvam a um determinado fim, mesmo que estejam assim nos livros didáticos. Como sugere Cosson (2007):

[...] é fundamental que se coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a construir essas leituras, tais como a crítica, a teoria ou a história literária. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar (COSSON, 2007, p.23).

Dessa forma, é ressignificar o lugar da literatura na escola através de ações promovidas pela biblioteca escolar, pois, de acordo com Pelógia e Silva (2013),

É pela leitura que o sujeito interage com o texto e com o meio, produzindo sua compreensão e assim acontece um diálogo entre o leitor e o texto, porque, na medida em que o leitor vai lendo, ele vai relacionando seu conhecimento prévio com os implícitos no texto, vai formulando hipóteses e

estabelecendo relações com os outros textos, praticando o que chamamos de intertextualidade (PELÓGIA; SILVA, 2013, s/p.)

A leitura é, pois, um dos caminhos pelos quais as pessoas constroem seus próprios conhecimentos e assim passam a interagir com o meio, compreendendo as relações sociais. É o “meio que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade” (INFANTE, 2000, p. 57).

É necessário que os profissionais da educação, inclusive bibliotecários/professores mediadores, se envolvam mais na influência da leitura desses estudantes, pois, de acordo com o resultado da última edição da pesquisa Retratos de Leitura no Brasil (2015), a mãe supera na influência do gosto pela leitura em todos os níveis de escolaridade. Essa atuação não pode ser restrita somente ao ambiente doméstico. Observe no quadro 4, sobre os níveis de escolaridade, a resposta dos 5.012 entrevistados representadas a partir da porcentagem (%):

Tabela 5: Nível de escolaridade

<b>Escolaridade</b>						
	<b>Total</b>	<b>Não alfabetizado</b>	<b>Fundamental I (1° ao 5° ano)</b>	<b>Fundamental II (6° ao 9° ano)</b>	<b>Ensino Médio (1° ao 3° ano)</b>	<b>Superior</b>
<b>Amostra</b>	<b>5012</b>	<b>433</b>	<b>1179</b>	<b>1231</b>	<b>1521</b>	<b>649</b>
Mãe ou responsável	11	5	10	12	10	13
Algum professor ou professora	7	2	6	7	9	8
Pai ou responsável do sexo masculino	4	1	3	4	5	8
Algum parente	4	2	4	5	4	5
Outra pessoa	4	2	2	4	5	6

Marido, esposa, companheiro (a)	1	0	0	1	1	1
Padre, pastor ou algum líder religioso	1	0	2	1	1	1
Não/ Ninguém em especial	67	86	71	66	65	56

Fonte: BRASIL, 2020.

A tabela sobre pessoas que influenciam o gosto pela leitura apresenta que a mãe ou responsável do sexo feminino são as maiores influenciadoras dessas pessoas, independentemente do nível de escolaridade que essas pessoas possuam. Esse resultado mostra que, de certa forma, a escola, representada pelos professores, em algum momento deixou de incentivar como deveria essas pessoas, pois, em todos os níveis, os professores não conseguem sobrepor esse incentivo ao da figura feminina. Talvez esse resultado possa ser reflexo de uma iniciação literária realizada pelas mães, que mesmo antes de as crianças frequentarem a escola, liam para elas, primeiro histórias moralizantes e depois como um auxílio na criação dos filhos na modalidade de “passa tempo”, conforme refletem Lajolo e Zilberman (1999):

A literatura, já beneficiada com as modificações impostas ao sistema educacional, sofre alterações também em virtude da emergência simultânea do público feminino, representado pelo contingente de leitoras, obrigadas a ficar em casa, pois era-lhes vedada a atividade pública (LAJOLO, ZILBERMAN, 1999, 237).

Portanto, faz-se necessário resgatar não só o protagonismo das bibliotecas escolares, como também o das leituras literárias com incentivo dos docentes. O incentivo doméstico é importante, mas a escola e a biblioteca escolar não podem se eximir da responsabilidade do acesso ao conhecimento através dos livros. É o que Cosson (2009) deixa claro nesta afirmação:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a

escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2009, p. 23).

A biblioteca, dessa maneira, precisa buscar mecanismos para formar leitores e não considerar somente que os livros “falam por si”. É necessário, pois, criar-se um programa de leitura envolvendo tanto textos literários quanto não literários.

## **4 O QUE OS DADOS REVELAM SOBRE A BIBLIOTECA DA ESCOLA MUNICIPAL MONTEIRO LOBATO**

Esta parte do texto destina-se a fazer a descrição dos dados que foram coletados através das visitas realizadas na biblioteca da Escola Municipal Monteiro Lobato. Segundo a Secretaria Municipal de Educação, é uma das maiores escolas da rede municipal da cidade de Nova Iguaçu. O nome da instituição foi dado em homenagem ao escritor Monteiro Lobato, cuja fundação ocorreu no mesmo ano de falecimento do escritor, em 1948.

A escola também abrigou o campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, de outubro de 2005 até o Instituto Multidisciplinar definitivo ser inaugurado em Nova Iguaçu no ano de 2010.

Esse município está localizado na região da Baixada Fluminense, possui cerca de 820 mil habitantes, 134 escolas públicas municipais e uma taxa de escolarização, de 6 a 14 anos de idade, de 96,2% (IBGE, 2019). As escolas do município são divididas em URGs (Unidades Regionais de Governo) e a escola Monteiro Lobato fica na URG Centro, composta por 25 escolas.

Para uma melhor organização dos dados, eles serão apresentados a partir da descrição de cenas que marcaram o processo de contato com o universo investigado, e que permitiram a produção dos dados para análise. Foram propostas 3 cenas. Cada uma delas revela: cena 1 – Contatos iniciais; cena 2 – Os atores escolares em cena: mediadores, estudantes, professores; cena 3 – Atores fora de cena: equipe diretiva.

Faz-se importante ratificar que face à riqueza de elementos que compõem cada cena e as múltiplas possibilidades de análise e exploração, na apresentação dos dados optou-se por focar na descrição detalhada das cenas, selecionando nessa profusão apenas alguns pontos de destaque. Essa opção foi orientada pelas intenções desta pesquisa. Para tanto, foram eleitos acontecimentos que propiciaram o exercício da reflexão, em diálogo com as questões teóricas tomadas como base. As cenas, portanto, remetem a elementos percebidos como relevantes nesta etapa.

Após a descrição de cada uma das cenas, discute-se analisar os diferentes modos de usos da biblioteca escolar e suas relações com a promoção da formação do sujeito leitor.

#### 4.1 Cena 1- Contatos iniciais

Este item busca descrever as primeiras impressões, observadas no contato inicial com o espaço pesquisado, nos primeiros dias de observações realizadas na escola.

As observações na instituição ocorreram durante os meses de novembro e dezembro de 2019, em dias e horários (manhã/ tarde) alternados, para que as observações realizadas não privilegiassem apenas um turno ou um determinado horário, visto que os atores do espaço são diferentes, e, portanto, possuem atitudes diferentes em relação à biblioteca. Inicialmente, acreditou-se que as observações realizadas em um único turno seriam suficientes para a obtenção dos dados. Porém, considerou-se que os dois turnos poderiam oferecer um panorama mais completo desse espaço da biblioteca pesquisada.

Em termos de espaço físico, o prédio da escola é dividido em dois blocos: A e B. No bloco A funciona, além do ensino fundamental II (estudantes do sexto ao nono ano), a biblioteca; e, no bloco B, o ensino fundamental I (estudantes do primeiro ao quinto ano). A educação infantil possui um espaço à parte, ao lado do bloco A, interligada por um portão.

Possui sistema de segurança (porteiros e manutenção) realizado por uma empresa terceirizada, e o prédio não apresenta problemas estruturais visíveis.

No primeiro andar da escola estão localizados os espaços da secretaria, sala da direção, sala da coordenação, sala dos professores, almoxarifado, auditório e biblioteca. As salas do ensino fundamental II estão no segundo andar. Ao total são 36 salas de aulas. Um pátio descoberto separa os dois blocos. A cozinha, refeitório, sala de leitura, parque infantil, quadra coberta, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE) e as salas de aula do ensino fundamental I ficam no bloco B. Chama a atenção o fato de a biblioteca estar localizada no mesmo corredor onde ficam a secretaria, a sala da direção, a sala dos professores, a sala da coordenação, o almoxarifado e o auditório. Dessa maneira, a biblioteca fica em um local silencioso na escola, pois não há muita circulação de alunos neste corredor, mas sim de professores e funcionários. Diferentemente da sala de leitura, que fica próxima ao refeitório e após as salas de aula dos estudantes do fundamental I.

Há uma placa de identificação em cima da porta da biblioteca, onde se lê: Biblioteca Amazor Vieira Borges (primeiro diretor da Escola Municipal Monteiro Lobato). No interior da biblioteca, acima da porta, há um quadro com a foto deste primeiro diretor e uma folha afixada contando a história dele e seus feitos dedicados à educação do município. A cópia da matéria é do jornal “Correio da Lavoura” de 27/11/2018, antigo periódico de Nova Iguaçu. Segundo informações contidas neste jornal, na seção “Nossa Memória”, Amazor foi um professor que:

[...] dedicou toda a sua vida ao magistério, onde granjeou prestígio, o respeito e o acatamento das autoridades por sua eficiência no desempenho das funções que lhe foram confiadas, a estima e o apreço de todos os colegas e estudantes. Carioca de nascimento, o professor Amazor, por seus relevantes serviços prestados a Nova Iguaçu no campo do ensino, lecionando e dirigindo colégios, recebeu da Câmara Municipal o título honorífico de “Cidadão Iguaçuano” (CORREIO DA LAVOURA, 2018, s/p).

A história mostra que a escolha para o nome de uma biblioteca pode ser realizada de várias maneiras, dentre elas usar alguma temática específica, como a Biblioteca Nacional, que representa as bibliotecas públicas do Brasil, ou para homenagear alguém, como o caso das bibliotecas universitárias. Para este exemplo, tem-se o nome da biblioteca da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF), Prof. Paulo Christiano Mainhard.

O horário de funcionamento da biblioteca é das 7 horas da manhã até as 17 horas, diariamente.

A biblioteca é espaçosa, tem mesas e cadeiras, que no total comportam cerca de 25 alunos, ar condicionado e televisão. O local é silencioso, está localizado no bloco A, no primeiro pavimento, afastado das duas quadras utilizadas pelos estudantes e do refeitório. O espaço é muito organizado, limpo e arejado. Fato que remete à influência da biblioteca de Alexandria, a qual ficou conhecida, dentre outros fatores, por ser grandiosa fisicamente, opulenta e um local que as pessoas usavam para fazer pesquisas nas suas vastas coleções. De acordo com a informação de ROSA (2014, p. 28),

A localização da biblioteca é muito importante em relação aos demais setores ou prédios da Instituição a qual pertence. As exigências a serem tomadas se referem à:

Centralização em relação à comunidade a fim de facilitar o acesso daqueles que utilizam a biblioteca, considerando também os portadores de deficiência física;

Locais longe de ruídos externos; [...] Segurança para usuários, funcionários e acervo.

Na biblioteca Amazor, o acervo possui quase cinco mil exemplares de obras diversas, o que torna o espaço interessante, pois é difícil observar, através de muitas pesquisas realizadas nas escolas da Baixada Fluminense, uma biblioteca escolar com essa quantidade de obras em seu acervo. Fato esse que se alude também à biblioteca de Alexandria, uma vez que ela “reuniu o maior acervo de cultura e de ciência da Antiguidade” (SOUZA, 2012, p. 180).

O acervo está separado nas prateleiras, por categorias, a saber: Literatura Infantil; Literatura Juvenil; Livros pedagógicos; Livros de História; Enciclopédias; Livros Didáticos e Gibis. Tal contribuição deve-se à biblioteca de Nínive, a qual iniciou a separação das obras por assuntos, para que não ficassem misturadas em ordem aleatória, dentro do espaço em que ficavam as coleções. Não há computador na biblioteca, mas há dois livros em que são registrados os empréstimos para os alunos (nos dois turnos, manhã/ tarde), e outro livro no qual são registrados todo acervo que a biblioteca possui. Há uma escadinha com dois degraus que as crianças menores podem utilizar para olhar os livros que estão nas prateleiras mais altas. Esse fato não pode ser desprezado na Biblioteca Amazor, pois deixa clara a proposta de que as crianças podem e devem ter acesso aos livros:“(...) não se utiliza a literatura como veículo de uma interpretação cultural, mas respeitando-se a sua autonomia como obra de arte, busca-se estabelecer caminhos de acesso àquela” (BARBOSA, 1999, p. 46). “Em qualquer idade, ler para ter acesso ao saber pode permitir que a pessoa mantenha um pouco o domínio sobre um mundo tão inconstante, sobretudo por meio de diversos suportes de informação escrita” (PETIT, 2009, s/p). A escada na biblioteca representa, de forma material, esse acesso tão importante ressaltado por Petit.

Tomando-se como base os dados sobre a biblioteca da Escola Monteiro Lobato, em termos do espaço físico, pode-se apontar como aspectos relevantes para a reflexão sobre as bibliotecas escolares: a localização da biblioteca, que auxilia muito na questão do ambiente silencioso que um espaço para leitura/ pesquisa requer; a proposta do acesso que as crianças têm a partir de um elemento material (a escada com dois degraus), e a quantidade expressiva de títulos das obras que o acervo possui em se tratando de uma biblioteca escolar. Dessa maneira, o espaço físico da biblioteca Amazor surpreendeu positivamente, pois é incomum as escolas públicas das redes municipais possuírem uma estrutura semelhante à biblioteca da escola pesquisada.

Um fato como esse impulsionou a Lei nº 12.244/2010, que, dentre outras determinações, propôs elementos mínimos que deveriam compor uma biblioteca escolar, para bem atender o processo de universalização das bibliotecas escolares.

Sendo assim, assinala-se como importante verificar se o espaço destinado à biblioteca escolar está realmente integrado à dinâmica da escola. Este fato torna-se relevante, pois, através das informações dispostas em sites de esferas públicas, é possível identificar que há escolas onde a biblioteca fica no andar superior do prédio e não possui rampas de acesso, tornando, dessa forma, o espaço restrito, o que contraria a organização das bibliotecas desde o período do Renascimento, no qual havia a intenção de democratizá-las por meio justamente do acesso. Visto isso, é importante ratificar o valor que se tem um espaço democrático e acessível dentro de cada unidade escolar, pois a biblioteca deve ser visualizada não só como um espaço em que é possível fazer empréstimos e devoluções de obras como nas bibliotecas Romanas, mas, sobretudo, um espaço de aprendizagem e contribuição de ações educativas para todas as pessoas que estão diretamente envolvidas na escola (CAMPELLO, 2007).

#### **4.2 Cena II - Os atores escolares em cena: os mediadores**

Carlos, Beatriz e Luiza<sup>7</sup> são os professores mediadores responsáveis para ficarem no espaço da biblioteca. Carlos e Luiza são readaptados, Beatriz está desviada de função. Carlos possui formação em História, está readaptado da função docente I há três anos e desde 2015 ocupa a função de mediador na biblioteca. Beatriz possui formação em Filosofia, está desviada da sua função de origem (professor docente II) desde o início do ano de 2019, período em que está como mediadora na biblioteca na parte da tarde. Luiza, que é docente II, está readaptada e desde o segundo semestre de 2015 ocupa a função de mediadora na biblioteca. É curioso observar que nenhum dos professores que ocupa a função de mediador na biblioteca possui uma formação mais específica voltada à leitura, como por exemplo, o curso da faculdade de Letras ou Biblioteconomia. Na E.M. Monteiro Lobato grande parte dos docentes expuseram que o contato maior com a leitura foi na fase adulta, através dos

---

<sup>7</sup> Serão utilizados nomes fictícios, a fim de preservar a identidade dos funcionários que trabalham na escola.

cursos universitários. A realidade exposta por esses professores acontece com muitos outros profissionais da educação no país. Infância com recursos financeiros escassos para a compra de livros; pouco ou nenhum incentivador para a leitura; dificuldade no acesso aos livros em bibliotecas, entre outras questões, tudo isso reflete diretamente nesta formação, que acaba se tornando muitas vezes defasada.

Visto isso, a história mostra que os livros sempre foram um artigo de difícil acesso e quase sempre implicava prestígio social. Reis, imperadores, grandes nobres e religiosos ligados à nobreza eram os “privilegiados” a manterem o contato direto com os livros e conseqüentemente com a leitura, e esta ideia imposta desde a Antiguidade sobre leitura inacessível para considerável parte da população, ainda é sentida atualmente.

O censo escolar de 2018 revela que 77,84% das escolas de Ensino Fundamental - anos finais - são públicas (Fonte: Inep/Censo Escolar 2018). Isso implica dizer que grande parte desses estudantes não pertencem à elite brasileira. Os livros, com valores elevados, não são, portanto, prioridade para estes adolescentes, que enfrentam outras questões que os distanciam da cultura do livro. Esses estudantes de um passado não distante, muitas vezes são os professores atuantes hoje na escola pública, os quais não tiveram uma ampla formação na leitura. Essa ausência no processo formativo poderá refletir no modo como estes docentes incentivam ou não as crianças/ adolescentes para a leitura.

Sobre os professores mediadores da E. M. Monteiro Lobato tem-se a informação que Carlos fica três dias, e Beatriz e Luiza cinco dias. Esta situação de professores afastados de suas funções docentes por motivos de saúde, licença ou prestes a se aposentarem é uma característica das bibliotecas escolares no Brasil, pois é difícil ter um profissional formado em biblioteconomia para atuar em cada biblioteca escolar, como afirma Travassos:

[...] mesmo que todas as escolas já contassem hoje com uma biblioteca, o país não disponibilizaria Bacharéis em Biblioteconomia suficientes para atuarem nelas, questão que talvez influencie no fato de muitas bibliotecas de escolas atualmente funcionarem sob o comando de professores (TRAVASSOS, 2018, p. 54).

Dessa maneira, as escolas utilizam professores ou funcionários pertencentes ao quadro de profissionais da escola para que a biblioteca não fique fechada, e estes funcionários, na sua grande maioria professores, não fiquem “sem função”

temporariamente na instituição. Desse modo, os bibliotecários são bacharéis formados em biblioteconomia, que, entre as várias funções, também são mediadores da leitura. Todavia, como é bastante comum professores “desviados de função” nas escolas da rede municipal, esta pesquisa optou por identificar os docentes que estão atuando na biblioteca como professores mediadores, uma vez que nenhum deles possui a formação de biblioteconomia. Apesar de a biblioteca ser um espaço de mediação, é possível observar que, em relação a esta função, as redes das escolas públicas em geral se utilizam do artifício do “desvio de função” para ocupar o local, deixando, assim, a importância da mediação de um espaço que pode ser tão enriquecedor para os estudantes dentro de uma escola, a cargo de profissionais que nem sempre estão habilitados a exercerem a mediação de forma competente e com a qualidade de que uma biblioteca escolar precisa.

As observações na biblioteca Amazor mostraram que há de fato um empenho dos três professores, que estão ocupando a função atualmente, em auxiliar os alunos. Contudo, esta ação subjetiva não sobrepõe ao fato de a mediação especializada ser fundamental no processo da formação desses leitores.

A professora Luiza é quem cuida das informações sobre o acervo e as anota no livro da biblioteca. O professor Davi e a professora Beatriz organizam os livros quando chegam à biblioteca, seja por meio de doações ou enviados pela SEMED. Travassos (2018) enfatiza que há um problema entre a distribuição de livros, através das políticas públicas para as entidades governamentais referentes, neste caso, à Secretaria Municipal de Educação, e o recebimento destes livros por parte das bibliotecas escolares. Os mediadores da escola não souberam informar se possui um período específico para a chegada desses livros para compor o acervo. Porém, identificaram que os últimos exemplares que chegaram à biblioteca faziam parte do PNLD Literário para o Ensino Fundamental, anos iniciais.

Historicamente, o acervo das bibliotecas na Antiguidade era constituído muitas das vezes por particulares e, dentre os quais, podemos destacar reis, príncipes, imperadores, grandes nobres ou monges. Atualmente, as políticas públicas buscam abastecer os acervos através de programas. Contudo, como já foi salientado, nem sempre as obras chegam ao destino, isto é, às bibliotecas escolares. Os estudantes da escola, assim como os particulares na Antiguidade, fazem a doação para complementar o acervo.

Mey (1995) afirma que na Antiguidade, por volta do ano 700 a.C, esse sistema era bem rudimentar e somente os religiosos tinham acesso livre às bibliotecas, sendo de responsabilidade dos monges, padres e copistas a organização deste acervo. Neste ponto, percebe-se a burocratização do espaço naquela época, que representava, de certa maneira, o acesso restrito aos livros que grande parte da população tinha. Sendo assim, ao se avançar no tempo para as bibliotecas escolares, ainda é possível identificar resquícios burocráticos na relação deste espaço no âmbito escolar, representado através dos mediadores que nele atuam. De fato, tal espaço torna-se burocrático, porque colocam alguém para ocupar uma função para a qual não está capacitado, apenas pelo fato de não o manter vazio, isto é, sem ninguém atuando nele. Por isso, deve haver a qualificação desse espaço por meio dos profissionais que nele atuam, com uma formação competente, propondo a esses educadores atividades que ultrapassem a relação empréstimo / devolução. Eles devem, pois, contribuir com a ampliação da proposta pedagógica escolar, que precisa sempre enxergar neste local o compartilhamento de cultura e conhecimento, por meio de uma organização na qual os procedimentos usados para o acesso às obras não sobreponham a importância do ato de ler.

As bibliotecas romanas, ao adotarem o sistema de empréstimo, iniciaram uma catalogação do acervo, posto que os documentos públicos e livros poderiam ser disponibilizados para tal empréstimo, a fim de que leituras pudessem ser feitas em domicílio. Com as bibliotecas no Renascimento e a proposta de democratizar esse espaço, a catalogação foi ficando mais precisa.

Esse sistema de catalogação foi atualizado com o passar dos séculos e, apesar de existirem muitos sistemas informatizados em rede de bibliotecas para facilitarem a busca do leitor (LIMAS; CAMPELLO, 2017), ainda é possível perceber que em muitas bibliotecas escolares do município de Nova Iguaçu, por exemplo, esse sistema informatizado não chegou. A biblioteca da escola Monteiro Lobato é uma das maiores da rede municipal de ensino, conforme informação da SEMED, e não possui um computador.

O livro de registro número 4 da Biblioteca Amador Vieira Borges, no qual são feitas as catalogações das obras, possui a seguinte inscrição na primeira página: *Livro devidamente numerado de 1 a 100 e estas páginas destinadas ao registro do acervo da Biblioteca.* O livro iniciou as anotações em 16 de abril de 2014, e, até a data do dia 12 de novembro de 2019, havia 1.914 exemplares catalogados neste livro.

Este livro apresenta as seguintes informações para serem preenchidas pelos professores responsáveis pela biblioteca:

Ano	Data	Número do livro	Autor	Título	Procedência	Obras Livros Folhetos	Baixa	Observação

O **ano** significa o ano do livro; a **data** é quando o livro chegou à biblioteca para ser catalogado; o **número do livro** é a numeração que este terá dentro do acervo para a localização; o **autor** é quem escreveu; o **título** do livro; a **procedência** é para explicitar se foi através da SEMED ou doação; na parte das **obras** deve-se indicar qual o tipo (literatura infantil, infantojuvenil, ficção, poesia, folclore, contos indígenas, contos africanos, literatura brasileira, romance, história); **baixa** é o dia em que este livro saiu do acervo, devido à falta de conservação ou doação para outra unidade escolar, e a **observação** geralmente não está preenchida.

Segundo Mey (1995, p. 9), o processo de catalogação é importante por ser “um canal de comunicação estruturado, que veicula mensagens contidas nos itens e sobre os itens, de um ou vários acervos, apresentando-as sob forma codificada e organizada, agrupadas por semelhanças, aos usuários desse(s) acervo(s)”. Logo, nesse processo, os usuários podem encontrar registros de conhecimento de seu interesse. (MEY; SILVEIRA, 2009).

Todos os professores organizam os livros que ficam dentro de uma caixa na biblioteca. Ela não fica em uma prateleira, mas em cima do armário dos professores. Dentro há gibis e alguns títulos repetidos, e os livros que os alunos devolvem. A professora Luiza organiza os livros dos alunos que entregam na parte da manhã, e Carlos e Beatriz organizam os entregues na parte da tarde.

Os livros são organizados de acordo com as categorias às quais pertencem: literatura infantil; infanto juvenil; romances; didáticos, entre outras.

Luiza fica na parte da manhã, das 7:00 horas às 12:00 horas. Ela às vezes faz a cobrança das devoluções dos livros nas salas e anota os empréstimos realizados. Segundo a professora Luiza, havia outra professora que auxiliava na biblioteca. Elas faziam contação de histórias e atividades relacionadas à leitura, mas desde que a

outra pessoa saiu da função de mediadora junto com ela na biblioteca, Luiza disse que ficou inviável realizar este trabalho sozinha. Carlos e Beatriz ficam na parte da tarde, das 13:00 horas às 17:00 horas. Carlos fica três dias e Beatriz cinco dias.

Apesar dos dois livros em que são realizadas as anotações sobre a entrada e saída de obras para o acervo, empréstimos, devoluções, entre outras informações, Luiza mantém um caderno particular, que é separado por turmas, no qual ela também faz anotações de empréstimos e devoluções.

Os professores conhecem todas as crianças pelo nome. Quando elas vão fazer a entrega do livro, o professor responsável pela anotação sempre pergunta se a criança não vai pegar outro ou se gostou da história lida. Essa relação perceptivelmente amigável entre os mediadores e as crianças é muito importante para que elas se sintam em um espaço realmente delas.

Quando se fala em formação do leitor, através da biblioteca escolar, não se pode esquecer quem são as pessoas envolvidas neste espaço que possuem, dentre outras, a função de auxiliar no processo de desenvolvimento dos leitores.

Nesta pesquisa será utilizado o termo mediador para fazer referência ao profissional que está atuando no espaço da biblioteca escolar e não necessariamente uma pessoa formada no curso de Biblioteconomia. Este mediador pode ser um docente que esteja afastado de suas funções por motivo de saúde, licença, espera de aposentadoria, entre outros.

A estes mediadores cabe a responsabilidade de mediar o contato dos estudantes com a leitura na biblioteca escolar e, segundo Travassos,

[...] orientar os frequentadores sobre tal organização, destacar possíveis leituras, planejar atividades que partam de práticas coletivas e individuais de leitura, e estar aberto aos interesses dos leitores, que provocados pela disposição do espaço e de seus acervos, podem se sentir instigados a ir ao encontro de obras diversas, além daquelas escolhidas pelo professor (TRAVASSOS, 2018, p. 68).

Dessa forma, a atuação dos mediadores na biblioteca escolar é importante não só para a formação dos leitores, mas, sobretudo, para a escola como um todo, pois eles fazem a articulação entre a biblioteca e a sala de aula (estudantes), e entre a biblioteca e o mundo (TRAVASSOS, 2018). Logo, a sua formação é fundamental para a sua atuação, pois, entre outras atribuições, formar um leitor requer que mediadores sejam leitores, e os conhecimentos de Biblioteconomia, para quem possui essa

formação, são válidos, mas as bibliotecas escolares devem colocar o foco em pedagogia (CASTRILLON, 2011). Sendo assim, “ao bibliotecário escolar não basta conhecimentos técnicos da área de biblioteconomia, educação e leitura. Ele precisa se envolver com a comunidade, saber e gostar de trabalhar com crianças, adolescentes e adultos” (BICHERI; JÚNIOR, 2013, p. 44). É saber que a sua função de mediador está ligada, de certa maneira, à formação do cidadão, sendo, pois, um agente de transformação social, como afirmam Bicheri e Júnior (2013):

O bibliotecário escolar, como mediador, deve estar inserido na comunidade escolar, conhecer e participar das propostas curriculares e fazer da biblioteca um espaço integrado à escola, proporcionando momentos de descoberta, alegria, criatividade, reflexões, debates, questionamentos, aprendizagem e prazer, entre outros (BICHERI; JÚNIOR, 2013, p. 47).

E a formação desse mediador também é muito importante nesse processo de formação, como alerta Castrillón (2011):

Acredito que as bibliotecas escolares poderiam ser tratadas por professores com conhecimentos de Biblioteconomia. Eu acho que os conhecimentos de Biblioteconomia são necessários, mas que as bibliotecas devem colocar o foco em pedagogia. Mas também acredito que a formação do bibliotecário deveria estar mais voltada para questões relacionadas com a cultura escrita, leitura, escrita, a formação de leitores, livros (não somente de literatura) (CASTRILLÓN, 2011, s/p).

Os mediadores possuem autonomia dentro do espaço da biblioteca, mas suas ações precisam estar dialogando com a proposta/ realidade da escola, para que a biblioteca esteja sempre integrada às ações da escola, visando sempre à formação dos leitores. O tempo escolar é escasso, mas ali se encontra a porta da literatura para as novas gerações, e há que pensar-se muito detidamente a melhor forma de abri-la (COLOMER, 2007, p. 195). Para tanto, é necessário que os mediadores sejam atuantes em suas funções e auxiliando os estudantes, posto que “(...) o gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida” (PETIT, 2009, s/p). Então, o bibliotecário/ mediador tem um papel decisivo na mediação da leitura desses estudantes, que muitas vezes só possuem o contato com os livros na escola. Petit (2009), dentre muitos depoimentos que expõe no seu livro, destaca um em que o jovem passa a dar visibilidade maior para a leitura por causa do bibliotecário. Veja:

Lembro de um bibliotecário que tinha um jeito de trabalhar muito interessante. Às vezes, interrompia seu trabalho, reunia as crianças e lhes contava histórias [...]. É alguém que sabia transmitir, que amava sua profissão e que nos ensinou a amar a leitura, pois tinha uma maneira de contar muito bonita, natural (PETIT, 2009, s/p).

Essa passagem mostra o quanto o papel do mediador é importante dentro da biblioteca escolar. Ele passa a ser um diferencial no espaço ao manter uma relação de proximidade com os frequentadores do local, o que faz muita diferença tanto para quem está iniciando as suas buscas de leitura literária, quanto para quem já está habituado, mas quer sugestões. Petit (2009) expõe vários depoimentos de jovens sobre essa questão em seu livro, dentre os quais temos este:

Na realidade, o que mais me marcou foram os bibliotecários. Na biblioteca onde eu cresci havia uma bibliotecária que sempre me recomendava obras de ficção-científica, livros policiais [...]. Ela sabia que eu era principiante; me conhecia desde pequeno [...] (PETIT, 2009, s/p).

De maneira geral, o bibliotecário que marca as memórias do leitor não só conhece os gostos do jovem, como no exemplo acima, mas também faz indicações que possam contribuir positivamente na opinião de muitos leitores, que enxergam a biblioteca apenas como um depósito de livros. O mediador pode, portanto, vislumbrar a biblioteca escolar como um espaço social, físico e político. Apesar de Carlos, Beatriz e Luiza possuírem formações distintas, eles conseguem exercer o papel de mediadores, sendo justamente esse elo entre a biblioteca e os estudantes que lá frequentam. Porém, seria interessante que projetos e eventos desenvolvidos de acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola Municipal Monteiro Lobato incluíssem mais a biblioteca e a formação continuada desses mediadores, posto que um dos papéis principais da biblioteca escolar é colaborar para uma educação democrática, que auxilie o educando na formação do senso de responsabilidade. Portanto, é necessário que a biblioteca escolar assuma este protagonismo de formação no ambiente escolar, para que a herança da ideia de ser um espaço somente para armazenamento, como na antiguidade, possa ser dissipada pela importância da mediação com qualidade, pois o diferencial da biblioteca não está apenas no acervo. Se esta biblioteca não convocar o leitor, este não se apropria do acervo. Por isso o papel dos mediadores é tão importante, para que ela não seja

apenas um local de empréstimo, mas que os alunos possam ocupar de fato este espaço.

#### 4.2.1 Cena II: Os atores escolares em cena: os estudantes

Esta parte descreve como os estudantes da Escola Municipal Monteiro Lobato procedem na biblioteca da escola. Para tanto, foram selecionados aqui alguns trechos dos diálogos entre os estudantes, representantes de muitas questões emergidas nesta pesquisa, com a intenção de expor como eles realmente atuam neste espaço. Cabe informar que estes diálogos foram realizados em turnos e horários diferentes.

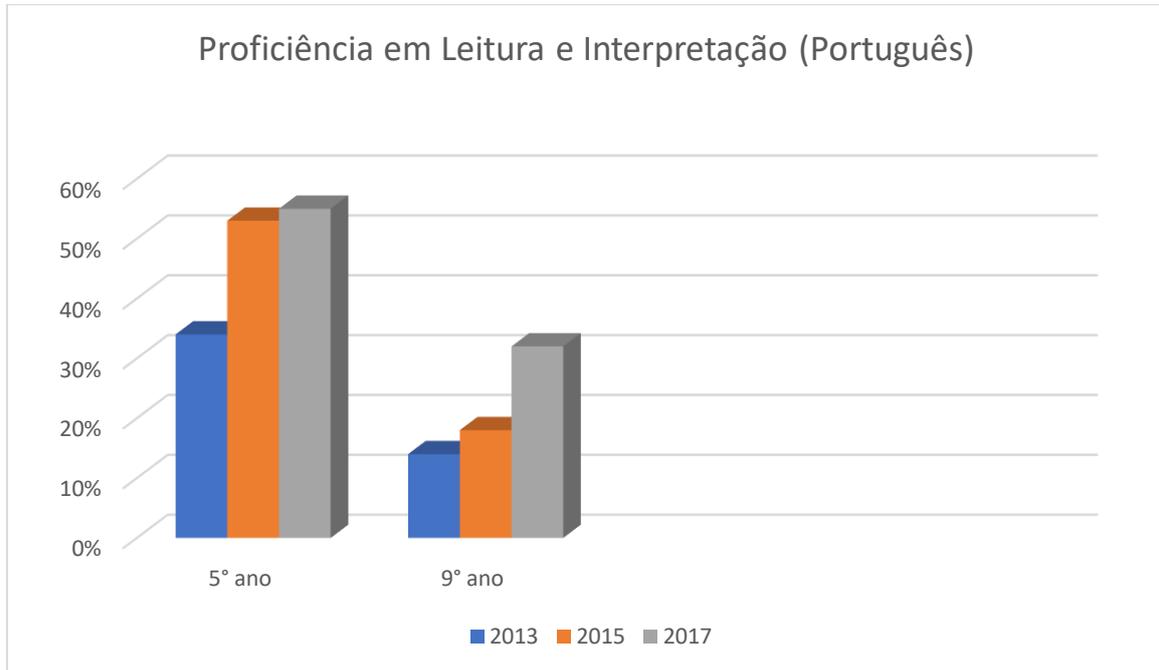
Na biblioteca Amazon Vieira Borges, os alunos fazem o empréstimo por uma semana, podendo ser renovado por mais uma.

Através das visitas, foi possível identificar que os estudantes do segundo seguimento (6° ao 9° ano) procuram a biblioteca no intervalo entre as aulas ou quando há ausência de algum professor no dia.

Segundo a mediadora Beatriz, o espaço é frequentado tanto pelos alunos do fundamental I quanto pelos do fundamental II. Os alunos das séries finais frequentam e pegam livros de literatura infantojuvenil, usam o espaço para estudarem e fazerem pesquisas. Os alunos das séries iniciais procuram os clássicos literários infantis. Os professores mediadores relataram que as crianças que mais frequentam a biblioteca são as do ensino fundamental I, principalmente as do terceiro e do quinto ano, informação essa confirmada através das observações feitas. A partir desse dado, constata-se que as crianças dessa escola que têm um contato maior com a leitura, seja através da biblioteca ou através da sala de leitura, possuíram um desempenho maior na avaliação externa (IDEB) nas três últimas edições (2013, 2015, 2017), indicadas pelo MEC. É importante ressaltar que até a realização desta pesquisa, a edição do ano de 2019 ainda não havia sido exposta na classificação oficial.

De acordo com informações sobre a proficiência em leitura dos alunos da Escola Municipal Monteiro Lobato, apresentada no site oficial Brasil Ideb –QEdu, ano de 2017, tem-se a seguinte evolução em leitura e interpretação do texto exposta no gráfico 2:

Gráfico 2: Proficiência em Língua Portuguesa



Fonte: INEP, 2020.

O gráfico mostra que, através do resultado das três edições da Prova Brasil, o quinto ano, representante das séries iniciais, obteve maior aproveitamento na avaliação de Língua Portuguesa em relação ao nono ano, representante das séries finais. Para considerar a leitura satisfatória, a evolução desses estudantes do quinto ano foi a seguinte: 34% em 2013; 53% em 2015; 55% em 2017. O nono ano obteve: 14% em 2013; 18% em 2015; 32% em 2017. Esse dado indica, de certa forma, o que ocorre na biblioteca: os estudantes do fundamental I leem mais do que os estudantes do fundamental II, e esse fato reflete diretamente no desempenho da leitura desses estudantes, atestados por esta avaliação externa. Entende-se que uma escola não é representada somente por números, todavia é uma informação que não pode ser desprezada, tendo em vista a formação de leitores que se almeja.

Sobre os estudantes da escola, tem-se, em números, a seguinte informação acerca das matrículas realizadas no ano de 2018, expostas na tabela 6.

Tabela6: Matrículas da escola

<b>Matrículas</b>	
Pré-escola	100
Anos iniciais (1° ao 5° ano)	487
Anos finais (6° ao 9° ano)	1070
Educação Jovens e Adultos	257
Educação Especial	109
<b>Matrículas por Série</b>	
Matrículas 1° ano EF	64
Matrículas 2° ano EF	70
Matrículas 3° ano EF	98
Matrículas 4° ano EF	129
Matrículas 5° ano EF	126
Matrículas 6° ano EF	302
Matrículas 7° ano EF	282
Matrículas 8° ano EF	256
Matrículas 9° ano EF	230

Fonte: QEdu.org.br, 2017.

Ao verificar as duas tabelas, é possível identificar que o número maior de matrículas efetuadas é para estudantes do ensino fundamental II (1070), inclusive para as séries que realizam a Prova Brasil: quinto ano (126) e nono ano (230). Com isso, pode-se analisar que mesmo com a quantidade inferior de alunos matriculados nas séries iniciais, essa etapa da educação básica na escola Monteiro Lobato obteve um desempenho em leitura e interpretação superior aos alunos da etapa final.

Com relação ao modo como esses alunos atuam no espaço da biblioteca, percebe-se que todos os estudantes modificam a postura. Quando adentram no ambiente da biblioteca, abaixam o tom de voz, guardam os lanches e andam de forma cuidadosa. Essa maneira de agir dos estudantes remete às informações sobre como o espaço da biblioteca intimidava muitas pessoas na época da Antiguidade, ou seja, um local silencioso, que não era permitida a entrada de todos, e inspirava cultura e sabedoria. Em muitos casos, as bibliotecas construídas dentro dos palácios ou

mosteiros assemelhavam-se a um museu. Na própria Alexandria, muitas bibliotecas possuíam essa característica de espaço imponente. Segundo MIDORI (2017), a biblioteca frequentada por estes “atores” tornava o espaço seletivo, mesmo que isso não fosse divulgado explicitamente:

Grandes sábios frequentavam o museu [...]. Entre eles estavam Arquimedes, autor do *Tratado dos Corpos Flutuantes*, e o poeta Calímaco, o mais célebre bibliotecário de Alexandria, autor do primeiro grande catálogo do acervo da biblioteca (MIDORI, 2017, s/p).

### ✓ **Estudantes em cena**

Um grupo de três crianças pequenas, formado só por meninas, entra na biblioteca muito empolgado. As crianças abraçaram a Luiza e iniciaram um diálogo com ela:

Criança A: *Tia, vê se eu entreguei o livro.*

Luiza verifica e diz que sim.

Criança A: *Ufa! Fiquei preocupada.*

Criança B: *Tia, (se reportando a Luiza) aqui tem dicionário Aurélio?*

Nesse momento, alguém no grupo das meninas viu um livro de colorir e queria colorir.

A professora Luiza respondeu: *Sim, aqui tem o dicionário.* E se reportando à outra criança: *Este livro está assim, porque foi doação, não pode colorir os livros daqui.*

Outro grupo de 5 crianças se reuniu em torno de outra mesa, com uma pilha de livros, gibis, dentre estes *O Menino Maluquinho*. Houve uma discussão entre as crianças para ver quem pegaria aquele exemplar. As meninas do grupo falavam alto, mas outro grupo de 4 meninos, que também estavam no espaço, repreendeu-as: *falem baixo!* Esses meninos buscavam revistas em quadrinhos, como por exemplo, *Star Wars*, *X-Men*, *Vingadores*, *Os Guardiões da Galáxia*, entre outros. Esses livros são muito procurados pelos meninos. Segundo a professora Luiza, muitos destes exemplares foram doações.

O grupo das três meninas conversava sobre os gibis e contavam histórias umas para as outras quando viam a capa, de forma empolgada. Diziam: *lê esse, esse daqui é melhor...*

Uma professora da Educação Infantil entra no espaço e diz para Luiza: *Vou ficar aqui para fazer esse cartaz*. Luiza faz sinal positivo.

Mais crianças chegam. São meninos do terceiro ano.

As crianças demonstravam preocupação com relação ao prazo da entrega. A todo o momento elas perguntavam para a professora Luiza: *eu já entreguei? Eu tô devendo algum?*

Elas possuíam um curto tempo para escolher, porque estavam na hora do intervalo do recreio.

A aluna A: *Ai eu vou levar esse livro amanhã, com certeza!* A professora Luiza disse: *Amanhã é feriado*.

As crianças com desânimo: *Ah...poxa!*

As meninas, que pertenciam ao grupo de 3 crianças aqui mencionado, apressaram uma das amigas que estava junto: *Anda, escolhe logo, vai bater o sinal*.

A professora Luiza ajuda a aluna a procurar o livro que uma das meninas queria.

Alguém quer lanchar, mas é proibido comer e beber na biblioteca. As crianças sabem disso e Luiza repreende quem esquece.

Toca o sinal, encerrando o recreio, e todos devem voltar para as suas salas.

---

As crianças sempre demonstram preocupação com relação ao prazo de entrega, principalmente as das séries iniciais. Os gibis e as histórias em quadrinhos são as histórias que chamam mais atenção dos meninos, fato que se torna interessante, porque estes livros são justamente os de doações. A maioria dos livros que chegam por via da SEMED são em forma de prosa. Existem alguns títulos clássicos do Machado de Assis e Rachel de Queiroz na biblioteca em forma de história em quadrinhos.

As crianças sabem das regras de não poder comer nem beber na biblioteca, apesar de não haver nenhum aviso exposto no espaço. É também sabido pelos estudantes que, ao toque do sinal, devem voltar para a sala de aula. Dessa maneira, os professores mediadores sempre auxiliam as crianças na busca por títulos, mas no momento do recreio, instante em que a biblioteca fica com maior número de alunos, eles procuram auxiliar a maior quantidade de estudantes possível, pois sabem que o tempo deles é reduzido.

É curioso o desânimo das crianças com o fechamento da biblioteca por causa do feriado e o fato do primeiro seguimento dividir o tempo do recreio com a visita à biblioteca. Analisa-se que estas crianças visualizam a biblioteca como um local dentro da escola que proporciona deleite, informação, cultura e, com isso, buscam uma otimização do tempo: lanchar fora da biblioteca, entregar ou pegar livros, conversar com os mediadores e ler no espaço. O recreio dura cerca de 20 minutos. Dessa maneira, a biblioteca se configura como um espaço ocupado pelos estudantes.

---

Um menino do quinto ano aparece após o sinal e vai direto procurar o livro *Os cavaleiros do Zodíacos 4*.

Ele pergunta para Luiza: *Poxa, ainda não entregaram? Eu passo aqui todo dia pra saber e nada. Eu tenho que terminar essa leitura*. E saiu sem pegar livro algum. Esta ação do menino apresenta a importância que ele fornece para uma obra que estava lendo. Quando o estudante diz “eu tenho que terminar essa leitura”, pode ser encaminhado para diferentes conotações, como por exemplo, *eu tenho* significar direito, ou seja, é o direito desse menino fazer aquela leitura, ou *eu tenho* se referindo ao fato de que ele precisa realizar aquela leitura como uma espécie de relação afetiva que manteve com a história.

Outro menino, também do quinto ano, veio logo em seguida, foi no mesmo local que o menino anterior e pegou o exemplar de histórias em quadrinhos *Os Cavaleiros do Zodíaco 2*. O fato de ambos buscarem pelo mesmo tipo de história leva a refletir: o que de fato as crianças/ adolescentes procuram no acervo da biblioteca sem mediação? E estas obras que procuram possuem referência clara com eles? *Os Cavaleiros do Zodíaco* é um exemplo de leitura que os alunos realizam independente do auxílio da mediação, que se faz extremamente necessária na biblioteca escolar, para que esses alunos possam avançar em leituras consideradas mais complexas. Apesar dos estudantes já saberem o local onde ficavam essas revistas, a mediação competente e especializada se faz necessária não só para incentivar outros tipos de leituras, mas também fazer estes leitores progredirem na formação literária.

Os alunos do 5º ao 9º ano frequentam a biblioteca fora do intervalo, e, como já dito, as crianças menores aproveitam o intervalo do recreio.

Próximo ao horário da saída, muitos estudantes retornam. Segundo eles, as professoras deixam, pois muitos alunos ficam na quadra, esperando os responsáveis os buscarem para irem embora.

Uma aluna do terceiro ano diz: *Ai... aqui tem tanto livro legal, mas não para mim. Eu gosto de livros de ação e aventura.* E continuou a busca pelos livros no espaço. Hora folheando exemplares, hora lendo somente os títulos. A aluna ficou tão indecisa que acabou soando o sinal para o término das aulas e ela não pegou livro algum.

São as próprias crianças que pegam os livros e manuseiam, depois colocam em cima de uma mesa. Dessa forma, os professores responsáveis pela biblioteca se incumbem de os organizarem posteriormente.

Mesmo após o sinal, entram 3 meninos e perguntam se dá tempo de pegarem um livro. Luiza diz que sim.

Aluno A: *Ih, eu quero essa história.* O aluno B disse: *Eu já li essa história.* E começou a contar a história.

Aluno C: *Vai continuar contando? Vai estragar a história.*

Aluno A: *O que eu estava contando não estraga não!*

Aluno B para os outros dois: *Não olha essa história, não abre! Tem uma mulher com peito de fora, não abre.* E fechou o livro, não deixando os outros dois pegarem no livro.

A professora Luiza interveio, se aproximou e perguntou: *que livro é esse com mulher com peito de fora? (pegou o livro e folheou) É a lara, gente, do folclore. Vocês não lembram?*

Aluno A: *Ué, ela não usa sutiã?*

Aluno C: *Mas ela não usa estrelinha?*

A professora: *A estrelinha caiu, quando ela mergulhou no rio.* E saiu dando risada.

---

Muitos estudantes possuem o contato com os livros somente através da biblioteca, por isso estão sempre voltando ao espaço para renovar, terminar o livro no próprio espaço ou pegar um título diferente. Por isso é importante a variedade e a qualidade no acervo, pois quanto mais títulos e estilos diferentes ele tiver, maior será

o conhecimento desses estudantes a partir das leituras realizadas, ampliando, pois, seu leque de possibilidades no mundo.

Para isso, é importante que os estudantes tenham acesso às obras do acervo, como é na biblioteca da escola Monteiro Lobato. A escada de dois degraus, a caixa composta por gibis e títulos de livros repetidos ao alcance de todos, professores mediadores sempre dispostos a auxiliar, são, entre outros fatores, canais que aproximam a criança e o adolescente dos livros e faz com que eles tenham um sentimento de pertencimento àquele local. Os estudantes interagem entre si, com os mediadores e com as obras do acervo. No trecho acima, as crianças discutiam sobre uma personagem folclórica e a mediadora poderia não interferir, mas o fez com o intuito de esclarecer as dúvidas das crianças. Essa atitude da professora é muito importante dentro do processo de formação dos leitores: auxiliá-los, acrescentando explicações sobre determinados fatos, para que possam compreender melhor o texto. Assim, a biblioteca escolar se torna um local de incentivo à leitura que expande a capacidade cognitiva, desperta a criticidade, gera reflexão e acrescenta novos conhecimentos (FRAGOSO, 2002).

---

Outro dia no horário da tarde.

Entraram dois meninos e começaram a folhear os livros. Um deles disse: *Eu vou trazer para cá (biblioteca) um gibizinho que eu tenho em casa. Lá em casa tem até do Zé Carioca!* E pegou um gibi com histórias do Calvin e do Haroldo para levar.

Um grupo de meninas do quinto ano veio devolver os livros, próximo da hora de terminar o turno. As alunas que devolveram pegaram mais livros, mas para ler na própria biblioteca. Uma delas tinha uma irmã menor, que estudava no primeiro ano. A criança pediu para a irmã mais velha ler um bilhete que estava no caderno dela, que a professora da turma havia colocado. Depois que a irmã leu, a aluna do primeiro ano disse: *quero ler também, pega um livro pra mim.*

Neste momento, chegou uma professora muito exaltada, entrou na biblioteca com um aluno e disse que ele estava aprontando na sala. Ela disse para a Beatriz: *ele vai ficar aqui.* E olhando para o menino, disse: *pega logo um livro pra ler. Só eu posso te liberar daqui!*

O menino fez sinal negativo com a cabeça e não pegou livro algum, durante todo o tempo em que esteve ali.

Esse fato apresenta que muitos profissionais da educação, como por exemplo esta docente, enxergam a biblioteca como um espaço punitivo. Para eles é como se ler fosse um castigo para a criança/ adolescente, e não uma fonte de prazer e aquisição da cultura. Talvez a atitude da docente esteja intrinsecamente ligada à sua formação enquanto leitora. Se a leitura foi apresentada desta forma para ela e nenhuma atitude foi realizada no sentido de ressignificar positivamente essa leitura, há uma grande probabilidade desta docente apresentar as obras literárias para seus alunos da mesma forma que lhe foi posta.

Esta visão da leitura como fonte de condenação é arcaica, retrógrada e não condiz em nada com as atuais propostas educacionais, que visam à leitura como uma das fontes de conhecimento no processo formativo do leitor. Por isso é muito importante a formação com qualidade, tanto dos mediadores quanto dos professores que estão trabalhando diretamente com os estudantes.

---

Os estudantes demonstram que entendem a importância da biblioteca, e conseqüentemente da leitura no âmbito escolar, quando parte deles a iniciativa de fazerem doações para o acervo. Isso é importante, pois mostra para esses estudantes que a biblioteca não é um espaço fechado em suas próprias regras. Ela dialoga com estes estudantes e eles, dessa forma, também estão participando do processo formativo de outros estudantes. É interessante ressaltar que, através da observação, percebeu-se que a aluna do primeiro ano que pediu à irmã para fazer a leitura do bilhete não sabia ler, mas como viu o grupo que estava com a irmã lendo no espaço, pediu para ler também. A irmã mais velha pegou um livro de literatura infantil e deu para a mais nova. Ela se juntou ao grupo e ficou a admirar as figuras do livro.

É como se estes estudantes percebessem a importância da leitura e a visualizam, muitas vezes, como fonte de deleite e informação. Por outro lado, a atitude da professora que colocou a criança de castigo na biblioteca demonstrou como ela enxerga aquele espaço. SANTOS et al (2014, p. 108) afirmam que “deve-se evitar transformar a biblioteca em depósito de livros e/ou objetos, lugar de castigo, ou de reprografia, e, além disso, deve-se procurar uma maior flexibilidade das normas e

proibições tão constantes nesses lugares”. É importante trabalhar para que estudantes e professores não vejam a biblioteca e a leitura como fontes de castigo, de algo ruim. Esse olhar punitivo deve ser retirado desse espaço. A leitura deve ser encarada como libertadora, e não como encarceramento.

---

Outro dia na parte da manhã.

Aluna A do quarto ano disse para as colegas: *Minha irmã tem um gibi da turma da Mônica em que acontece o casamento entre a Mônica e o Cebolinha, mas ela não me deixa ver de jeito nenhum.*

Aluna B do sétimo ano: *Tia, aqui tem algum livro de português de Portugal?*

Luiza: *Hum... tem que ver, acho que não.*

Alunos do quinto ano pegaram alguns livros e se sentaram para ler no espaço. Um menino que estava acompanhando o grupo desses estudantes perguntou para Luiza se não tinha algum livro de africanidades. A professora disse: *ficam bem ali* (apontando para as prateleiras na parte de cima, nas quais ficam localizados os livros de História).

A aluna B acabou pegando uma revista. Duas alunas estavam procurando livros e tocou o sinal. Uma delas disse que pegava depois, na hora da saída.

As crianças possuem acesso direto ao acervo, mas tem um local com pastas escrito bem grande: Não mexa!

Na parte da tarde do mesmo dia

Uma professora de Libras, que é concursada pelo Município, entra na biblioteca com mais quatro alunos e diz para a professora Beatriz: *Eles vão fazer prova aqui agora, está bem?* E se sentaram. A professora Beatriz disse que sim.

Algumas alunas conversavam sobre os livros, próximas a uma das estantes. Elas acompanhavam outra aluna que foi devolver. A professora que estava acompanhando os quatro alunos surdos “impedia” outros alunos de entrarem na biblioteca, quando eles abriam a porta. Dizia em tom incisivo: *Meus amores, volta depois, porque eles (os alunos surdos) estão fazendo prova, desculpa tá?*

Nesse horário, enquanto a professora de Libras e os alunos permaneciam no espaço, nenhum outro aluno podia permanecer no espaço da biblioteca, pois a professora já os dispensava da porta mesmo. Os estudantes só possuíam o horário

do intervalo para pegarem ou devolverem livros, mas neste momento não puderam fazê-lo. A professora Beatriz não se opôs a essa situação e ficou organizando o acervo.

---

A postura das crianças em buscarem livros de outras nacionalidades mostra que elas reconhecem a biblioteca como um local de acesso a outras culturas. Não foi possível identificar o porquê daquelas crianças estarem buscando aqueles livros, talvez um trabalho solicitado por algum docente. Essa busca das crianças torna-se enriquecedora para os seus conhecimentos e conseqüentemente para o processo formativo enquanto leitor.

Apesar do livre acesso que os estudantes têm ao acervo, o aviso **Não Mexa**, em destaque, fica afixado diante de um armário que possui pastas com arquivos na biblioteca. O armário não fica trancado e as crianças não chegam perto dele.

Muitos docentes frequentam o espaço, mas durante o período de observação realizado pela pesquisadora, estes usavam o espaço para realizarem outras tarefas que não estavam relacionadas diretamente com as obras do acervo, como por exemplo, deixar alunos por indisciplina no local; fazer cartazes, porque diziam que a mesa da biblioteca era grande; reunião pedagógica; aplicação de avaliações para estudantes com necessidades especiais, entre outras.

A professora de libras justificou que outros estudantes no espaço poderiam atrapalhar os quatro alunos que estavam realizando a avaliação bimestral, e que a biblioteca da escola era o local mais silencioso para que essa prática fosse realizada. Com essa atitude, a professora acabou excluindo os demais estudantes para que alguns fossem inclusos. Sobre a dinâmica inclusiva, Silva e Rodrigues (2011, p. 62) afirmam que:

[...] existe uma distinção profunda entre simplesmente aceitar e respeitar, e o processo de compreensão da diferença, que demanda das pessoas disposição e compromisso para trabalhar com o ser humano no sentido de contribuir com o desenvolvimento de um sujeito social, histórico e politicamente consciente. Não se trata de apenas acolher a diversidade, mas de compreender sua produção e complexidades na realidade de cada sujeito.

Os alunos especiais estavam em uma biblioteca, seria natural que eles, apesar de estarem realizando as avaliações, observassem de fato como uma biblioteca funciona. Isso ajudaria a contribuir com o desenvolvimento deles enquanto sujeitos

sociais e conscientes. Nenhum espaço pode ser proibitivo para os discentes dentro de uma escola, pois, de acordo com Ferreira (2005).

[...] a inclusão de todos na escola, independente do seu talento ou deficiência, reverte-se em benefícios para os alunos, para os professores e para a sociedade em geral. O contato das crianças entre si reforça as atitudes positivas, ajudando-as a aprenderem a ser sensíveis, a compreender, respeitar, e crescer, convivendo com as diferenças e as semelhanças individuais entre seus pares. Todas as crianças, sem distinção, podem beneficiar-se das experiências obtidas no ambiente educacional (FERREIRA, 2005, p. 124).

Não pode existir distanciamento entre esses alunos especiais com os demais estudantes da escola. Todos ganham com a convivência. Os alunos surdos não podem ter a visão de que quando estão em um determinado espaço dentro da escola, eles precisam ficar afastados dos demais. Em contrapartida, os estudantes da educação básica não podem ter a visão de que esses estudantes com necessidades especiais ocupam um espaço que é de todos, porque estão realizando alguma atividade. Normalmente, os estudantes já ficam em silêncio no espaço, sem a necessidade de o mediador que esteja presente solicitar. Logo, acredita-se que os estudantes poderiam continuar a devolver, pegar ou ler os livros, enquanto os estudantes surdos realizavam as avaliações. À presente pesquisa não cabe julgar a decisão tomada pela professora de Libras ao impedir que os demais estudantes permanecessem na biblioteca, mas trazer à luz desta discussão elementos que façam refletir sobre a importância de todos na unidade escolar contribuírem para o processo formativo dos estudantes, tenham eles deficiências ou não.

---

No outro dia na parte da manhã.

Em ambos os turnos, os estudantes estão em semana de avaliações.

Uma aluna do quarto ano chegou de forma alegre e disse para Luiza: *Tia, milagre, achei o livro*. A professora Luiza respondeu: *Nossa, que legal!*

Segundo a professora Luiza, os alunos do terceiro ao quinto ano pegam muitos livros.

Um mesmo grupo de meninas do terceiro ano visitam juntas o espaço da biblioteca todos os dias.

Elas estão lendo um livro em conjunto. Chegaram apressadamente, sentaram-se, pegaram um livro e disseram umas para as outras: *paramos ontem na página 27, precisamos ler logo antes do intervalo acabar*. E iniciaram a leitura com tom de voz baixo. Cada hora uma lia uma página. Era um grupo de 3 meninas. Elas rodavam o livro para que todas fizessem a leitura.

Terminaram a leitura do livro e quiseram pegar outro para iniciarem uma leitura coletiva.

Aluna A: *Vou lá pegar mais um.*

Aluna B: *Ah...ontem você escolheu, hoje é minha vez!*

Esse fato de leitura em conjunto das alunas mostra que, mesmo a escola não oferecendo situação de compartilhamento, o grupo de meninas cria esta oportunidade. Essas atitudes precisam ser aproveitadas pelos atores da escola para que a leitura seja incentivada de várias maneiras e alcance o maior número de estudantes possível.

Outros dois meninos, frequentadores assíduos da biblioteca, chegaram para fazer uma leitura em dupla. Eles liam "*Diário de um Banana*".

Após o sinal tocar, algumas crianças relutam para saírem do espaço, mas a professora Luiza disse: *Gente, vai embora! Tocou o sinal é sala*. As crianças obedecem e saem todas.

---

As crianças demonstram, através das atitudes, possuírem uma boa relação com os professores mediadores. Elas dividem dúvidas sobre as histórias, demonstram alegria ao encontrá-los em outro local e trocam opiniões sobre personagens. Essa é uma atitude encontrada nos estudantes que mais pegam livros (3° ao 5° ano) e estão constantemente na biblioteca. O professor Carlos disse que a Sala de Leitura auxilia muito as crianças do ensino fundamental I. A professora <sup>8</sup>Leila, responsável pela Sala de Leitura da escola, trabalha todos os dias da semana com as crianças da educação infantil até o quinto ano. Ela fica cerca de uma hora com cada turma e há dias específicos no quadro de horários para essas turmas, pois a professora Leila é a única na escola a exercer esta função. Para nível de entendimento nesta parte da pesquisa, expõe-se como o Caderno de Instruções do Censo Escolar de Educação Básica (2017) diferencia Biblioteca escolar de Sala de Leitura:

---

<sup>8</sup> Nome fictício da professora para resguardar o anonimato

Biblioteca – Local que dispõe de coleções de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte (papel, filme, CD, DVD, entre outras mídias), destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura. Geralmente a biblioteca escolar é organizada e administrada por um profissional especializado – o bibliotecário. Somente deve ser informada quando o espaço em que se encontra é de uso exclusivo para este fim (p. 27).

Sala de Leitura – Espaço reservado aos alunos para consultas, leituras e estudos. A sala de leitura não deve ser informada se estiver dentro da biblioteca (p.28).

A sala de leitura da escola Monteiro Lobato fica localizada no bloco B da escola, na parte em que estão as turmas do fundamental I, próxima ao refeitório e à quadra. A sala possui porta colorida; uma identificação escrita Sala de Leitura; no interior há almofadas e pufs no chão; duas mesas grandes com cadeiras que comportam umas 20 crianças; livros pendurados em uma espécie de varal, que segundo a professora Leila, são lidos de forma coletiva com as turmas; um quadro branco e um quadro mural. Há uma caixa com fantoches e outra com fantasias. Não há ar condicionado no espaço, somente ventiladores. A biblioteca da escola inspira seriedade; a sala de leitura apresenta um ambiente mais descontraído para as crianças, porque neste elas falam alto, riem, cantam, sentam-se no chão ou na cadeira, contam histórias, entre outras atitudes. A professora Leila disse gostar muito do que faz e aponta que se entristece por não conseguir fornecer mais tempo para as crianças nas atividades de leitura, pois deve realizá-las com muitas turmas. Travassos (2018) aponta que as atividades realizadas neste local são importantes e há “necessidade de se aprofundar reflexões sobre a leitura enquanto prática significativa para inserção dos sujeitos na sociedade e a biblioteca/sala de leitura como espaços escolares mediadores para a formação e desenvolvimento de leitores” (TRAVASSOS, 2018, p. 17).

Este incentivo à leitura por parte das atividades da sala de leitura reflete diretamente na atitude das crianças que frequentam a biblioteca. Elas querem pegar livros que já foram lidos pela professora, ou livros que a professora indicou, e acabam se interessando também por outros livros de literatura infantil e infantojuvenil que há no acervo. A quantidade de alunos matriculados no ensino fundamental I é inferior aos alunos do ensino fundamental II, mas o número de crianças que pegam os livros na biblioteca é superior aos alunos do ensino fundamental II.

Além de pegarem livros para lerem no local, as crianças fazem leitura coletiva das obras lidas, exercendo, dessa forma, a leitura oral e interpretativa, pois elas conversam sobre as atitudes dos personagens umas com as outras. Essa é uma prática já instituída por vários grupos, pois há grupos compostos só por meninas, grupos só por meninos e grupos mistos. Porém, é importante ressaltar que esses são grupos formados por estudantes frequentadores assíduos da biblioteca, o que também ratifica o fato de as crianças gostarem de ficar no espaço, pois mesmo sabendo da regra de não poderem permanecer na biblioteca após o sinal do recreio soar indicando o término, os estudantes relutam na tentativa de aproveitarem ao máximo o tempo dentro do local.

---

No mesmo dia, na parte da tarde, foram poucos alunos na biblioteca, pois tinham alguns professores fazendo planejamento e conselho de classe dentro dela. A orientadora pedagógica disse que usa o espaço da biblioteca e faz com um grupo de professores de cada vez.

Entrou uma aluna do sétimo ano, sentou-se sem pegar livro algum e disse: *Estou com tempo vago, vou ficar por aqui e tirar um cochilo. Aqui tá fresquinho e lá fora tá muito quente. Abaixou a cabeça e foi dormir.*

Alguns estudantes também utilizam o espaço da biblioteca como lugar de passagem, como o exemplo da aluna do sétimo ano, ou como o local que realiza empréstimo, mas também permite que os estudantes façam a leitura das obras, de forma compartilhada ou individual no espaço.

O professor Davi organizava os livros enviados pela SEMED que haviam chegado à biblioteca, e a Beatriz auxiliava os alunos que chegavam no espaço.

Davi também organizou os livros que ficam na caixa. Segundo ele, a maioria das crianças gostam de gibi, porém esses livros fazem mais sucesso entre os meninos. Livros de sagas e trilogias também são bastante procurados por eles. E completa: *Por isso a caixa deve ser organizada diariamente, pois as crianças mexem muito nela.*

---

O espaço da biblioteca Amazor Vieira Borges é encarado de diferentes formas por seus atores. A orientadora pedagógica utiliza a biblioteca como um local para fazer reunião com professores e conselhos de classe. Através da observação, percebe-se que muitos estudantes das séries finais procuram a biblioteca para “descansarem” ou esperarem alguma atividade prevista na grade de horário da sua turma. Logo, nenhuma dessas funções possuem relação direta com a leitura do acervo. Sobre as questões referentes à conceituação do espaço, Michel de Certeau (1998) reflete que:

Um lugar é a ordem (seja qual for), segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (CERTEAU, 1998, p.201)

Baseado nessa ideia do autor, pode-se considerar que um mesmo espaço, ou seja, a biblioteca da escola Monteiro Lobato, é visualizado de diferentes maneiras pelas pessoas que o ocupam. A orientadora pedagógica usa para realizar reuniões; os alunos do fundamental I para lerem ou pegarem livros; e a maioria dos alunos do fundamental II para descansarem e passarem o tempo. Portanto, a biblioteca é um espaço físico constituído por diferentes elementos, pessoas e objetos culturais, além do livro (TRAVASSOS, 2018). Deve-se, portanto, ressignificar o espaço da biblioteca escolar, pois a história mostra que este ambiente, antes ocupado apenas por pessoas da realeza, religiosos e nobres, passou a ser ocupado por grande parte da população pobre. Os estudantes são os mesmos, mas ocupam, de forma distinta, tanto a biblioteca quanto a Sala de Leitura.

---

#### 4.2.2 Cena II- Os atores escolares em cena: professores

Este subitem busca apresentar, através de uma conversa que a pesquisadora teve com muitos docentes da Escola Municipal Monteiro Lobato no período da pesquisa, o que a biblioteca representa para os professores que atuam nesta unidade de ensino. Para tanto, extraiu-se partes dessas conversas, consideradas mais relevantes para compor os dados desta pesquisa.

Professora itinerante: Ela acompanha o processo inclusivo das crianças nas escolas da rede municipal de Nova Iguaçu.

Para ela, a biblioteca da escola é acessível para os alunos. *Isso eu não vejo em outra escola da rede! Há um interesse pela leitura por parte desses alunos. Na sexta e na segunda percebo que são os dias que a biblioteca possui mais procura por parte das crianças. Fico espantada com isso. Elas dividem o horário do recreio para irem à biblioteca.*

*Muitos alunos da inclusão vão à biblioteca. A professora da sala de leitura usa realmente o espaço com as crianças da educação infantil até o quinto ano. Isso é importante, pois fomenta a leitura desde as séries iniciais. Eu fiquei impressionada, quando cheguei aqui, e como professora itinerante da rede, afirmo com propriedade que nenhuma biblioteca de outras escolas que trabalho é acessada tanto quanto a do Monteiro. É um espaço muito usado pelas crianças. Faço uma comparação com antes... eu enquanto aluna, na minha época.*

A reflexão da professora itinerante apresenta, de certa forma, a dinâmica das bibliotecas que muitas escolas da rede municipal têm. A partir da atuação dela, é possível ter um panorama geral do espaço das bibliotecas. Souza (2015) esclarece um pouco do papel deste docente:

O professor itinerante funciona como uma espécie de agente interlocutor na acessibilidade educacional, assistindo a um professor da sala regular na promoção dialogal entre o aluno e o conhecimento. Assim, a atuação itinerante compreende-se como abordagem interdisciplinar entre as disciplinas curriculares (SOUZA, 2015, p. 2).

Por fazer o trabalho inclusivo em diferentes escolas do município de Nova Iguaçu, a professora itinerante demonstrou propriedade ao falar sobre o fluxo intenso de alunos na biblioteca Amazor Vieira Borges. O fato de dizer que muitas bibliotecas da rede não possuem o mesmo fluxo de estudantes da biblioteca pesquisada demonstra que a professora visualiza este espaço como vivo, e chega a comparar essa atitude dos estudantes com a geração dela enquanto aluna.

Professor do segundo seguimento de ILPT (Incentivo à Leitura e Produção Textual): *É um espaço pequeno e difícil de aproveitar (a biblioteca). As turmas do*

*segundo seguimento são grandes. Daí o espaço não comporta os alunos. Ou seja, ela não privilegia trabalhar no espaço.*

Esse docente não percebe a biblioteca como uma aliada no processo da formação de leitura dos estudantes, pois, segundo ele, o espaço não é favorável. Contudo, é preciso destacar que nem todas as atividades formativas necessitam ser realizadas dentro do espaço da biblioteca.

Professora do segundo ano: *A biblioteca é boa, mas a Leila poderia ter outra pessoa para ajudar, e assim as crianças poderiam ser estimuladas mais vezes a irem, pelo menos duas vezes da semana, ao espaço.*

A professora do primeiro segmento enxerga o espaço da biblioteca diferente do professor de ILPT do segundo segmento. Ela classifica a biblioteca como boa, mas acredita que se houvesse outra professora auxiliando a professora Leila da sala de leitura, as crianças poderiam frequentar mais vezes este espaço da escola. A partir da fala desta docente, é possível identificar que ela observa a biblioteca como um espaço positivo dentro do processo de ensino e aprendizagem das crianças das séries iniciais, pois ela afirma que estas poderiam frequentar mais vezes. Entretanto, não foi possível analisar, a partir da conversa realizada com a docente, se a mesma leva as crianças à biblioteca, mas é fato ressaltar que durante as observações realizadas no espaço da biblioteca, exceto a professora Leila da sala de leitura, nenhum docente frequentou o lugar sozinho, com a turma ou parte dela, para manusear o acervo ou fazer atividades direcionadas à leitura.

Professora da Sala de Leitura: *Acho que falta um pouco de organização no que diz respeito à forma de empréstimo dos livros. Por exemplo, o retorno desses livros. Não há uma cobrança mais enfática. Eles (os professores mediadores), tirando às vezes a Luiza, não cobram. Isso é prejudicial para o acervo. A biblioteca também deveria ser informatizada, seria o ideal. O espaço é pequeno para uma turma muito grande, mas é bastante limpo e aconchegante.*

A professora Leila da sala de leitura demonstra, com a sua fala, uma preocupação com o acervo a partir da postura de todos os professores mediadores do espaço, que não possuem uma cobrança eficaz no empréstimo dos livros. Segundo a professora, se houver um único exemplar e alguma criança não devolver, fica difícil a recuperação do título, pois nem sempre a SEMED faz a reposição. Durante o diálogo, Leila disse que com as crianças da educação infantil, por exemplo, ela se

responsabiliza por pegar os livros na biblioteca, distribuir na turma e devolvê-los, porque as crianças menores não são acostumadas a irem à biblioteca. O interessante é que mesmo com as ressalvas, ela classifica o espaço como limpo e aconchegante.

Professora do terceiro ano: *Meus alunos frequentam bastante a biblioteca. Eu gosto do espaço.*

A fala da professora do terceiro ano, apesar de curta, demonstra que ela gosta que seus alunos frequentem o espaço da biblioteca, talvez por acreditar que esse é um espaço importante para a formação nas séries iniciais. Como a maioria das professoras das turmas do ensino fundamental I, esta professora do terceiro ano visualiza a biblioteca como uma importante aliada no processo de aprendizagem das crianças. Seguindo essa ideia, Paiva e Oliveira (2010, p. 2) afirmam que a finalidade da biblioteca escolar:

tem como uma de suas funções primordiais a formação do indivíduo leitor, pois ela ocupa o espaço privilegiado de acesso a leitura; é imprescindível que a escola crie possibilidades que oportunizem o desenvolvimento do gosto pela leitura por intermédio de textos significativos para os alunos.

A biblioteca então passa a ser este espaço privilegiado de acesso à leitura, pois, segundo o autor e a opinião das professoras expostas nas conversas, elas também acreditam que os textos e os livros oportunizam o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Professor de História do segundo seguimento: *A biblioteca é pequena. Estamos na era da informática e ela não é informatizada e o acervo poderia ser melhor.*

O professor de História fala sobre a falta de espaço da biblioteca. Essa opinião sobre espaço é importante, pois ao mesmo tempo em que a maioria dos professores do ensino fundamental II classificam a biblioteca como pequena, os professores do ensino fundamental I a classificam como boa, e a qualificam como um espaço importante para a formação das crianças. É fato que alguns professores de ambos os seguimentos observam que é um fator negativo a biblioteca não ser informatizada. Contudo, as docentes das séries iniciais não analisam esse fator negativo como impedimento para se trabalhar com a leitura e incentivar as crianças a frequentarem esse espaço. Enquanto os professores das séries finais avaliam a qualidade do acervo

como ruim, as docentes das séries iniciais dizem gostar principalmente das categorias infantil e infantojuvenil. Com as observações realizadas na biblioteca da escola, a pesquisadora pode perceber que há bastantes títulos infantis e infantojuvenis. Segundo os professores mediadores da biblioteca, essas são as obras que mais possuem empréstimos, talvez pelo fato de agradarem essa faixa etária que constantemente está na biblioteca. Todavia, há de se destacar que o número de alunos matriculados no ensino fundamental I é menor do que o número de estudantes matriculados no ensino fundamental II. Isso confirma, de certa forma, o que os professores mediadores disseram: que as crianças frequentam mais o espaço do que os adolescentes, porque mesmo em número menor, o livro apresenta uma quantidade superior de empréstimos e devoluções para os estudantes até o quinto ano de escolaridade.

Professora intérprete de libras I: *Acho a biblioteca muito boa, o espaço é bom, mas tem que ter uma renovação maior no acervo. É um espaço que faz diferença na escola.*

Professora intérprete de libras II: *A biblioteca é uma referência para os alunos, porém falta variedade constante no acervo, e é preciso tornar a biblioteca um espaço realmente de pesquisa que atenda a todos, ou seja, com intervenção tecnológica.*

As professoras intérpretes de libras da escola fornecem o mesmo suporte para os estudantes e comunidade escolar, pois são intérpretes da escola e não somente dos alunos. Atuam em horários diferentes – manhã e tarde –, contudo as opiniões delas foram colocadas juntas nesta pesquisa, porque apesar de atuarem em horários diferentes, elas possuem considerações que se completam. Para elas, o espaço é bom, faz diferença na escola e é uma referência para os estudantes. Porém, ambas falam sobre a variedade e renovação do acervo, além de abordarem a falta de intervenção tecnológica na biblioteca, para que esta possa ser realmente um espaço de pesquisa, tal qual as bibliotecas na Grécia, que eram vistas como esse espaço.

O interessante é analisar que a professora de libras que forneceu a primeira opinião é a mesma que impediu os estudantes de permanecerem no espaço pelo fato dos alunos surdos estarem realizando avaliações. Aqui se percebe uma incoerência, pois ao mesmo tempo em que ela diz que a biblioteca é um espaço que faz diferença para os alunos, a atitude dessa professora de não deixar que outros estudantes permanecessem naquele local, é no mínimo curiosa.

Professora mediadora Beatriz: *A biblioteca é um espaço de oportunidade de o aluno ter contato com livros, pesquisa, conhecimento e tornar mais abrangente o conhecimento deste aluno. A biblioteca representa a acessibilidade, isto é, ter acesso a obras que normalmente ele não tem. A biblioteca oportuniza o contato com os livros.*

A professora Beatriz analisa a biblioteca como um espaço que, entre outras qualidades, fornece a oportunidade de o estudante manter contato com uma cultura que ele não está habituado através da leitura. É ter o acesso a obras que normalmente o público que frequenta as bibliotecas escolares não tem.

[...] a biblioteca escolar precisa ser vista como uma oportunidade de fortalecimento do ensino, um essencial suporte para a formação de leitores, pois proporciona inúmeros recursos e acesso a dados que contribuem com a difusão do conhecimento. É através da leitura que a criança e jovens passam a compreender melhor a realidade que os cerca (MARÇAL, 2014, p.131).

O conceito de identificar a biblioteca como um local em que as pessoas poderiam ter acesso ao conhecimento vem desde a biblioteca de Alexandria. Séculos depois, algumas bibliotecas escolares buscam privilegiar este tipo de aprendizagem como auxílio na formação de leitores. A professora Beatriz acredita que a biblioteca da Escola Municipal Monteiro Lobato se enquadra neste tipo de biblioteca que fornece o acesso aos estudantes, oportunizando o contato destes com os livros. De maneiras diferentes, os professores da escola deixam claro que ter uma biblioteca na escola é de suma importância para todos os envolvidos, principalmente os educandos, entretanto, a maneira como esta biblioteca é organizada no espaço da Escola Municipal Monteiro Lobato é que acaba divergindo opiniões. Enquanto uma parcela dos docentes está satisfeita com a biblioteca, a outra parcela aponta problemas que poderiam ser solucionados em prol de uma formação de leitores mais significativa e completa. O relato desses professores mostra que eles entendem a importância da biblioteca na formação dos estudantes, mas não se sentem pertencentes à biblioteca. É como se a biblioteca fosse outro espaço, pois nem os professores que trabalham diretamente com a leitura (os do primeiro seguimento e os professores de Português) exemplificaram trabalhos realizados junto à biblioteca da escola, evidenciando que a interação não ocorreu neste caso. A mediação entre o aluno e a biblioteca fica ao cargo somente dos mediadores, o que de fato deveria ser responsabilidade de todos os envolvidos no processo formativo dessas crianças.

Dessa maneira, é importante destacar que as políticas públicas voltadas para a leitura interferem diretamente na dinâmica das bibliotecas escolares. Incentivar a doação de livros entre os discentes é importante, contudo, é necessário que haja uma fiscalização mais efetiva por parte do sistema governamental, para que os livros adquiridos pelos órgãos competentes cheguem realmente ao destino das bibliotecas. Além disso, é necessário que estes espaços sejam informatizados, pois isso auxilia muito na catalogação das obras. Porém, este bem material só é possível a partir das verbas públicas, que muitas vezes passam por processos licitatórios demorados. Outro fator que interfere na biblioteca escolar é a formação dos profissionais da educação que estão envolvidos na mediação.

Como já foi exposto nesta pesquisa, muitas pessoas que estão atuando nas bibliotecas escolares do Brasil são pessoas desviadas da função original e sem a formação de biblioteconomia. Com isso, a biblioteca fica com sua organização comprometida e sujeita a forma como esses profissionais pretendem desenvolver o trabalho. Se forem mediadores que estejam comprometidos com a formação dos leitores, é um fator positivo. Entretanto, se forem profissionais que estão momentaneamente no espaço, esperando alguma resolução de cunho particular, como por exemplo, aposentadoria, licença, condições comprometidas para assumirem turmas, entre outras, as atividades que envolvem esta formação poderão ser prejudicadas.

Portanto, as Secretarias Municipais de Educação poderiam proporcionar formação continuada para esses profissionais, através de cursos gratuitos, uma vez que a atuação deles é importante para a formação dos leitores, os quais também são agentes do espaço.

#### **4.3 Cena III- Atores escolares fora de cena: equipe diretiva**

Este item é sobre o que a equipe diretiva da Escola Municipal Monteiro Lobato pensa sobre a biblioteca Amazon Vieira Borges, e como este espaço está incluso na organização da instituição. A conversa foi realizada com a diretora geral Sandra<sup>9</sup>, representante da direção escolar.

---

<sup>9</sup> Nome fictício para proteger a identidade da diretora geral da escola

Ao todo são quatro diretoras para organizarem a unidade escolar nos três turnos: uma diretora geral e três adjuntas. A diretora Sandra informou que a equipe diretiva havia assumido a direção da instituição a cerca de três meses por causa de um problema administrativo na gestão anterior. As professoras que compõem a equipe receberam o convite da Secretária de Educação, a pedido da Secretaria Municipal de Educação, e assumiram a direção desde agosto de 2019.

Sandra acredita na escola como elemento transformador do meio, e assim que chegou à escola, passou alguns dias na biblioteca, observando para saber como funcionava aquele espaço. Ela própria passou a interagir com os estudantes, incentivando a leitura compartilhada. Sentou-se junto com algumas crianças e começou a ler. As crianças gostaram e passaram a exercitar este hábito na biblioteca.

Durante aqueles três meses, a direção fez algumas ações para incentivar mais a prática de doação de livros por parte dos alunos. Os professores que lecionavam para esses estudantes recebiam os livros doados por eles para movimentar o acervo da biblioteca e não depender somente dos enviados pela SEMED. A ideia é que haja renovação a cada ano. A direção pretende estender a prática de doação de livros entre as turmas também. O projeto, que até aquele momento da pesquisa não havia iniciado, é para cada sala possuir uma caixa de livros e fazer a troca dessa caixa, a cada período, entre as turmas. Apesar do projeto não ter começado, Sandra, até aquele momento, já tinha pedido livros para os alunos, responsáveis, familiares e professores, e levado algumas caixas para a escola.

A diretora disse também que em um futuro próximo pretende incentivar a contação de histórias para os alunos e movimentar, em alguns momentos, o espaço da biblioteca. Isto é, alunos maiores (do quinto ano) contando história para os menores.

Quando esta equipe diretiva, representada pela diretora geral Sandra, assumiu, o acervo da escola já estava por volta de quase cinco mil exemplares. A postura da direção em aumentar este acervo demonstra a importância que a escola direciona para a formação dos estudantes a partir da leitura de livros. A escola segue, até então, o que foi previsto pela Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, Art.2º, Parágrafo único:

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (BRASIL, 2010, p.1).

De acordo com o número de matriculados no ano de 2018 na Escola Municipal Monteiro Lobato, a Lei nº 12.244 está sendo cumprida, pois o número total de alunos matriculados, que é de 2.023, é menor do que o número de títulos que o acervo possui. Logo, a escola estabelece o mínimo previsto por lei para cada estudante. Contudo, é interessante observar que a equipe diretiva busca soluções não só para aumentar o acervo, mas também integrar toda a comunidade escolar neste movimento de doação de livros. Essa atitude incentivada pela direção condiz, de certa forma, com a intenção de tornar a escola de fato como elemento transformador do meio. A escola, dentre outras funções, deve propiciar o acesso a todas as formas de cultura e, dessa maneira, incentivar estudantes, responsáveis, professores e coordenadores a sempre buscarem fazer parte desse elo que contribuirá para uma mudança social positiva. A escola não é a “salvadora da pátria” que resolverá todos os problemas sociais e muito menos um fim para alcançar essa transformação social, mas é uma importante peça que irá auxiliar nesse processo de mudança.

A biblioteca da escola passa a ser então um espaço no qual essa transformação poderá ter início de forma prática. A esse respeito, Manguel (2001) afirma que ouvir alguém ler ou ler para alguém na Idade Média era comum, pois havia muitas pessoas iletradas e os livros eram propriedades dos ricos. Dessa forma, as leituras compartilhadas eram a forma que a sociedade tinha para manter um contato mais próximo com os livros. Passaram-se séculos e essa prática da leitura compartilhada começou a ser implantada em muitas bibliotecas escolares, inclusive na biblioteca Amador Vieira Borges. Colomer (2007) ressalta que a leitura compartilhada é a base da formação de leitores e consolida uma aprendizagem social e efetiva:

Antes de mais nada está o fato de oferecer um tempo de prática leitora na sala de aula ou na biblioteca escolar para que os alunos exercitem as habilidades de rapidez, concentração, autocontrole, etc., implicadas no ato da leitura. E são as atividades de leitura dirigida e compartilhada, aquelas em que meninos e meninas vêm elucidar-se, ante os seus olhos, o modo de ler que devem interiorizar: como se antecipa o que se pode esperar na narrativa que leem coletivamente; analisar o que seria cumprir as regras do gênero nessa obra, o que seria desobedecê-las e qual pode ser o propósito do autor para fazê-lo dessa maneira; comprovar as hipóteses realizadas; notar os fios ainda soltos ou as incongruências que derivam de uma falta de compreensão pontual; buscar os detalhes do texto que validam uma interpretação e invalidam outra; etc. (COLOMER, 2007, p. 65).

Essa leitura compartilhada é uma prática leitora, que, segundo Colomer (2007), fomenta muitas habilidades tanto em meninas quanto em meninos, que são importantes para uma formação de leitores tão relevantes à leitura, e, dessa modalidade de leitura, a direção buscará expandir no espaço escolar a contação de histórias. Dessa forma, uma prática que iniciou na biblioteca ocupará outros espaços com outros atores. É tornar realmente acessível o contato com os livros por meio da leitura oral, assim como foi iniciado na Idade Média. Assim,

A prática da leitura compartilhada, garantindo o ouvir textos desde a mais tenra idade, lendo através dos olhos dos outros, é primícias para a formação de bons leitores e também de bons escritores. E esta prática, para além da formação inicial, parece elevar a competência leitora a níveis cada vez mais profundos, inclusive favorecendo a formação profissional dos professores entre si e junto aos seus alunos (ROSA, 2016, p. 11).

A leitura compartilhada deve ser incentivada em todos os anos de escolaridade, independente da disciplina, pois essa leitura irá ampliar a construção do que foi lido. É, pois, um partilhar que visa a construir e reconstruir sentidos.

Todavia, se deve ter atenção ao que Travassos (2018) aponta: não adianta ter uma biblioteca aparatada e com vários livros se não forem criadas condições para que os leitores tenham acesso a essas obras, levando-os à participação, à crítica, ao desejo de descobrir, ler e buscar cada vez mais conhecimentos. Logo, a equipe diretiva deverá ser comprometida com a real funcionalidade de uma biblioteca no contexto escolar. Inserir este espaço nos projetos da escola de forma que possa ser um aliado no processo educativo e não um local à parte, sem qualquer integração com a dinâmica escolar.

A partir da conversa com a diretora Sandra, é possível analisar que as práticas que podem fomentar mais a leitura devem ser revistas, principalmente no incentivo às séries finais, que por meio do resultado de avaliações externas, pesquisas e congressos, apontam uma proficiência em leitura não satisfatória.

Visto isso, é importante não só ter a biblioteca escolar presente no documento do PPP em cada instituição de ensino: é necessário que a escola tenha institucionalizada realmente em sua prática a proposta de formar leitores. Se considerados em seu conjunto, os dados apontam para uma biblioteca viva e utilizada por parte dos alunos. O espaço é o mesmo, porém as funções que os atores fornecem para o espaço são diferentes. Logo, os dados podem ser cotejados com a literatura

no que concerne a questão da biblioteca como um espaço importante para incentivar e realizar as leituras literárias.

Após a descrição das cenas que serviram de base para a organização dos dados e resultados, articuladas com as contribuições teóricas tomadas como referência para esta dissertação, emergem eixos organizadores de aspectos/questões relacionadas com os papéis e funções desempenhados pelas bibliotecas escolares. Esses eixos, acredita-se, não se restringem ao universo investigado. Pelo contrário, servem de estímulo para aprofundamentos posteriores. São eles: a biblioteca como espaço de aprendizagem; a biblioteca como espaço de mediação; a biblioteca como espaço burocratizado; a biblioteca como espaço/ lugar de passagem (leitura e empréstimo); a biblioteca como espaço punitivo; e a biblioteca como espaço de formação do leitor.

Todos esses eixos depreendidos e marcados de alguma forma na descrição das cenas, apresentadas anteriormente, indicam a importância que o espaço da biblioteca escolar possui enquanto local de promoção da leitura e para a formação do sujeito leitor. A biblioteca auxilia a escola na melhoria dos processos de aprendizagem dos alunos. Quando o trabalho do professor inclui o incentivo à leitura e assume a articulação com a biblioteca como estratégia de ampliação do conhecimento e do letramento dos alunos, certamente contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Nessa perspectiva, em termos da dinâmica do trabalho na biblioteca, é necessário ultrapassar modelos de mediação que priorizam empréstimos e devoluções. A intenção é que o leitor possa evoluir em suas leituras, e avance para àquelas consideradas mais especializadas, reflexivas, aprofundadas, a fim de aguçar a criticidade do leitor. (Cf. COLOMER, 2007).

Dessa forma, a biblioteca escolar precisa exercer um papel que vai além da dinâmica empréstimo / devolução. Ela precisa, através das suas ações, apresentar-se para as crianças, os jovens e os professores como o espaço que deva ser usado para realizar leituras individuais, em conjunto, pesquisas, entre outras atividades. Ela deve ser indicativa para o deleite e não para cumprir um castigo, pois uma das suas atribuições principais é auxiliar na formação do leitor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de avaliações externas, como por exemplo, a ANA (Avaliação Nacional de Alfabetização) e Provinha Brasil (IDEB); resultado de pesquisas realizadas em congressos de referência à leitura, e estudos de diferentes autores, analisou-se que o índice da proficiência em leitura dos estudantes do ensino fundamental I e fundamental II não alcançou as metas satisfatórias previstas pelos órgãos que fazem a aferição desse conhecimento. É fato que acontecem várias questões no ambiente escolar que não são apresentadas nestes índices de aferições, os quais só apresentam os resultados, mas não necessárias as causas para que se chegasse a tais resultados.

Visto isso, a presente pesquisa buscou entrar no ambiente escolar para identificar as possíveis causas para que a proficiência em leitura no Brasil não avance positivamente, mesmo após tantas políticas públicas voltadas a essa questão serem propostas. A biblioteca, que entre outras funções é considerada um espaço no qual há produção do saber, além de pesquisa e leitura, foi o ambiente escolhido para que se fizessem observações, a fim de analisar como uma escola considerada pela Secretaria Municipal de Educação como uma das mais estruturadas da rede municipal, não consegue atingir a média 6,0 estipulada pelo IDEB. Essa escola é a Escola Municipal Monteiro Lobato, localizada do município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

A partir dessas informações, optou-se por revisitar a história das bibliotecas na antiguidade para contextualizar o objeto pesquisado, que é a biblioteca escolar da referida escola. Ao analisar as bibliotecas daquele período, identificou-se que muitas características, observadas atualmente nas bibliotecas públicas e particulares, foram herdadas daquelas bibliotecas, especialmente a organização interna, a catalogação do acervo, a democratização da leitura a partir das bibliotecas, entre outras. É importante ressaltar que o processo evolutivo do papel até chegar ao livro também fez parte da história das bibliotecas, que anteriormente eram tidas como distintivo sociocultural para aqueles que as possuíam em suas residências ou palácios.

Muitos acontecimentos históricos ocorreram até que se constituíssem as bibliotecas no Brasil e posteriormente as bibliotecas escolares. A reformulação do curso normal e o pioneirismo do Colégio Pedro II, que foi a primeira escola pública do

Rio de Janeiro a possuir uma biblioteca escolar, mostrou duas funções diferentes dadas ao mesmo espaço. As bibliotecas escolares criadas a partir do curso normal serviram ao propósito de ensinar as normalistas como entreter as crianças com os livros. Já a biblioteca do Pedro II funcionava como uma espécie de guarda das obras, pois o acesso ao espaço era restrito e a aquisição do acervo dependia de instâncias superiores ao Reitor (diretor), todas descritas em normas organizacionais.

No século posterior, em meados da década de 1930, com a iniciativa da autora Cecília Meireles, a biblioteca ganha mais um capítulo em sua história, pois a partir do Pavilhão Mourisco buscou-se a concepção de um espaço totalmente voltado às crianças. Isso porque existiam bibliotecas públicas naquela época, mas eram pensadas para adultos, apesar de as crianças acompanharem seus responsáveis.

Nos anos 90, a LDB e as políticas públicas voltadas à leitura e fomento dos acervos da biblioteca foram criadas para nortear as questões da leitura no país. Contudo, não houve uma preocupação efetiva dos órgãos competentes para tornar eficientes as propostas. Tanto que, quando um programa não tinha o resultado esperado, criava-se outro.

Quase vinte anos depois, a Lei nº 12.244/2010, com referência à Universalização das Bibliotecas escolares, buscou democratizar mais o acesso às bibliotecas públicas e privadas do país, com orientações as quais possivelmente não serão cumpridas, como por exemplo, o prazo atual de acervo mínimo que expira em maio de 2020. Mais uma vez, o que se observa é a intenção do governo em incentivar a leitura através das propostas, porém a efetivação é praticada de forma incompleta ou simplesmente não é praticada.

CANDIDO (2004); CASTRILLÓN (2011); COLOMER (2007); LAJOLO (1988,1999, 2017, 2018); ZILBERMAN (1988, 1999, 2017) são alguns dos muitos autores que foram utilizados nesta pesquisa para auxiliarem na discussão das questões emergidas a partir do presente tema.

A pesquisa, como informado anteriormente, consistiu em realizar observações nos meses de novembro e dezembro de 2019 na biblioteca da Escola Municipal Monteiro Lobato, para analisar o processo de formação de leitores que ocorre ou não neste espaço, nos dois turnos (manhã/ tarde). Os dados, entre outros fatores, revelaram que a biblioteca é um espaço vivo, ocupado e visitado pelos estudantes; é acessível; espaçoso; organizado; tem um acervo com boa quantidade de obras, em se tratando de escola pública municipal; mesas e cadeiras que comportam cerca de

25 alunos, e possui três professores mediadores atenciosos, que sempre estimulam as crianças e os adolescentes a voltarem ao espaço. A maioria dos meninos gostam de gibis; as meninas e crianças das séries iniciais de literatura infantil e infantojuvenil.

As observações também foram compostas por conversas com professores e equipe diretiva para saber como a biblioteca é utilizada por eles e o nível de importância dela para a formação dos leitores daquela escola. O diálogo fez emergir questões importantes que talvez possam identificar alguns motivos pelos quais a proficiência em leitura nessa escola não esteja satisfatória. Os docentes que participaram da conversa demonstraram falta de interesse pelo espaço, e os que acreditam na biblioteca como elo importante nesse processo de leitura, deixam as atividades que possam auxiliar neste quesito para a professora da sala de leitura. Ambos não demonstraram integração em suas aulas com a biblioteca escolar.

Analizou-se que as crianças do ensino fundamental I são o maior público que frequenta a biblioteca com assiduidade, talvez porque ainda participem da sala de leitura, e as atividades propostas por esta estão em consonância com a biblioteca. Esses alunos possuem um desempenho melhor quando se analisam os resultados das avaliações externas quanto à leitura e interpretação de textos, em relação aos estudantes do fundamental II. Esses jovens vão à biblioteca em uma frequência menor do que as crianças, e o resultado do desempenho deles na parte de leitura e interpretação de textos é menor em relação ao das crianças na última avaliação externa (IDEB). Esses alunos não participam mais da sala de leitura. Então, constata-se que é necessário fornecer uma atenção maior para este público, como por exemplo, inseri-los em projetos de leitura na escola para que continuem as visitas à biblioteca. A direção da escola informou que já busca trabalhar nesse sentido, implementando projetos sobre leitura literária e rodas de conversa.

Os mediadores, apesar de não possuírem formação em biblioteconomia, buscam auxiliar todos os alunos no que é possível, contudo, uma formação especializada continuada nesse aspecto poderia ajudar mais esses atores do espaço.

A pesquisa apresenta que há muitos desafios a serem superados por parte das bibliotecas escolares e questões que precisam ser aprofundadas. Estudos posteriores se fazem necessários para que este assunto – a formação do leitor –possua uma reflexão mais ampla em prol da melhoria desta temática na educação brasileira. Com relação aos diferentes temas que devam ser investigados dentro dessa perspectiva, têm-se a relação entre o incentivo à leitura e os modos como a biblioteca se organiza,

e as relações entre as atividades desenvolvidas na e pela biblioteca direcionadas à formação do leitor.

Todas as demandas advindas das relações mencionadas anteriormente levam a outros questionamentos, os quais podem apontar caminhos a serem refletidos para a obtenção de uma formação de leitores com maior qualidade fornecida pelas bibliotecas escolares.

Dessa forma, acredita-se que uma biblioteca só terá pleno sucesso dentro de uma escola se estiver dialogando com esta, e não fugindo da responsabilidade de ajudar no processo de formação de leitores ao fornecer um espaço para que os usos e funções da biblioteca escolar sejam realmente em prol do sujeito leitor.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família** (tradução de Dora Flaksman). 2 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2006.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. 200 anos da Primeira Biblioteca Pública do Brasil: considerações histórico-biblioteconômicas acerca dessa efeméride. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.17, n.2, p. 2- 25, abr/jun. 2012.

BARBOSA, João Alexandre. **A Biblioteca Imaginária**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

BAKOS, M. M. **O que são os hieróglifos**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

\_\_\_\_\_. **Egiptomania: o Egito no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: FUNARI, R. **Imagens do Egito Antigo: um estudo de representações históricas**. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. Hieróglifos: Imagens, sons e egiptomania. **PHOINIX**, Rio de Janeiro, v.13, p. 178-201, 2007.

BATTLES, Matthew. **A Conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Ed. Planeta, 2003.

BATISTA, Pollyana da Silva. **Biblioteca Escolar no Brasil: Um estudo sobre vários aspectos**. Brasília. Monografia – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade, Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília. Brasília, 2009. p. 122.

BIBCHERI, A.L.A.O; JÚNIOR, Oswaldo Francisco Almeida. Bibliotecário Escolar: um mediador de leitura. **Revista Ribeirão Preto**, v. 2, n.1, p. 41- 54, 2013.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Sobre a BN**. Disponível em: [www.bn.gov.br/sobre-bn](http://www.bn.gov.br/sobre-bn). Acesso em: 2 jun. 2019.

BRASIL. Legislação Informatizada. **Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010**. Em vigor desde a lei. Casa Civil, 2010. Disponível em [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm). Acesso em 13 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Cultura. **Plano Nacional do Livro e Leitura**. Governo Luiz Inácio Lula da Silva, 2006. Disponível em: <http://odai.org/wp-content/uploads/2013/06/enlace138.pdf>. Acesso em 31 ago. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**. Disponível em: [www.portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb](http://www.portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb). Acesso em: 20 fev. 2020.

BRASIL. **Regulamento nº 8 de janeiro de 1838**. Contém os Estatutos para o Collegio de Pedro Segundo. Disponível em:  
<http://www2.camara.gov.br/lrgislacao/publicacoes/doimperio> ou  
[www.histedbr.fe.unicamp.br](http://www.histedbr.fe.unicamp.br). Acesso em: 5 set. 2019.

BRASIL. **Retratos da Leitura no Brasil**. 2015. Instituto Pró-livro, Câmara Brasileira do Livro, Sindicato Nacional dos Editores de Livros. 4ª edição da pesquisa, 2015. Disponível em <<http://prolivro.org.br>> Acesso em 15 jan. 2020.

CAMPELLO, Bernadete Santos; SILVA Mônica do Amparo. A biblioteca nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Presença Pedagógica**, v.6, n. 33, maio/jun. 2000.

CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul/ São Paulo: Duas Cidade, 2004.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRILLÓN, Silvia. Entrevista. **Revista Biblioo** – Cultura Informacional, n.6, nov. 2011. Disponível em <http://biblioo.info/silvia-castrillon>. Acesso em: 01 fev. 2020.

COELHO, Ana Luiza Ferreira. O Paradigma indiciário como metodologia para estudos historiográficos. In: FÓRUM ENSINO PESQUISA EXTENSÃO E GESTÃO, 8, 2014, Montes Claros, Minas Gerais. Anais... FEPEG, FAPEMIG **2014**. p. 1-3.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**: A leitura literária na escola (tradução Laura Sandroni). São Paulo: Global, 2007.

CORREIO DA LAVOURA: **Sessão Nossa História**, 27-11-2018. Disponível em: [www.correiodalavoura.com.br](http://www.correiodalavoura.com.br) . Acesso em: 18 fev. 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CURL, J. S. Eypomania. **The Egyptian revival**: a recurring theme in the History of taste. New York: Manchester University Press, 1994.

DUARTE, Cristina Rothier; SEGABINAZI, Daniela Maria Figueiredo Pimentel: Contos da Carochinha e o nascimento da literatura infantil abasileirada no final do século XIX **Soletras** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, n.34, p. 312-328. jul/dez 2017.

DURO, Y. Z. Dimensão atual da biblioteca infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.12, n.3/4, p. 211-222, jul./ dez. 1979. Disponível em:  
<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=000000206&dd1=b414>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola. **Rev. ACB: Biblioteconomia**, Santa Catarina, Florianópolis, v.7. n.1, p. 124- 130, 15 jun. 2002.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola: uma relação a ser construída. **Rev. ACB: Biblioteconomia**, Santa Catarina, v.10, n.2, p. 169-173, jan./dez. 2005.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In:\_\_\_\_\_, **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-179.

HOUAISS, Instituto Antônio. **Dicionário Houaiss conciso**. Rio de Janeiro: Moderna, 2011.

INEP. **Dados do Censo Escolar**, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br>. Acesso em: 5 fev. 2020.

INFANTE, Ulisses. **Leitura e escrita**. São Paulo: Scipione, 2000.

JUNIOR, Arlindo Lins de Melo; MORAIS, Rogério de. Estudo de caso como estratégia de investigação qualitativa em educação. **Ensaios Pedagógicos**. Sorocaba, v.2, n. 1, jan./ abri. 2018, p. 26- 33.

KRUG, Flávia Suzana. A importância da leitura na formação do leitor. **(REI) Revista de Educação do Ideau**. v 10, n.22, p. 1-13, 2015.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos meios populares** – As razões do improvável. São Paulo: Editora Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira Histórias e História**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A Formação da Leitura no Brasil. 3. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1999 apud VERISSIMO, Erico. **Estudos de literatura brasileira**. 3ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira Uma Nova Outra História**, Rio de Janeiro: FTD, 2017.

LAJOLO, Marisa. **Literatura, Ontem, Hoje, Amanhã**, São Paulo: UNESP, 2018.

LIMAS, Rubeniki Fernandes de; CAMPELLO, B. S. Redes de bibliotecas escolares no Brasil: estudo de caso em sistemas municipais de ensino. **Bibl. Es. Em R.**, Ribeirão Preto, v. 5, n.2, p. 21-42, 2017.

LINDOSO, Felipe. Bibliotecas escolares – uma pauta que vai e que vem. **Publishnews**, de 17 set. 2013. Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/materiais/2013/09/17/72273-bibliotecas-escolares-umapauta-que-vai-que-vem>. Acesso em: 5 maio 2019.

LURKER, M. **The gods and symbols of ancient Egypt**. London: Thames and Hudson, 1974.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MARTINS, Marcus Vinícius Rodrigues. Bibliotecas Públicas e escolares nos discursos de Cecília Meireles e Armanda Álvaro Alberto: acervos e práticas de leitura. **Perspectiva em Ciência da Informação**, v.19, número especial, p. 227- 241, out./dez. 2014.

MAZZOTI, J. A. Usos e abusos do estudo de caso. **Revista cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637- 651. Set./ dez. 2006. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742006000300007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742006000300007&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 14 fev. 2020.

MEIRELES, C. **Problemas de Literatura Infantil**. São Paulo, Summus, 1979.

MEY, E.S.A. **Introdução à catalogação**. Brasília. Brinquet de Lemos Livros, 1995

MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Catalogação no plural**. Brasília: Brinquet de Lemos Livros, 2009.

MEY, E. S. A. Bibliotheca Alexandrina. **Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.1, n.2, p. 71-91, jan./ jun. 2004.

MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método, criatividade**. 33 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MIDORI, Marisa. Bibliomania, São Paulo. **Jornal da USP**, São Paulo, 20 abr. 2017. Atualidades. Disponível em <https://jornal.usp.br/atualidades/marisa-midori-lembra-a-fundacao-da-biblioteca-de-alexandria/#>. Acesso em: 5 de maio de 2019.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. **Revista ACB**, [S.l.], v. 10, n.2, p. 189-206, jan. 2006. Disponível em <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/432/551>. Acesso em: 4 ago. 2019.

NOVA IGUAÇU, Plano. **Lei nº 4.504, de 23 de junho de 2015**. Municipal de Educação da Cidade de Nova Iguaçu. ZM Notícias, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 2015. Disponível em: [www.cmni.rj.gov.br](http://www.cmni.rj.gov.br) Acesso em: 07 ago. 2019.

ORIÁ: Ricardo. Bibliotecas escolares no Brasil: Uma análise da aplicação da Lei Nº 12.244/2010. **Consultoria Legislativa**. Rio de Janeiro. p 1- 31, 2017.

PETIT, Michèle. **Os Jovens e a leitura: Uma nova perspectiva** (tradução Olga de Souza). 2 ed. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2009.

PELÓGIA. Hélia; SILVA, F.B. A contribuição da leitura de contos para a prática de oralidade e da escrita. In: PARANÁ. SME Paraná. Os desafios da escola pública

paranaense na perspectiva do professor PDE: **Cadernos PDE**, v.1, 2013, versão online. Disponível em: [www.diadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br). Acesso: 10 nov. 2019.

PIMENTA, J.S. Pavilhão Mourisco: Biblioteca e Educação em Cecília Meireles. In: 24ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 2001, Caxambu. Anais. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/24T020388459888.doc>. Acesso em 5 dez. 2019.

QEdu. **Nova Iguaçu**: Ideb 2017, Nova Iguaçu. Disponível em: [www.qedu.org.br/brasil/ideb](http://www.qedu.org.br/brasil/ideb). Acesso em: 5 dez. 2019.

ROSA, Rosemar. Biblioteca escolar: Organização. In: ROSA, Rosemar; ESTEVAM, H. M. e BESSA, J. A. (orgs.). **A Biblioteca no Contexto Escolar**. Uberaba – MG: IFTM, 2014, p. 28- 35.

RIBEIRO, Alexsander Borges. **Bibliotecas Públicas do Brasil**: passado, presente e futuro. 2008. 211 f. Monografia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RIBEIRO, Carla Roberta Moreira, et al. A biblioteca Escolar. In: ROSA, Rosemar; ESTEVAM, H. M. e BESSA, J. A. (orgs.). **A Biblioteca no Contexto Escolar**. Uberaba – MG: IFTM, 2014, p. 14- 19.

ROSA, Flávia Goulart M. Garcia; ODONNE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ci.Inf.**, Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set/dez. 2006.

SALA, Fabiana; MILITÃO, Silvio César Nunes. Biblioteca Escolar no Brasil: origem e legislação nacional educacional. In: EDUCERE CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13, 2017, Curitiba, **Anais...** Paraná. 2017, p. 4670-4685.

SAMPAIO, Juliana, et al. Limites e potencialidade das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. **Interface**. Botucatu, p.1299- 1312, 2014.

SANTOS, Adriana Pereira, et al. Biblioteca escolar: Hábito de Leitura, Realidades e Funções. In: ROSA, Rosemar; ESTEVAM, H. M. e BESSA, J. A. (orgs.). **A Biblioteca no Contexto Escolar**. Uberaba – MG: IFTM, 2014, p. 107- 111.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: Um olhar Histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. Nova Série, São Paulo, v. 6, n.1, p. 50-61, jan/ jun. 2010.

\_\_\_\_\_. O Processo Evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v.8, n.2, p. 175-189, jul./ dez. 2012.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Perspectivas Históricas da Biblioteca Escolar no Brasil e Análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 16, n.2, p. 489-517, jul/dez, 2011.

SILVA, J. L. C. Perspectivas da biblioteca escolar no Brasil e análise da lei 12.244/10. **ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v.16, n.2, p. 489-517, jul/dez., 2011.

SILVA, J. L. C. A Biblioteca Escolar em tempo de mudanças no Brasil: A contribuição da biblioteconomia a partir de uma identidade de projeto. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande**, v. 26, n. 2, p. 47-65, jul/dez. 2012.

SOUSA, Bianca Silva Santos de.; LINDOSO, M. F. F. Bibliotecas escolares: passado, presente e o que será do futuro? **R. Bibliomar, São Luís**, v. 15, n. especial, p. 7-17, jul/dez. 2016.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Biblioteca: uma trajetória. In: CONGRESSO DE BIBLIOTECONOMIA, 3. 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.csouza952.com.br/IIICIB.pdf>. Acesso em: 9 maio 2019.

SUASSUNA, Lívia. Pesquisa qualitativa em Educação e linguagem: histórico e validação do paradigma indiciário. **Perspectiva, Florianópolis**, v. 26, n. 1, 341-377, jan/ jun. 2008.

TRAVASSOS, Sônia. **Concepções funções e práticas de salas de leitura de escolas da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro**. 2018. 316 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

VÁLIO, E. B. M. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Trans-in-formação, Campinas**, v.2, n.1, p.15-24, Jan/abr. 1990.

VERÍSSIMO, José. O movimento intelectual em 1981. In: BARBOSA, João Alexandre (Org.). **José Veríssimo. Teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1977. p 112-132.

VIANA, Lilian. **Bibliotecas escolares: políticas públicas para a criação de possibilidades**. 2014.f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Pulo, 2014.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.